

ANA PAULA DE OLIVEIRA GUEDES

**NAS SALAS DE BATE-PAPO DA INTERNET: PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS DE
LEITURA E ESCRITA DE ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Maria Teresa de Assunção Freitas.

JUIZ DE FORA

2001

“Seres humanos, pessoas daqui e de toda a parte, vocês que são arrastados no grande movimento da desterritorialização, vocês que são enxertados no hipercorpo da humanidade e cuja pulsação ecoa as gigantescas pulsações deste hipercorpo, vocês que pensam reunidos e dispersos entre o hipercórtex das nações, vocês que vivem capturados, esquarterados, nesse imenso acontecimento do mundo que não cessa de voltar a si e de recriar-se, vocês que são jogados vivos no virtual, vocês que são pegos nesse enorme salto que nossa espécie efetua em direção à nascente do fluxo do ser, sim, no núcleo mesmo desse estranho turbilhão, vocês estão em sua casa. Bem-vindos à nova morada do gênero humano. Bem-vindos aos caminhos do virtual”

Pierre Lévy

AGRADECIMENTOS

Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez
O discurso-rio de água que ele fazia;
Cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais; porque assim estancada muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o rio antigo que fez.

Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

João Cabral de Melo Neto

Meus sinceros agradecimentos aos internautas, aos colegas do LIC, ao Caio de Mont Serrat Del Duca Cosso, a Maria Teresa de Assunção Freitas, a Maria Tereza Scotton José e a Mirtes Zoé da Silva Moura, que, de diversas formas e em diversos momentos, contribuíram para este discurso.

SUMÁRIO

RESUMO _____	6
ABSTRACT _____	7
Introdução _____	8
1- A Internet e suas modalidades de comunicação _____	12
1.1 - Descobrimdo e conhecendo a Internet _____	12
1.2 - A comunicação mediada pela Internet e suas modalidades _____	14
1.2.1 - Modalidades Assincrônicas _____	14
1.2.2 - Modalidades Sincrônicas _____	15
2 - A nova relação com o texto no suporte virtual: espaço, tempo e mediação _____	19
2.1 - O texto eletrônico e o novo leitor _____	19
2.2 - Escrita: das paredes das cavernas aos computadores _____	20
2.2.1 - Suportes, instrumentos e práticas de leitura e escrita _____	21
3 - Navegando no tema: em busca de portos _____	27
4 - Caminhos e descaminhos: a voz da pesquisadora _____	30
4.1 - Descobrimdo a ilha desconhecida _____	31
4.2 - Anna-Julia: inserindo-me à tripulação e desembarcando na ilha desconhecida _____	32
4.3 - Turbulências _____	33
4.4 - Desbravando a ilha desconhecida _____	35
4.5 - Descobrimdo-me nessa tripulação _____	37
5 - A teoria sócio-histórica e a compreensão das práticas de leitura e escrita nos “ c h a t s ”	39
5.1 - Companheiros de bordo: o olhar teórico _____	39

5.2 - Novos leitores e escritores: os sujeitos da pesquisa _____	42
5.3 - Os gêneros de discurso _____	45
6 - Características da produção escrita nos chats: o gênero discursivo na interação mediada por computador _____	48
6.1 - A construção da escrita nos chats _____	48
6.2 - O nickname Anna-Julia: um enunciado expressivo nas interações nos chats. _____	56
7 - Prosseguindo na rota: o que significa ler e escrever nos chats? _____	59
7.1 - Descobrimos novas rotas: novos leitores e escritores _____	73
7.2 - Ubiquidade e linguagem em movimento _____	80
7.3 - Do virtual ao real ou do real ao virtual _____	83
7.4 - "Ciberc@s@mento": adolescência, imaginação e jogo, polifonia _____	86
8 - Considerações finais _____	90
9 - Anexos _____	93
9.1 - Anexo 1: Glossário de "internetês" _____	94
9.2 - Anexo 2: Abreviaturas _____	96
9.3 - Anexo 3: Produções escritas dos adolescentes internautas _____	97
9.3.1 - Produções literárias e cartas _____	97
9.3.2 - Exemplos de e-mails recebidos _____	108
9.4 - Emoticons utilizados pelos internautas _____	110
10 - Referências bibliográficas _____	112

RESUMO

Este trabalho busca compreender práticas de leitura e escrita de adolescentes mediadas pelos canais de bate-papo da Internet. Desenvolve-se a partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa ancorada numa proposta teórico-metodológica orientada pela perspectiva sócio-histórica, a partir do pensamento de Bakhtin e Vygotsky. A presente pesquisa revela a nova relação com o texto no ciberespaço, a produção e as características da linguagem cibernética e os sentidos dessa experiência de leitura e escrita para os adolescentes internautas. Conclui-se que a leitura e a escrita neste novo suporte revelam-se como interativas, dialógicas, vivas, portanto, significativas para os adolescentes. Ao permitirem a expressão de sentimentos, interesses e o intercâmbio de experiências, contrapõem-se ao cotidiano formalizado das salas de aula. Portanto, esse estudo aponta para um redimensionamento necessário do trabalho com a leitura e escrita na escola frente às inovações tecnológicas presentes na contemporaneidade.

ABSTRACT

The purpose of this work is teenagers' comprehension of reading and writing practice been mediated by net chat. The start point is a theoretical-methodological proposition based on social-historical psychology framed by Bakhtin's and Vygotsky's thoughts as well on qualitative research. A new relationship with the text on visual frame, production and features of cybernetic language and the meaning of reading and writing experiences for internaut adolescents have been pointed out in this study. It has been concluded that the practice of reading and writing in such context are meaningful for adolescents because they are live dialogical interactions, allowing them to express their feelings interests and interchange own experiences. On the other hand, in a classroom environment both have been monologized and aprisioned. So the central concern of this work is to unveil reading and writing in classroom contexts.

Introdução

*É só quando esquecemos todos os nossos conhecimentos
que começamos a saber.*

Clarice Lispector

O presente trabalho representa um marco na minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal. Acadêmica, pois a produção científica, ainda que seja, às vezes solitária, árdua e tortuosa, nos impulsiona à busca da compreensão de fenômenos educacionais e à incontestável contribuição quanto aos rumos da Educação no país. Profissional, porque possibilitou-me desconstruir e reconstruir minha prática enquanto educadora. Pessoal, uma vez que propiciou-me um enorme amadurecimento e fortalecimento do desejo de querer sempre ir além...

O desejo de descobrir, de enfrentar e superar desafios conduziu-me ao encontro da pesquisa em educação. Enquanto professora do Ensino Fundamental, da rede pública municipal de Juiz de Fora e graduanda em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, interessei-me pelas questões da leitura e da escrita e, por isso, me inseri num grupo de estudos que buscava compreender práticas de leitura e escrita de professores. Minhas reflexões sobre o tema prosseguiram em outra pesquisa cujo objetivo era focar práticas sócio-culturais de leitura e escrita de crianças e adolescentes na contemporaneidade.

Tais experiências, efetuadas durante a graduação e acrescidas ao interesse de aprofundamento de minhas reflexões no campo da leitura e da escrita, impulsionaram-me a cursar o Mestrado em Educação na UFJF.

Paralelamente ao meu ingresso no Programa de Pós-Graduação dessa Universidade, vivi um momento de mudanças no campo profissional: de professora do ensino fundamental, atuando na educação infantil, passei a trabalhar com outra realidade, a de adolescentes que voltavam à escola, ainda nas séries iniciais do ensino fundamental (supletivo), imbuídos do propósito de aprender a ler e a escrever. O transcurso dessas mudanças provocou em mim o desejo de conhecer e compreender tais alunos.

No âmbito da pesquisa “Práticas sócio-culturais de leitura e escrita de crianças e adolescentes”, ao narrarem suas experiências com leitura e escrita no seu cotidiano, os adolescentes entrevistados apontaram novos instrumentos culturais, entre eles o computador e a Internet, que vêm sendo mediadores de outras práticas de leitura e escrita no contexto social. Das suas narrativas e das discussões no grupo de pesquisa "Linguagem, Interação e Conhecimento", doravante LIC, nasceu o desejo de compreender a relação de adolescentes com a leitura e a escrita oportunizadas por computadores interligados em rede.

Na atualidade, essa rede ocupa um espaço importante na vida de adolescentes que a ela têm acesso. Reportando-se à escrita na Internet, vários daqueles sujeitos entrevistados, revelaram prazer em usá-la, ao se interagirem nas salas de bate-papo e se comunicarem via e-mail. Isso levou-me a refletir sobre tal interesse. Questionava-me: Por que eles gostam tanto de freqüentar as salas de bate-papo? O que difere a escrita teclada, que ocorre nesse ambiente, da escrita manuscrita do seu cotidiano? O que lêem e escrevem nesse espaço de interação? Para eles, o que significa ler e escrever nos canais de bate-papo?

Numa perspectiva de continuidade dos estudos realizados, o LIC elaborou o projeto de pesquisa intitulado “A construção/produção da escrita na internet e na escola: uma abordagem sócio-cultural”, cujo desenvolvimento iniciou-se em agosto de 1999, com previsão de término em julho de 2001. Interessada na temática propus-me a desenvolver um subprojeto daquela pesquisa, buscando compreender os usos dos “chats” pelos adolescentes e, ao mesmo tempo, desvendar as possibilidades de leitura e escrita neles existentes.

Os primeiros encontros com a "tribo" desses internautas e sua linguagem no ciberespaço causaram-me estranheza e um forte impacto: o que levava esses adolescentes a

passarem noites, e adentrarem pelas madrugadas, conectados aos “chats”? Estariam eles perdendo seu tempo com conversas triviais?

Que linguagem é essa utilizada no ciberespaço? Por que nessa interação criam-se expressões e símbolos que desconheço? Tais questões incitavam-me a cada conexão. E, aos poucos, comecei a compreender a importância dessa escrita/leitura para aqueles adolescentes internautas, surpreendendo-me com sua criatividade e originalidade. Como não desenvolver o estudo que se apresentava como um desafio e com perspectivas de surpresas?

Ao tomar como desafio a compreensão das práticas de leitura e escrita num novo suporte - o ciberespaço, delineei as seguintes questões norteadoras:

O que lêem e escrevem os adolescentes nos “chats”? Qual o significado dessas práticas de leitura e escrita para esses internautas? Entretanto, ao longo do estudo etnográfico, na interação com os “chateadores”, novas perguntas vieram à tona. Essas práticas de leitura e escrita mediadas pelos “chats” favorecem ou instigam a busca de outros suportes de leitura e escrita? Pode-se considerar a escrita teclada como um novo gênero discursivo?

É no diálogo com os adolescentes-internautas e com autores que contribuem para a reflexão das práticas sócio-culturais de leitura e escrita que busco, neste trabalho, responder a tais indagações.

O presente estudo encontra-se estruturado da seguinte forma: após apresentação do trabalho, no capítulo 1, faço uma breve descrição do ciberespaço abordando algumas modalidades de comunicação mediadas por computadores interligados em rede, entre elas o *IRC* e aponto os procedimentos adotados no processo de interação que ocorre neste ambiente, tendo como objetivo contextualizar o espaço em que a pesquisa foi realizada.

No capítulo 2, abordo a evolução dos diversos suportes da escrita apontando a relação leitor-escritor e os suportes do texto. Destaco, nesse item, a nova relação com o texto no “suporte virtual” por ser ele o suporte privilegiado neste estudo.

No capítulo 3, investigo quais são os estudos realizados por interessados no tema e apresento uma síntese desses estudos.

O capítulo 4 trata da metodologia empregada no trabalho, compreendendo desde o relato da minha experiência como pesquisadora no ciberespaço, a descrição dos passos

metodológicos adotados, chegando à discussão dos problemas éticos que a captação de dados na *Internet* pode acarretar.

No capítulo 5, apresento os interlocutores que permitiram-me analisar os eventos descritos neste trabalho. Busco, a partir da perspectiva sócio-histórica, compreender as mudanças tecnológicas bem como entender o homem como sujeito social e histórico. Discorro sobre alguns aspectos da teoria da linguagem interacionista de Mikhail Bakhtin que traz uma abordagem histórica e viva da língua, contribuindo para a compreensão das novas formas de leitura e escrita praticadas por adolescentes no ciberespaço. Entretanto, para compreender as mudanças nas formas de ler e escrever contemporâneas, faz-se necessário compreender “os novos leitores e escritores”. É com Lev S. Vygotsky e sua teoria do desenvolvimento humano que compreendo melhor os sujeitos dessa pesquisa - os adolescentes internautas - e suas experiências de leitura e escrita.

O capítulo 6 consiste numa descrição e análise das características da escrita nos canais de bate-papo. No capítulo 7, analiso as seqüências de bate-papo, isto é, do diálogo travado no *IRC*, revelando o significado de tais experiências de leitura e escrita para os adolescentes freqüentadores das salas virtuais.

Essa análise, construída à luz da teoria sócio-histórica e ilustrada pelos “logs” gravados no período de trabalho de campo, permitiu-me fazer alguns apontamentos para as práticas de leitura e escrita na escola que serão apresentadas no oitavo capítulo. Enfim, este trabalho possibilitou-me compreender que o fascínio dos adolescentes pela leitura e escrita nos *chats* ocorre porque, produzidas nesse espaço, constituem-se práticas com funcionalidade; são vivas, porque há dialogia, autoria, liberdade de expressão...

1 - A Internet e suas modalidades de comunicação

1.1 - Descobrindo e conhecendo a Internet

Sabe-se que o advento da televisão, na década de 40, foi responsável por uma intensa revolução no modo de levar informações à sociedade. Vivendo na era do rádio, as pessoas não imaginavam o quanto a invenção da TV influenciaria suas vidas nos anos vindouros. Hoje, presente na grande maioria dos lares, além de ser um instrumento de entretenimento, a TV pode influenciar (e influencia) o comportamento das pessoas em todo o mundo.

Nas três últimas décadas, em nossa sociedade, assistimos às significativas mudanças das práticas culturais a partir do desenvolvimento de novas tecnologias da comunicação. A TV e o rádio continuam presentes no cotidiano das pessoas e, apesar deles, presencia-se o advento do computador e com ele, o da Internet.

Os efeitos dos avanços tecnológicos não atingiram apenas o saber científico, mas já se fazem presentes na vida das pessoas influenciando, principalmente, as novas gerações.

De acordo com Franco (1997), o domínio das novas tecnologias torna-se a cada dia essencial para a sobrevivência do indivíduo na sociedade: *“O novo Homem deve ter habilidades que permitam sua constante atualização, facilidade de abandonar o absoluto, não ter receio de se apropriar das interfaces que ampliam sua inteligência”*. (p. 14).

A Internet – rede virtual de interligação de computadores - teve início em 1969, no ARPA – Advanced Research Project Agency, do Departamento de Defesa Militar Americano, (que depois passaria a se chamar DARPA – Defense Advanced Research Project Agency), que queria encontrar diferentes rotas para uma informação chegar ao seu destino. Para assegurar-se a chegada dessa informação ao seu destino, criaram a rede ARPANET. Nessa época, esta rede era formada por quatro computadores, localizados em universidades americanas. Posteriormente, ela começou a espalhar-se por outras universidades e centros de pesquisas e, desde então, não parou de desenvolver-se. Na

década de 80, surgiram outras redes que, conectadas, formaram o que se chama hoje de Rede Internet.

Franco (1997) lembra que “a Internet é um lugar por onde a informação trafega veloz e atual”. (p.37). Hoje, a rede cresce a passos largos e, rapidamente, cobre todo o planeta.

No Brasil, as primeiras conexões com a rede internacional aconteceram em 1988, controladas pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e LNCC (Laboratório Nacional de Computação Científica – RJ). A partir de 1990, foi implantada a RNP (Rede Nacional de Pesquisa), controlada pelo CNPq, com o objetivo de expandir a rede interacadêmica (Franco, 1997; Sobral, 1999).

Em 1995, graças a iniciativa do Ministério das Comunicações e do Ministério da Ciência e Tecnologia em estimular o surgimento de provedores privados de serviços Internet, a rede brasileira, quase exclusivamente acadêmica, torna-se também comercial, transformando-se radical e rapidamente.

No final da década de 90, com o progresso das telecomunicações e com o desenvolvimento da informática – e, é claro, com a queda de preços dos computadores pessoais – observa-se, a cada dia, a elevação do número de internautas no país. Em edição especial sobre a vida digital, a revista *Veja* (dez/99) destacou que, naquele momento, já eram cinco milhões de brasileiros *navegando no colorido mundo da web*. O crescimento explosivo da Internet no Brasil foi também abordado por Zilveti (2000) em artigo do jornal *Folha de São Paulo* (29/03/00), que apontava mais de sete milhões de internautas brasileiros. Dados veiculados pelo Yahoo2-Brasil, em 12 de fevereiro de 2001, mostram que há, no Brasil, nove milhões e oitocentos mil usuários da Internet.

O espaço virtual, também conhecido por *Ciberespaço*, é definido por Lévy (1999) como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Sobral (1999) considera o ciberespaço como a “designação do conjunto de redes de computadores interligadas e de todas as informações e dados ali transmitidos dentro da Internet. É um espaço virtual, e não real.”(p.106). Nesse espaço virtual, estão sendo concretizadas novas formas de acesso à informação e novas modalidades de comunicação, que têm provocado um profundo efeito tanto nos processos de apreensão do conhecimento quanto à forma de pensar, agir e relacionar-se das pessoas.

1. 2 - A comunicação mediada pela Internet e suas modalidades

As modalidades de comunicação mediadas por computador são normalmente divididas em duas grandes categorias que consideram o tempo de demora entre o envio das mensagens e a sua chegada ao destino: comunicação assíncronica e síncronica.

De acordo com Mcclary (1998), as modalidades assíncronicas ocorrem em tempos diferentes, isto é, não dependem da presença simultânea dos interlocutores na rede de comunicação. Nesses casos, as mensagens são enviadas para as caixas de correio dos usuários, ou são enviadas para programas específicos, permanecendo disponíveis para seus destinatários, até que eles possam acessá-las.

Por sua vez, as modalidades síncronicas permitem a comunicação em “tempo real”, ou seja, a comunicação ocorre enquanto os interlocutores estão conectados à rede e usando o mesmo programa para esse fim. Nesse caso, as mensagens são recebidas e respondidas durante uma mesma sessão, o que não quer dizer que sejam instantâneas, nem que os interlocutores estejam necessariamente atendendo a essas mensagens exclusivamente. Muitas vezes, ocorre que, por problemas na conexão (sobrecarga de transmissão, por exemplo), as respostas podem demorar alguns segundos para serem recebidas.

A seguir, são descritas as modalidades citadas acima, com ênfase à descrição do IRC (modalidade síncronica), pois esse é o programa privilegiado no levantamento dos dados desta pesquisa.

1.2.1 Modalidades Assíncronicas

Dentre as modalidades assíncronas destacam-se o *e-mail* e as *listas de discussão*. Conforme dito anteriormente, essas modalidades de comunicação não dependem da presença simultânea dos usuários para que a interação se efetue. Os interlocutores elaboram suas mensagens e as enviam para seus destinatários, que irão acessá-las quando possível.

O *e-mail* – abreviação de *eletronic mail* – ou correio eletrônico é uma das formas de comunicação mais comuns entre os usuários da Internet. Trata-se do envio de uma mensagem, através de algum programa específico, por parte de um usuário para o “endereço” de outro usuário. O e-mail, não raro, assemelha-se às cartas, porém, propiciada pela tecnologia, a rapidez na troca dessas mensagens, interfere de alguma maneira na linguagem utilizada pelos usuários, diferenciando-o, muitas vezes, das cartas convencionais.

As listas de discussão (também denominadas fóruns, grupos de discussão, *newsgroup*, *mailing lists*) são muito parecidas com os correios eletrônicos, com a diferença de que, nelas, a comunicação se dá entre muitas pessoas. Os usuários se inscrevem em um determinado grupo de discussão que aborda algum assunto de seu interesse (desde assuntos profissionais até gosto musical). Feita a inscrição, o usuário passará a receber um pacote de mensagens e poderá não apenas ler, mas também participar da discussão, enviando sua mensagem que será compartilhada por todos. A inscrição poderá ser feita de duas formas: através de *newsgroups*, no qual é preciso um programa específico para se lerem as notícias que são recebidas; ou através do *mailing list*, onde as mensagens são acessadas através de um programa normal de leitura de *e-mails*.

1.2.2 - Modalidades Sincrônicas

Das modalidades síncronas destacam-se as salas de bate-papo abertas. São chamadas de salas abertas ou públicas porque estão disponíveis para qualquer usuário conectado à Internet, num limite de aproximadamente 30 pessoas por sala. Elas organizam-se por assuntos diversos, tais como: idade, namoro, sexo, cidade, clubes de futebol, etc.

O procedimento básico é sempre o mesmo: o usuário escolhe um nome (*nickname*), entra em uma sala virtual de seu interesse, digita seu enunciado, envia-o e, em seguida, esse aparece na tela dos outros participantes. Eles, por conseguinte, digitam as respostas, que também aparecem na tela dos outros usuários. Com a constante procura por essas salas virtuais, as possibilidades de interação foram se sofisticando. Atualmente, além da troca de mensagens escritas, é possível que os usuários troquem músicas, imagens e até mesmo conversem mediados pela Internet.

Dentre os programas que permitem a comunicação entre dois ou mais interlocutores pela mediação da rede mundial de computadores destacam-se o ICQ (I seek you) e IRC⁶ (Internet Relay Chat) – sendo este último o programa privilegiado neste estudo. Também conhecido por bate-papo, ou “*chat*”⁷, o IRC funciona em um tipo de central (servidor), onde várias pessoas se encontram para conversar entre si pelo computador. Diferente do que acontece no correio eletrônico, que é assíncrono, nos “*chats*”, é possível conversar em tempo real, tal como se faz ao telefone. O bate-papo pode ser realizado via teclado, ou viva voz. São os softwares de comunicação on-line que permitem essa sincronia. Entretanto, como aqui o propósito é analisar a produção de linguagem escrita na Internet, a atenção neste estudo, estará voltada ao bate-papo teclado.

Para participar desse sistema, é necessário ter um programa “cliente” instalado, que faça conexão com um dos “servidores” do IRC, na Internet. A comunicação através do IRC acontece nos vários “canais” (também organizados por assunto de interesse dos usuários), nos quais os participantes devem entrar para receber as mensagens dos seus interlocutores e mandar-lhes mensagens. Cada usuário escolhe um *nickname* (apelido), que pode ser mudado freqüentemente. Interessante destacar que esse sistema permite o anonimato dos participantes, que podem usar um nome fictício, assumir uma outra identidade, ou seja, nesse lugar virtual, esses podem assumir ou criar um personagem, podem fantasiar e brincar.

Para interagir com outros internautas num canal de IRC, o usuário digita toda a mensagem e depois envia para o seu interlocutor, através da tecla “*enter*”. Nesse caso, a mensagem escrita pode ser pensada, elaborada e corrigida sem que o interlocutor participe, ou melhor, sem que veja esse processo. Contudo, os dados ilustrados nos capítulos 6 e 7 revelam que, na maioria das vezes, a revisão do texto digitado não ocorre, devido a fatores que serão discutidos nos referidos capítulos.

A interação no *IRC* pode ser realizada de várias formas: no canal aberto, na interação simultânea nos *pvt*s, ou ainda *dcc chat*⁸.

Para iniciar um *pvt*, o usuário deve enviar um enunciado ao seu interlocutor, que pode optar pelo diálogo ou não. No canal aberto, todos os internautas participam do diálogo e, assim como na conversa privada – *pvt*, não existe controle de troca de turno, nem limite para o

tamanho dos enunciados: os dois interlocutores podem digitar suas mensagens simultaneamente. As mensagens são mandadas linha por linha, liberadas para envio com a tecla "enter". Assim, quando um usuário entra num canal, passa a receber na tela do monitor, em tempo real, as mensagens que as outras pessoas estão enviando e pode mandar-lhes mensagens.

É interessante destacar que, como o diálogo permanece na tela, possibilita-se uma releitura, ou seja, permite-se sempre a reiteração dos diversos diálogos abertos e tornando possível conversar, ao mesmo tempo, com muitas pessoas e, com cada uma um assunto diferente, o que é pouco comum no cotidiano, numa festa ou num *happy hour*, por exemplo.

Durante uma conversação do *IRC*, de certa forma, os diálogos que aparecem na tela lembram aqueles modelados na conversação oral. No entanto, nessas “conversas escritas” são utilizadas formas bastante criativas para representar a comunicação extraverbal. Trata-se dos recursos gráficos conhecidos como *emoticons*.

O *chat* é um sucedâneo do “Disque Amizade”. Porém, no *chat*, a comunicação se concretiza através da escrita. De acordo com Franco (1997), o *chat* “aponta para aquilo que chamamos de realidade virtual, um lugar alternativo ao mundo concreto onde as pessoas podem estabelecer uma vida digital”. (p.48).

Esse mesmo autor lembra que essas tecnologias, hoje vistas por alguns como curiosidade e diversão, podem ter um grande efeito na vida das pessoas. Neste sentido, conceitos como realidade, espaço e tempo devem ser repensados a partir das novas tecnologias.

Nos “chats”, a comunicação é *on-line* e há necessidade de agilidade de leitura e escrita para manter-se o diálogo e, por isso, a escrita é abreviada. Criam-se novos signos e significados para as palavras. Visitas, salas de bate-papo e outros termos vão tendo novos sentidos para os internautas.

Essas mudanças nos levam a refletir sobre a relação entre as novas tecnologias e os modos de produção da escrita. Quais mudanças vêm acontecendo nas formas de ler e escrever no meio cibernético?

Para responder tal questão, busco, no próximo capítulo, compreender a relação entre leitor/escritor e os diversos suportes de texto presentes em nossa sociedade.

Figura 1 – Sala de bate-papo aberta

The screenshot shows a Scoop IRC client window titled "Scoop »|« Scoop Script 2000 »|« - Lag: 0.398 segs. - [#juizdefora [+nt]: HOJE É DIA DO CALAZANS--D2 LEVAR OVO NO.....". The window contains a chat log on the left and a user list on the right.

Chat Log:

```

*** {_WOLF_} desconectou do IRC (Quit: tenho que ir se der amanha eu volto (
aguardem no torneio da Genkai com minha matilha se segure Toyia minha espada vai
ser muito mais cortante que a sua ))
*** leandroooooo desconectou do IRC (Quit: |@MinJa 4.5@| --> Feito para você.
Disponível em www.ninjascript.com.br)
<Perninha23> olha isto: P.U.N.H.E.T.A. que significava Processo Unilateral
<Perninha23> >> de Normalização Hormonal por Estímulo Temporário Auto-induzido.
*** to tristim desconectou do IRC (Quit: »|« Scoop Script 2001 »|« não veja mais o
irc em preto e branco! <www.scoop.com.br> )
*** Doce Morena saiu do #juizdefora
<Rimen> QUER TC?????????
<doca> nick orfeu
*** BrancaBela entrou #JUIZDEFORA
*** doca trocou seu nick para orffeu
<The_ShiNe> www.defleppard.com
<The_ShiNe> www.defleppard.com
<touro> porra
<touro> to com preguica de escovar os dentes
<Rimen> BELEZA?????????
<The_ShiNe> has left #juizdefora
*** The_ShiNe saiu do #juizdefora
<bruxu> eeeeeee
*** }Perninha23{ trocou seu nick para FernandoLivan
* Homem`Passaro vende aparelhagem completa de som e instrumentos musicais. Motivo:
fim da banda interessados put
*** Bernardo_RJ saiu do #JuizDeFora
*** {ICQ} desconectou do IRC (Ping timeout)
*** Bfuno-jf saiu do #juizdefora
<bruxu> bluesssssssss

```

User List (Right Panel):

```

FernandoLiv...
Gene_Simon...
Homem`Passa...
Ipsulon
JanickGers
Kapilo
KIDBILL
LEo-22
Liza-jf
Iosh
LULINDA
marcus--jf
MOREIRA_JF
NUM-KERU-NII
orffeu
princesinha...
Rimen
Rondon
saw
Sneaky
Spint
Tmido_jf
toto_ou_nau...
touro
UGOSTOSO
[BAD]Under||
\\Baco\\
^EU^
||Hardcore|
||Toro_18||

```

The taskbar at the bottom shows several open applications: Iniciar, Scoop, AnnaJ..., Caixa..., Micros..., Explor..., and a system tray with the time 01:40.

2 - A relação com o texto no suporte virtual: espaço, tempo e mediação

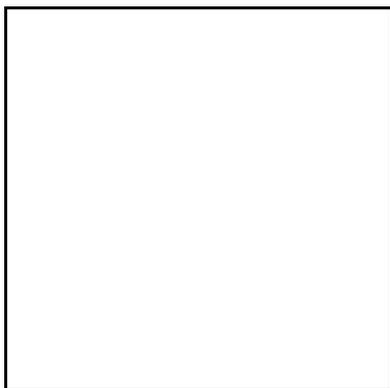
*Como decifrar pictogramas de há
dez mil anos se nem sei decifrar
minha escrita interior?*

Carlos Drummond de Andrade.

2.1 - O texto eletrônico e o novo leitor:

A escrita na Internet, como bem nos coloca Chartier (1997), nos leva a pensar como nossa concepção de texto está sendo alterada e como tal modificação carrega, desde o processo de sua criação, os vestígios dos usos e interpretações permitidos pelas formas que a precederam. Compreender, portanto, as práticas contemporâneas de leitura e escrita no suporte virtual implica entender que as mudanças que vêm ocorrendo estão atreladas a uma alteração na característica da linguagem escrita privilegiada nos diferentes suportes.

A seguir, abordo sucintamente as transformações pelas quais passaram a leitura e a escrita, entendendo-as como prática sócio-cultural que, com seu surgimento, revolucionaram a humanidade. De acordo com Lévy (1999), para se compreender as mudanças que vêm ocorrendo, é preciso refletir sobre a primeira grande transformação na “ecologia das mídias”: a passagem das culturas orais às culturas da escrita. Nesse sentido, a seguir, discorro sobre a origem da linguagem e seu desenvolvimento, no intuito de entender a linguagem cibernética de hoje.



2.2 - Escrita: das paredes das cavernas aos computadores

Na vida dos homens primitivos a comunicação era bastante restrita. O homem uivava e gesticulava, sendo as mãos muito importantes, pois com elas fazia seus instrumentos para a caça e comunicava-se. Com o tempo e pela dificuldade de matar animais, os homens sentiram necessidade de aperfeiçoar suas armas e de organizar as caçadas. Assim, aos poucos, foram surgindo as primeiras palavras que deram origem à linguagem falada.(Silvestri & Blanck, 1993).

Desde então, a oralidade passou a ser a forma de linguagem básica do homem. (Ong, 1998; Freitas, 1999). Mais tarde, sentindo necessidade de registrar suas descobertas, experiências, o conhecimento adquirido, bem como seus sentimentos, o homem da caverna utiliza os instrumentos criados por ele, as tintas feitas de frutos de cores diferentes e sangue de animais e passa a registrar seu pensamento nas paredes das cavernas. Surge a escrita.

A invenção da tecnologia da escrita propicia o desenvolvimento da oralidade, pois tal tecnologia desenvolveu-se de forma singular nos diversos grupos sociais. Nesse sentido, Ong (1998) e Lévy (1996) caracterizam dois tipos de oralidade: a oralidade primária que reporta ao papel da palavra antes que uma sociedade tenha adotado a escrita; a oralidade secundária a qual está relacionada ao papel da palavra numa sociedade onde a escrita se faz presente.

Com a escrita, há uma mudança nas formas de ver e pensar o mundo. O homem sente-se impelido a compartilhar e a registrar suas experiências. E é dessa necessidade de registrar e de compartilhar experiências que nasce o livro. Sua primeira forma é a manuscrita. Utilizando-se de tábuas de argila, papiros e pergaminhos, o homem traça sinais mais variados: pictográficos, mnemônicos, ideográficos, cuneiformes, hieroglíficos e fonéticos.

2.2.1 - Suportes, instrumentos e práticas de leitura e escrita

Sabe-se que a necessidade de sobreviver foi responsável pelas primeiras formas de comunicação oral e escrita. A humanidade precisou de um longo tempo para inventar a escrita e também para descobrir superfícies adequadas para fazer seus registros. Os homens pré-históricos faziam seus registros nas paredes das cavernas. Na Antigüidade, tabletes de argila secos ao sol e madeira eram usados como suportes da escrita.

O papiro, criado pelo povo egípcio, era confeccionado pela folha da planta de mesmo nome e, depois de preenchido com escrita, constituía o rolo ou *volumen*.

Na escrita em rolos não se separavam palavras, não se distinguiam maiúsculas e minúsculas e nem se usava pontuação. Essa escrita precisava ser lida em voz alta “por alguém que permitiria ao ouvido desembaralhar o que ao olho parecia uma linha contínua de signos”. (Manguel, 1997. p.64). Ler um rolo implicava ocupar ambas as mãos, uma para enrolar e outra para desenrolar, o que obrigava o corpo a permanecer numa posição que deixasse os dois braços libertos. Implicava também proceder a uma leitura contínua, coluna a coluna, na qual era difícil voltar atrás e encontrar com precisão um trecho que se quisesse porventura reler; e sequer podiam ser feitas anotações enquanto se lia.

Com o advento do pergaminho, espécie de papel feito de pele de ovelha, foi possível experimentar um novo formato, que é o antepassado do atual livro. O códex - conjunto de cadernos dobrados, cosidos entre si e protegidos por uma encadernação - podia ser folheado para frente e para trás, e isso veio facilitar a consulta a diferentes pontos do livro.

O pergaminho era usado por religiosos que copiavam à mão textos sagrados e obras gregas e romanas selecionadas pela Igreja. Cada livro produzido era uma obra de arte. As letras eram contornadas por miniaturas e decorações e a caligrafia muitíssimo trabalhada.

Cada forma de apresentação do livro implicava diferentes modos de leitura. De acordo com Manguel (1997), os livros *in-fólio* eram muito grandes, exigiam púlpitos ou mesas como suporte no momento da leitura, proporcionando ao leitor maior liberdade ao passar as páginas e possibilidade de se ler e se escrever simultaneamente.

O papel, suporte de escrita inventado pelos chineses, era usado para textos manuscritos e mais tarde, pela imprensa. A invenção da imprensa, no século XV, provocou impactos na vida social e intelectual: “Os efeitos de Gutenberg foram instantâneos e de alcance extraordinário, pois quase imediatamente muitos leitores perceberam suas grandes vantagens: rapidez, uniformidade de textos e preço relativamente barato.” (Manguel, 1997. p.158).

Com a invenção da imprensa, houve uma relativa popularização dos livros e grande produção de material de leitura. Contudo, apesar das suspeitas da época, o gosto pelo texto manuscrito não desapareceu. Ao mesmo tempo em que o acesso aos livros tornava-se mais fácil, mais pessoas também aprendiam a escrever. A imprensa, de acordo com Manguel (1997), em vez de substituir a escrita à mão, veio promover uma valorização dessa prática.

E hoje, qual o impacto da tecnologia da informática sobre a escrita e o livro? De acordo com Manguel (1997), a tecnologia dos computadores e a proliferação de livros em CD-ROM não afetaram – até onde mostram as estatísticas – a produção e venda de livros na forma de códice. Quem será esse leitor do século XXI? Quais as influências do suporte na prática de leitura?

Para Chartier (1998), esse novo leitor assemelha-se ao leitor da antiguidade:

“o texto que ele lê corre diante de seus olhos; é claro, ele não flui tal como o texto de um livro em rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente, já que agora ele corre verticalmente. De um lado, ele é como o leitor medieval ou o leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como a paginação, o índice, o recorte do texto. Ele é simultaneamente esses dois leitores.” (p.13).

De acordo com Chartier (1998), a publicação em suportes virtuais tende a eliminar a figura do editor, cujo papel propende, assim, a ser exercido pelo próprio autor. Se, por um lado, como defende Chartier (1998), isso aumenta a liberdade dos autores, entretanto, possibilita também a proliferação de informações que – não sendo submetidas a processos de controle editorial (revisão, responsabilidade editorial, avaliação de confiabilidade e padronização) – podem não oferecer aos leitores indicadores comuns de sua confiabilidade.

A informação efêmera e inconstante é característica do texto eletrônico. Quanto tempo o texto permanecerá na rede? A Internet é um vasto banco de dados, mas em

permanente mudança. De acordo com as necessidades de produção e domínio desses dados, os organizadores ou proprietários das páginas ou dos sites inserem ou retiram elementos dos mesmos. Além disso, muitos endereços saem momentaneamente do domínio da navegabilidade, ou são alterados, impedindo ao usuário utilizar a página em diferentes momentos. Nesse sentido, Cavallo & Chartier ressaltam que:

Devemos lembrar que não existe texto fora do suporte que permite sua leitura (ou da escuta), fora da circunstância na qual é lido (ou ouvido). Os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que se tornam objetos escritos – manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados – manejados de diferentes formas por leitores de carne e osso cujas maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes. (1998. p. 9).

E o que é ler nesse novo suporte? Sob um ponto de vista social, o ato de ler é o resultado das tensões que se estabelecem entre dois grandes conjuntos de fatores: de um lado, aqueles relacionados aos leitores e às comunidades de interpretação nas quais estão inseridos, de outro, aqueles relacionados aos textos e a sua materialidade. (Chartier, 1998, 1997).

O surgimento de novos suportes para a escrita - os suportes virtuais - deu origem a novas formas de organização textual e a novas configurações visuais da página. Se os modos de ler são dependentes, dentre outros fatores, da materialidade dos textos, quais modificações estariam ocorrendo nas práticas de leitura desenvolvidas em suportes virtuais, tal como o computador? Quais são as práticas de leitura na Internet? Que impactos essa nova tecnologia vem exercendo sobre a leitura?

Relevante enfatizar que essas tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura. Assim, que transformações ou modificações esse novo produto da cultura – que são os suportes virtuais – estaria trazendo para as práticas de leitura e escrita? Que novas possibilidades oferece aos leitores? Que limitações apresenta para a leitura?

De acordo com Chartier (1998), a leitura na tela apresenta características parecidas com a da Antigüidade: quando se lia um texto em um rolo ou volumen da mesma forma que hoje se lê o texto na tela, passando a barra de rolagem, o que tende a dificultar uma visão geral do texto, bem como a localização rápida de partes ou trechos. Numa comparação,

porém, há fatores que distinguem a leitura na tela daquela que se realizava por meio do rolo:

Ao ler numa tela, o leitor de hoje - e ainda mais o de amanhã - encontra novamente algo da postura do leitor da Antigüidade que lia um volumen, um rolo. Mas a diferença não é pequena; com o computador, o texto se desenrola verticalmente e é dotado de todas as referências próprias do codex: paginação, índice, tabela, etc. O cruzamento das duas lógicas que se realiza na leitura dos suportes precedentes do escrito manuscrito ou impresso (o volume, o codex) indica claramente que está estabelecida uma relação totalmente original e inédita com o texto. (Cavallo & Chartier, 1998. p. 30).

Outro aspecto parece distinguir a leitura no suporte virtual: trata-se da dificuldade para se obter uma visão global do conjunto do texto, não só porque este é dado a ler por meio de uma tela ou janela e sua composição submete o leitor a linkagens. Logo, boa parte do texto está oculta, não aparecendo no texto principal ou índice. Para o leitor, o conhecimento do texto como um todo propende a só se realizar de modo sucessivo, a partir do momento em que ele navega ou clica os textos relacionados ao eixo principal. Ao ler um artigo de jornal, em suporte de papel, por exemplo, o leitor toma conhecimento de outros artigos correlatos e de sua composição como um todo; já na tela tal percepção é parcial. Assim, devido à composição e estruturação em links, as páginas de um livro ou um artigo de revista organizam-se diferentemente num texto eletrônico, tal como destaca Chartier: “Ler um artigo em um banco de dados eletrônico, sem saber nada da revista na qual foi publicado, nem dos artigos que o acompanham, e ler o "mesmo" artigo no número da revista na qual apareceu, não é a mesma experiência. (Chartier, 1998. p.128).

Segundo Cavallo & Chartier (1998), a nova representação do escrito modifica a noção de contexto, substituindo à contigüidade física entre textos presentes num mesmo objeto (um livro, uma revista, um jornal), assim como transforma sua posição e distribuição em arquiteturas lógicas que governam os bancos de dados, os fichários eletrônicos, os repertórios, as palavras-chaves, as quais tornam possível o acesso à informação.

O texto no suporte virtual apresenta dificuldades para ser transportado e ser usado em locais em que os textos impressos podem ser utilizados. Com o desenvolvimento tecnológico e a evolução eletrônica, novos visores de tela, menores (do *lap-top* ao *palm-top*), já estão sendo empregados para se resolver o problema do transporte e da comodidade na leitura. Diante dessas características do texto num suporte virtual, a leitura tende a ser realizada em espaços circunscritos, a favorecer o isolamento e a leitura individual.

O texto em suporte de papel apresenta saliências, marcas, referências como o índice, as notas de rodapé, os títulos, os subtítulos. Tais saliências aparecem também no texto eletrônico, mas com uma nova configuração. Nesse caso, envolvem não só o uso da linguagem escrita, mas também um emprego expressivo de movimentos, imagens e sons, utilizando-se a página em html. Nesse tipo de página, os hipertextos tendem a funcionar como essas saliências: são os hipertextos de imagens, sons, novos textos e informações. Há uma substituição no suporte virtual, portanto, das notas de rodapé, referências, índices e outras marcas que evidenciam a estrutura de um texto, pelos links, formas pelas quais se constroem os hipertextos.

A organização gráfica dos textos da Internet auxilia quanto ao acesso e a rapidez da leitura de uma forma específica, através do hipertexto, da hipermídia ou da multimídia interativa. Essa especificidade, porém, vem dar continuidade a uma forma antiga de leitura: a leitura de enciclopédias.

A leitura de uma enciclopédia clássica [em suporte de papel] já é de tipo hipertextual, uma vez que utiliza as ferramentas de orientação que são os dicionários, léxicos, índices, thesaurus, atlas, quadros de sinais, sumários e remissões ao final dos artigos. No entanto, o suporte digital apresenta uma diferença considerável em relação aos hipertextos anteriores à informática: a pesquisa nos índices, o uso dos instrumentos de orientação, de passagem de um nó ao outro, fazem-se nele com grande rapidez, da ordem de segundos. Por outro lado, a digitalização permite associar na mesma mídia e mixar finamente os sons, as imagens animadas e os textos. (Lévy, 1996. p.44)

As páginas do livro ou do jornal são folheadas e manuseadas num contato corporal (no colo, no manuseio das folhas com os dedos); já o leitor, na utilização do suporte virtual, apresenta um certo distanciamento, a partir do momento em que ele necessita de outros instrumentos como a tela, o *mouse* ou teclado a fim de que a tela se configure numa página digital.

Muitas vezes, a própria posição estabelecida nos espaços circunscritos de leitores individualizados nos computadores é incômoda e o tempo dedicado à leitura é menor. Em relação à Internet, no Brasil verifica-se ainda um fator de natureza econômica: o tempo de utilização é medido em impulsos de ligações telefônicas e as horas concedidas pelos provedores têm um custo. Também, muitas vezes, a leitura na Internet é congestionada e de difícil acesso. Entretanto, não raro, acompanhamos leitores e escritores que se colocam diariamente diante do computador para ler e escrever.

De acordo com Chartier (1998), os textos eletrônicos caracterizam-se pela indestrutibilidade. Eles podem ser gravados, arquivados em cópias eletrônicas e protegidos da ação do tempo. Isso, com certeza, é verdadeiro para grandes arquivos internacionais. Para os usuários comuns, entretanto, ocorre bem o contrário, já que utilizam suportes extremamente perecíveis, como o CD ROM, os disquetes e mesmo os discos rígidos. Aspectos técnicos, mecânicos e vírus podem destruir facilmente esses materiais em que se gravam os textos.

O computador e a Internet trazem novas possibilidades de leitura e escrita. Contudo, o texto eletrônico leva à modificação da relação do leitor e texto. Diante da tela, o indivíduo pode ser simultaneamente leitor, autor e editor de um texto, muitas vezes realizado e construído a várias mãos ou pode produzir um novo texto, a partir de fragmentos livremente recortados e reunidos (Lévy, 1995).

O usuário do suporte virtual, no caso a Internet, lê, recorta, cola, intervém, modifica, reescreve o que lê, alterando a noção de propriedade do texto. Em um texto impresso, poderá o leitor escrever ao lado dos parágrafos lidos, sublinhar, apontar com setas. Já no suporte virtual, ele tem a facilidade de acessar ferramentas que lhe propiciem modificar, alternar e tornar-se co-autor de novos textos. Além disso, o leitor pode também intervir na própria estrutura do texto, redefinindo a "materialidade das obras, quebrando o elo físico que existia entre o objeto impresso (ou manuscrito) e o texto ou textos que ele veicula, dando ao leitor, e não mais ao autor ou ao editor, o domínio sobre o contorno ou a

aparência do texto que ele faz aparecer na tela. É, portanto, todo o sistema de identificação e manejo dos textos que é transformado. (Cavallo & Chartier, 1998. p. 9).

Diante de tal transformação, quais estudos e pesquisas têm se preocupado em compreender as especificidades da escrita no suporte cibernético?

3 - Navegando no tema: em busca de portos

A comunicação mediada pela Internet é uma área de estudo relativamente nova; mas, como os computadores e a Internet têm-se tornado parte integrante da sociedade, esse campo de pesquisa tem crescido significativamente. As perspectivas teóricas, para se estudar esse fenômeno, são várias: atualmente, há pesquisadores estudando o impacto que essas formas de comunicação têm provocado na sociedade com suas implicações culturais, cognitivas, lingüísticas, políticas e técnicas.

Buscando delinear o quadro de investigações a respeito das práticas sócio-culturais de leitura e escrita mediadas pelo computador e a Internet, num primeiro momento, busquei conhecer os trabalhos que constam do CD ROM da ANPEd – Associação Nacional de Pesquisa em Educação (1999). Encontrei um grande número de dissertações e teses (mais de cem) que abordam a aplicação da informática na educação. Porém, dentre esses trabalhos, apenas seis reportam-se à Internet.

O trabalho de Lasmar (1995) busca compreender a contribuição da rede eletrônica para o desenvolvimento de programas educacionais. É também interessada na aplicação de computadores na educação que Le Roy (1997) desenvolve seu estudo “A internet na aprendizagem: aplicação do correio eletrônico em atividade pedagógica para alunos do

ensino fundamental”, no qual ela apresenta aspectos vivenciados no processo de implantação do correio eletrônico nas escolas selecionadas.

Lima Júnior (1996), estudando as novas tecnologias e a educação escolar, refere-se à Internet como uma possibilidade de transformação da prática pedagógica. Nessa mesma linha, Franco (1996) considera que a informática e a Internet são as novas inteligências a que o saber atual está ligado. Para ele, as novas tecnologias de informação devem ser utilizadas da mesma forma que técnicas como a escrita e a impressão o foram.

Leite (1997), busca compreender o modo como professores e alunos percebem a utilização da Internet no contexto escolar. Seu estudo revela que, ao contrário dos alunos, os professores não possuem experiência de uso da Internet. Os alunos reconhecem a Internet como espaço de busca de conhecimento, através da troca de informações e de comunicação interativa entre jovens de diferentes lugares.

Pacheco (1996), investiga a situação de diálogo estabelecida entre alunos de sexta e sétima séries via computador, através da rede Kidlink, revelando que os ambientes virtuais de comunicação da Internet têm potencial para se tornarem espaços educativos extra-escolares de interações de ensino-aprendizagem. Conclui que o uso das redes convida ao trabalho coletivo e a uma comunicação cada vez mais ativa entre seus usuários.

À procura de portos, isto é, de estudos consolidados sobre o tema nesse instrumento de pesquisa, deparei-me com uma escassa literatura. Visitei bibliotecas e livrarias, que se encontravam, então, desprovidas de livros, periódicos e revistas que abordassem esse tema.

Diante da sua atualidade, do desafio da busca, pensei que poderia encontrar as informações no próprio instrumento de pesquisa, a Internet. Nesse sentido, a participação em listas de discussão e a interação com colegas e professores possibilitaram-me conhecer artigos e dissertações recentes sobre os usos da Internet.

Esses trabalhos consistem em estudos lingüísticos sobre a questão do virtual e limitam-se à questão da oralidade e da escrita. Nessa linha, os trabalhos de Braga (1999) e Hilgert (2000) fazem uma descrição da linguagem híbrida dos bate-papos virtuais. Medeiros (2000), em seu trabalho, estudou alguns aspectos do bate-papo do ICQ, investigando a relação entre fala e escrita. Há também os estudos de Guerra (2000), que abordam a relação oralidade e escrita nos bate-papos virtuais, tendo como principal foco o gênero social, ou seja, relações entre homens e mulheres, vistas da perspectiva da análise do discurso.

Vale lembrar que a questão do gênero é abordada também em Nicolaci-da-Costa (1998), do ponto de vista da Psicologia, e em Porto (1999), do ponto de vista da Comunicação Social, quando tais autores fazem menção a relacionamentos amorosos (sejam heterossexuais ou homossexuais) na *internet*.

Já a preocupação com os impactos e as mudanças que a rede vem trazendo no cotidiano da civilização é abordado por Nicolaci-da-Costa (1998), e também por Zenha (2000) que, em estudo em andamento, vêm buscando descrever e analisar os impactos que os novos suportes digitais podem estar exercendo sobre a leitura.

Além dos estudos citados, O LIC - Grupo de pesquisa *Linguagem, Interação e Conhecimento* (NUPEL-FACED/UFJF) - está concluindo a pesquisa “A construção/produção da escrita na Internet e na escola: uma abordagem sócio-cultural”, que aprofunda os estudos sobre a temática da escrita como prática sócio-cultural mediada pela Internet e pela escola. (Freitas & Costa, 1999).

No exterior, os estudos de Don Tapscott (1999), revelam como a nova geração, criada na tecnologia digital, está revolucionando os acontecimentos circundantes, e Brockman (1997) faz uma análise das mudanças que vêm acontecendo com o advento da Internet, através do diálogo com a “primeira geração digerati”.

Lévy (1996), faz reflexões que instigam à busca da compreensão das transformações promovidas pela sociedade informática e pela intensa velocidade das mutações nas comunicações.

A análise desses dados revela um interesse pela aplicação da Internet na educação e também pela compreensão das mudanças em prol das novas tecnologias. Entretanto indica a inexistência de estudos que tratam especificamente das práticas de leitura e escrita mediadas pela Internet no cotidiano de adolescentes. Tal constatação instigou-me, ainda mais, a dialogar com adolescentes, buscando compreender como se processam a leitura e a escrita nesse novo suporte e quais os significados dessas práticas para esse sujeitos que freqüentam os "*chats*".

4

- Caminhos e descaminhos: a voz da pesquisadora

*Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você
não conhece como eu mergulhei.*



Clarice Lispector

Este capítulo consiste num relato do processo metodológico utilizado nesta pesquisa. Sendo objetivo deste trabalho compreender o significado das novas formas de leitura e de escrita oportunizadas pela Internet e praticadas por adolescentes, optei pela abordagem de pesquisa que busca a compreensão do objeto de estudo a partir dos sujeitos pesquisados, isto é, a qualitativa. Quais caminhos propiciariam essa compreensão? Como pesquisar nesse novo espaço?

Por algum tempo, essas questões me inquietaram e levaram-me ao reencontro de autores sócio-históricos que se preocuparam com a importância do processo metodológico para a compreensão das atividades psicológicas.

Vygotsky (1998), teórico da década de trinta, ao tratar da questão do método em pesquisa, postulava que estudar um fenômeno novo exige, inevitavelmente, novo método de investigação e análise. E sendo a Internet um novo fenômeno, percebi que, para compreendê-la e também compreender as formas de linguagem nesse ciberespaço, os métodos usuais de pesquisa qualitativa não seriam suficientes para se alcançar a dimensão desse campo de investigação por mim privilegiado.

Após leituras, reflexões e debates realizados com pesquisadores do LIC, concluí, juntamente com a equipe, que não bastava dar voz aos sujeitos, ir ao seu encontro e indagar sobre suas práticas de leitura e escrita na Internet. Era preciso mais, muito mais... Eu precisava tornar-me uma internauta, pesquisar o *chat* no próprio *chat*. Para se compreender o significado dessas experiências para os adolescentes, o caminho plausível seria o mergulho no próprio ambiente a ser investigado. Que tipos de procedimentos seriam válidos para que os objetivos propostos fossem atingidos? Optei por assumir uma posição de membro do grupo e interagir de modo mais natural possível com os sujeitos investigados, realizando uma observação participante. Assim, nesta dissertação, por estar interessada em compreender fenômenos relacionados à leitura e à escrita do internauta adolescente, dediquei-me, exclusivamente, a conexões no *mIRC* e selecionei, a princípio, o canal "juizdefora". Apesar de essa palavra significar um espaço geográfico real, isto é, uma cidade de porte médio de Minas Gerais, no ciberespaço, as fronteiras geográficas de "Juiz de Fora" se dissolvem, possibilitando que esse espaço seja virtualmente ocupado por adolescentes de diferentes regiões do país. As interações vivenciadas aí levaram-me a conhecer outros canais, a convite de internautas que, aos poucos, foram tornando-se meus interamigos. Nesses canais, conecta-se um grupo reduzido, porém assíduo, de participantes com afinidades e que promove *IRContros* com frequência nos "points" da cidade.

4.1 - Descobrimo a ilha desconhecida

O homem do leme pergunta aos marinheiros que descansam na cobertura se avistam alguma ilha desabitada, e eles respondem que não vêem nem de umas nem das outras, mas que estão a pensar em desembarcar na primeira terra povoada que lhes apareça, desde que haja lá um porto onde fundear, uma taberna onde beber e uma cama onde folgar, que aqui não se pode com toda essa gente junta. E a ilha desconhecida, perguntou o homem do leme. A ilha desconhecida é coisa que não existe, não passa duma idéia da tua cabeça.

José Saramago

Minha incursão pela ilha-IRC foi mediada por adolescentes que se revelaram fascinados por essa forma de comunicação e contagiaram-me, fazendo brotar em mim a necessidade de conhecer e mergulhar nesse novo mundo. Buscando uma familiarização com o meio, numa experiência piloto, ancorei-me no porto por dois meses, acompanhando as embarcações de um desses adolescentes, uma menina de 14 anos que, enquanto teclava, ia revelando seus sentimentos e as formas de compreensão desse espaço, mostrando-me como funciona o *mIRC* e dando-me dicas importantes para o uso desse programa.

Sentindo-me preparada, pronta para navegar nesse oceano, ou seja, informada sobre como trafegar nesse espaço virtual, dediquei-me às conexões à Internet, mais precisamente ao IRC, tornando-me, então, uma internauta e freqüentadora assídua dos canais de *chat*, operados e freqüentados por adolescentes. Já nas primeiras semanas de conexão à rede, fiquei perplexa diante da infinitude desse mar, com tantas possibilidades de informação e comunicação que o computador e a Internet oferecem.

O próprio contrato com o provedor foi um momento significativo: ao receber um de seus funcionários, numa manhã de sábado, muito impressionou-me a sua aparência de garoto de 17 anos, cabelos compridos, dois brincos na orelha esquerda, calça cargo, uma camisa enorme com estampa de uma banda estrangeira. Claramente, tais características revelaram-me pertencer ele a uma tribo diferente da minha. Pude constatar o quanto os jovens interessam-se pelas novas tecnologia, com as quais se relacionam cada vez mais cedo, ingressando “precocemente” nesse campo de trabalho. Para melhor compreender os sujeitos de minha pesquisa, senti necessidade de um mergulho em seu mundo cultural. Portanto, durante esse período, procurei visitar os sites sugeridos pelos adolescentes com os quais eu interagia, inteirar-me dos lançamentos do cinema, assistindo a alguns dos filmes por eles

indicados. Voltei a ouvir rádio, principalmente a emissora predileta dos adolescentes da região, com o intuito de conhecer as bandas e cantores dos quais eles falavam naquela ocasião. Também passei a adquirir revistas do gênero, publicadas por essa emissora de rádio. Nela há um programa interativo, no qual os internautas trocam mensagens por e-mails, lidos pelo locutor do programa, há ainda semanalmente, a participação ao vivo, isto é, os internautas participam diretamente do estúdio da emissora.

Veiculado por essa emissora, o programa “Cidadenet” vai ao ar nos dias úteis, no horário em que as tarifas telefônicas são reduzidas e que os internautas se conectam. É apreciado por adolescentes que criaram um *canal de IRC*, homônimo, operado e freqüentado por internautas-ouvintes que participam, utilizando-se de seus cognomes, oferecendo músicas para seus amigos ou declarações para as paqueras virtuais.

4.2 - Anna-Julia: inserindo-me à tripulação e desembarcando na ilha desconhecida

Após as orientações gerais feitas pelo jovem técnico e a instalação do mIRC, propus-me um teste. Estava ansiosa por conhecer tal espaço.

Um canal de IRC é um espaço de encontro virtual entre pessoas reais que possuem um nome (um *nickname*). Naquele momento, ouvia no rádio uma música de um grupo de rock que estourava nas paradas com a música “Anna Júlia”. Não pestanejei... Tornei-me, então, a musa dos Los Hermanos - banda de universitários cariocas, que se uniram devido à paixão pelo rock.

Sequer refleti sobre a letra da música, que fala de uma paixão não correspondida, pois tratava-se apenas de um teste. Não imaginava o quanto esse pseudônimo seria revelador e atrativo para os internautas e tanto contribuiria para se estabelecerem os primeiros contatos no canal principal, no qual a conversa é pública. Estabelecido o primeiro contato no *canal aberto*, imediatamente, passei a receber e a responder mensagens *privadas* dos adolescentes ali conectados...

“Sei que eu naum sou quem vc sempre sonhou

Mas vou reconquistar o seu amor

Td pra mim

Ohhhh Anna- Juliaaaaaaaaaa!!!!!!” (Sea-zone, 04/12/ 99)

Eu passando o dia a te esperar,

vc sem me notar”

Ohhhhhhhhhhhh Anna-Juliaaaaaaaaaaaaa!!! (Bruno_PHG, 04/12/99)

Minha imersão no ciberespaço foi marcada pela busca de aceitação entre os adolescentes ali presentes. No intuito de familiarizar-me com esse espaço, tecliei da forma mais natural possível e, aos poucos, fui internalizando as regras estabelecidas nesse meio e a forma de linguagem ali utilizada.

4.3 - Turbulências

Após um período de participação nos *chats*, senti-me como uma "intrusa" naquele espaço e, por várias vezes, tive uma forte sensação de “perda de tempo”, por conversar trivialidades. Em momentos de angústia e ansiedade, eu pensava em seguir uma rota mais fácil, um atalho, pensava que poderia estar estudando ou lendo um bom livro....

O que revelam esses adolescentes sobre sua escrita nesses logs? Para quê, sobre o quê escrevem? Não seria mais prático e funcional entrevistá-los, para se conhecerem suas práticas de leitura de escrita, através de seus enunciados? Mas, se assim o fizesse, estaria criando uma situação artificial de pesquisa?

Uma reflexão, à luz da abordagem sócio-histórica, permitiu-me compreender que, para interpretar essas novas práticas de leitura e escrita, seria necessário continuar penetrando nesse espaço ocupado por sujeitos que vivem um novo tempo e constroem uma nova cultura: a cibercultura. Seria fundamental navegar nesse “mar nunca dantes navegado”, entendendo-o como um fenômeno cultural, historicamente situado e em processo de transformação. Assim, o processo de interpretação dos dados iniciava-se ainda on-line, durante o momento mesmo da produção de escrita: a escrita teclada, falada, dialogada. Escrita e leitura, leitura e escrita, diálogo!

Uma outra inquietação acompanhava-me nessa fase, era a questão da ética na pesquisa. Ao realizar meu estudo, foi necessário tomar decisões sobre a rota a ser seguida nessa navegação. Deveria comunicar aos internautas meus objetivos? Deveria pedir-lhes um

consentimento? Poderia entrar na vida desses sujeitos sem pedir-lhes permissão? Ora, se eu mesma vivia o processo de desnudar-me diante da tela, escondida num cognome, claro que os adolescentes ali presentes também o faziam. Nesse sentido, considere que o próprio pseudônimo dos internautas permitia o anonimato e resguardava a identidade dos sujeitos, além de considerar que o espaço virtual é público e que, ali conectados, eles têm conhecimento dessa característica do ciberespaço.

Um outro momento embaraçoso foi justamente o de precisar os instrumentos metodológicos que se adaptassem ao espaço virtual e permitissem compreendê-lo. A seguir, o fragmento de uma das notas de campo ilustra essa fase de estorvo:

Essa noite, eu estava mais ansiosa que o normal. Intrigava-me muito a metodologia do meu projeto. Será mesmo possível conseguir os dados via chats?

Tenho notado que, em grande parte, o que atrai a conexão de adolescentes à Internet é a paquera nos canais de bate-papo, isso ficou evidente para mim neste período de incursão na rede. Várias vezes fui ignorada por informar que meu coração já tinha dono! Que estratégias posso usar para garantir o diálogo com os internautas? (Nota de campo em 14 de abril de 2000)

Ancorada numa experiência de inserção no campo, relatada por Geertz (1989), antropólogo que realizou um estudo etnográfico numa comunidade da cultura balinesa e revelou que sua incorporação à comunidade aconteceu a partir do momento em que tomou uma atitude solidária àqueles cidadãos, comportando-se como se fosse um deles e ainda concernente com o enfoque sócio-histórico, entendi que apenas o mergulho no campo a ser investigado me permitiria compreendê-lo em sua essência. Continuei, então, conectando-me ao mIRC e, tal como o fez Geertz, adotei um comportamento próximo ao dos adolescentes. Surpreendi-me, muitas vezes, utilizando expressões características desses sujeitos, bem como busquei conhecer um pouco mais do seu universo cultural. Toda essa conduta dava-me subsídios para melhor compreender o adolescente contemporâneo e também para

estabelecer e manter o diálogo com os internautas. Essa experiência possibilitou-me sentir o quanto a pesquisa qualitativa requer paciência, dedicação e esforço do pesquisador.

4.4 - Desbravando a ilha desconhecida

Com as primeiras incursões no ciberespaço, compreendi que, nessa abordagem de pesquisa, os questionamentos somente começam a tomar forma depois de o pesquisador ter passado um certo tempo no ambiente que quer estudar, seja observando, ou conversando com as pessoas em situações reais do cotidiano.

Após um curto período de imersão nos canais de IRC, freqüentados por adolescentes, iniciei, então, à luz da teoria sócio-histórica, **um estudo etnográfico, buscando desvelar as possibilidades de leitura e escrita nos “chats” e a experiência vivida por esses sujeitos e compreender os significados que essa nova prática cultural tem para tais sujeitos.**

Ao utilizar técnicas etnográficas, procurei chegar aos significados dessas práticas para os sujeitos nelas envolvidos e, para tal, optei por instrumentos como a observação participante e a análise de documentos que me permitiram apreender e retratar a visão pessoal dos sujeitos pesquisados.

Entendendo como Bogdan & Biklen (1994) que a observação participante é a melhor técnica de coleta de dados, pois essa técnica envolve um esforço extra na compreensão e no tratamento histórico que se deve dar ao ambiente, neste trabalho, busquei articular observação participante – entendendo-a aqui como a imersão nos canais de bate-papo – à análise de artefatos (os *logs*). Após navegar pela Internet e dialogar com os tripulantes ali conectados, preoquei-me em registrar as minhas observações, os meus sentimentos e as minhas primeiras interpretações em diários de bordo, arquivando-os numa pasta, aberta no meu computador especialmente para essas notas expandidas.

Nessa viagem, em *busca da ilha desconhecida*, pude conhecer outras tripulações além daquela selecionada para observação. Trata-se de canais nos quais se agrupam adolescentes que têm interesses em comum ou afinidades como, por exemplo, interesse por determinados esportes, ou por estudarem numa mesma escola. Enfim, clubes de futebol,

estilo de música e paqueras são temas de interesses de adolescentes que se agrupam em salas específicas para se comunicarem.

Ao entrar no IRC, ora eu buscava dialogar com os internautas ali presentes nos pvts, ora dedicava-me a observar as interações no canal aberto. Os diálogos foram coletados (salvos) na íntegra, mas para a análise dos dados, que apresento nos capítulos seguintes, foram feitos recortes que ilustram as interpretações apresentadas. Os enunciados foram reproduzidos tal como foram teclados (escritos pelos sujeitos), ou seja, as inadequações gramaticais e erros de digitação foram mantidos.

Foram coletadas aproximadamente cento e sessenta horas de bate-papo, durante quatro meses de imersão no campo, o que significa, em média, dez horas por semana. Vale destacar que, em julho/2000, o tempo dedicado ao campo foi mais intenso, devido ao período das férias escolares e à grande concentração de adolescentes nos canais de bate-papo.

Importante ressaltar que os registros feitos a cada dia de navegação pelos canais revelaram o processo vivido em cada sessão, seja no canal aberto ou privado, e isso muito contribuiu para a fase posterior do trabalho, quer seja, o estabelecimento de categorias de análise do material gravado. Nesse processo, um primeiro passo foi reler todo o material com a finalidade de produzir um memorando que retratasse as primeiras impressões do trabalho de campo. Embora a pesquisa na Internet ofereça possibilidades ao pesquisador de permanecer invisível e ser mero captador de dados, ao inserir-me nesse espaço, busquei construir sentidos para a experiência desses adolescentes, através do diálogo com eles. Experiência que é mediada pela tela, na e pela linguagem.

4.5 - Descobrimo-me nessa tripulação

Um homem dos vinhedos falou, em agonia, junto ao ouvido de Marcela. Antes de morrer, revelou a ela o segredo:

— A uva - sussurrou - é feita de vinho.

Marcela Perez-Silva me contou isso, e eu pensei: se a uva é feita de vinho, talvez a gente seja as palavras que contam o que a gente é.

Eduardo Galeano.

Nesse período de imersão no campo, minhas relações no ciberespaço tornaram-se tão naturais que, muitas vezes, falei dos meus medos, decepções e expressei minhas opiniões de forma espontânea, o que raramente faço nas relações cotidianas. Revelei-me ao outro e a mim mesma ao mesmo tempo em que tomava consciência do meu eu – da minha própria maneira de ser e compreender a realidade. Aprendi a dialogar com o outro nesse espaço virtual, o que me possibilitou apreender e rever as questões a que me propunha neste estudo.

Minhas palavras, saltitantes na tela, entrecruzavam-se às dos adolescentes e conduziam-me a uma rememoração de momentos da minha história. E fui descobrindo porque eu, pesquisadora, sentia-me, agora, tão fascinada quanto os adolescentes ali presentes com as possibilidades que o IRC nos oferece. A seguir, apresento, fragmentos de uma nota de campo, reveladores da transição do momento de repulsa para o momento de fascinação:

Esse log marca meu primeiro diálogo em pvt com o internauta "Toto_ou_naum". Sempre trocamos algumas palavras no canal e ele não me parecia interessante, talvez por ficar muito calado naquele canal (percebi hoje que ele frequenta diversos canais e que tem muitos amigos neles). Meus presumidos faziam com que eu o concebesse como mais um garoto vazio e sem ter o que fazer na vida, perdendo tempo no IRC.

Mas seriam mesmo esses momentos de bate-papo perda de tempo? O que vem sendo modificado em mim após minha incursão na Internet e nos "chats"? Como eu ocupava meu tempo na minha adolescência? Fazia coisas mais "nobres" do que fazem os adolescentes hoje? Posso dizer que teclar é "perder tempo"? Ou estaria sendo arcaica demais e deixando de compreender que os tempos são outros e que, nesse momento, o computador e a internet estão se tornando "lugar" de comunicação e de entretenimento das pessoas?.

Vejo que muitos adolescentes esperam ansiosos pelos finais de semana – quando conectam-se à rede – e recordo como eu aguardava impaciente pelas noites de sexta-feira para assistir ao "Globo de ouro" – programa musical exibido por uma emissora de TV, no fim da década de 80! Esse era meu entretenimento predileto... Nessa mesma época, eu "sonhava" com os fins de tarde de domingo – dia de passear pela praça, conversar com amigas e colegas, e flertar à vontade!

Não posso ainda responder às minhas indagações... Relendo esse log, surpreendo-me com minha postura e forma de expressar ao teclar com "Toto_ou_naum" (e também com outros adolescentes). Reportando-me de novo a minha adolescência, lembro-me do quanto eu adorava estudar nossa língua! Tanto que me tornei monitora de Português no colégio... e agora, "estou assassinando a língua" juntamente com os internautas. (...) Nessa "tribo virtual" é permitido "zuar", fantasiar, brincar! Usar a linguagem coloquial aqui nesse espaço é quase uma regra. "Saca?" (Diário de bordo em 02 de maio de 2000)

Vale lembrar que os fragmentos foram reproduzidos da referida nota, *ipsis litteris*, no intuito de revelar minha experiência nesse processo de investigação.

O percurso narrado neste capítulo apontou para um horizonte, conduzindo-me para um *locus* fértil de interação, de dialogicidade, de produção de linguagem. Da exploração desse novo suporte de leitura e escrita e do encontro virtual com os adolescentes, emergiram as categorias de análise, quais sejam: as práticas de leitura e escrita mediadas pela Internet, o significado de ler e escrever no *chats* e as características da escrita teclada .

Os dados interpretados no capítulo seguinte estão relacionados à minha interação com os sujeitos e com sua escrita, pois “não há trabalho de campo que não vise ao encontro ou à troca com um outro, que não procure um interlocutor. Do mesmo modo, não há escrita de pesquisa que não se coloque o problema do lugar da palavra do outro no interior de seu texto”.(Amorim, 1998, p.81).

5 - A teoria sócio-histórica e a compreensão das práticas de leitura e de escrita nos “chats”

5.1 - Companheiros de bordo: o olhar teórico

A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.

Mikhail Bakhtin

Procurando compreender as práticas culturais de leitura e de escrita mediadas pela Internet, busco apoio nos postulados de autores que abrem horizontes ao cultural, ao histórico e ao social. Assim, neste trabalho, Vygotsky e Bakhtin são eleitos interlocutores essenciais para o entendimento das questões que proponho investigar.

Bakhtin (1895-1975) e Vygotsky (1896-1934), embora não tenham vivido o suficiente para assistirem ao impacto da tecnologia nos dias de hoje, oferecem-me suporte teórico que contribuem para a compreensão das novas práticas de leitura e escrita no ciberespaço. Bakhtin (1992) diz que as obras, vivendo na grande temporalidade, rompem a barreira dos tempos e ganham densidade através do mundo social. Elas são compreendidas de acordo com a cultura da sociedade que as recebem. Assim, ainda que construídas na década de trinta, do século passado, a meu ver suas teorias são atuais e permitem compreender o homem como um ser social criador e recriador de cultura, que é transformado pelos valores culturais de seu ambiente, ao mesmo tempo em que o transforma.

A seguir, destaco algumas contribuições desses autores, consideradas essenciais para a compreensão das práticas de leitura e escrita de adolescentes internautas.

Ao considerar que estudar algum fenômeno historicamente é estudá-lo no seu processo de mudança, Vygotsky (1996) permite-me entender que todo fenômeno tem uma história própria, que é mutável e construída pelos sujeitos em suas relações sociais. Nesse sentido, tanto a escrita e a leitura nos *chats* quanto este próprio texto têm suas histórias, narradas nos capítulos anteriores por um pesquisador que as registrou conforme sua percepção, aqui e agora. Histórias que aconteceram na relação com o outro, sempre mediadas por instrumentos, pois a relação do homem com o mundo não se dá de forma direta, mas através de relações mediadas por instrumentos e signos.

Na concepção vygotskiana, o instrumento simboliza a atividade humana, a transformação da natureza pelo homem. Ao contrário dos instrumentos materiais, os signos que são elementos externos ao indivíduo, são orientados internamente e auxiliam nos processos psicológicos. São os signos que realizam a mediação do homem com o outro e

também consigo mesmo. Os signos e os instrumentos vão mediar a relação homem/sociedade. Esses signos e os instrumentos (o computador, por exemplo) são criados pela sociedade, ao longo da sua história, e provocam mudanças sócio-culturais. É através da mediação da linguagem, construída na interação social, que as funções mentais elementares – reflexos, reações, percepção e outras – comuns aos animais e a todos indivíduos – transformam-se em funções mentais superiores. Portanto, as funções mentais superiores, que variam nas diferentes sociedades e épocas, estão relacionadas ao uso dos sistemas simbólicos e são socialmente construídas a partir da mediação dos signos.

Vygotsky (1996), ressalta que o desenvolvimento do pensamento se dá pela linguagem. É a partir da palavra que o pensamento passa a existir. Assim, as palavras desempenham um papel central tanto no desenvolvimento do pensamento como na evolução histórica da consciência.

Referindo-se à relação entre pensamento e palavra, Vygotsky (1996) destacou a supremacia do sentido sobre o significado da palavra. O sentido da palavra é resultante da “soma de todos os eventos psicológicos despertados pela palavra em nossa consciência.” (p.125).

O contexto da palavra também é essencial para a determinação do seu sentido, pois, segundo esse autor, "uma palavra adquire seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido.” (Vygotsky, 1996. p.125).

Os aspectos teóricos, acima abordados, permitem compreender o computador (e com ele a Internet) como um instrumento que está alterando as relações do homem com a realidade. O computador não é somente resultado da ação do homem para a transformação da natureza; por ser constituído de toda uma linguagem a que se pode chamar de signica, está realizando uma mudança significativa na maneira de o homem pensar e compreender o mundo. A Internet, enquanto uma rede mundial de computadores que possibilita a comunicação à distância, trabalha especificamente com a linguagem escrita e com símbolos icônicos, permitindo, portanto, o convívio com novas formas de localizar-se e comunicar-se com as pessoas. Os endereços eletrônicos, com novos símbolos como @, .com, html, enfim, são novas palavras que vão sendo produzidas nesse novo espaço de comunicação.

Bakhtin enfatizou a língua como produção, defendendo a polifonia, a polissemia, o dialogismo, opondo-se às duas correntes teóricas da lingüística que vigoravam em sua época. Na primeira, o objetivismo abstrato, a linguagem é reduzida a um sistema abstrato de normas; e na outra, o subjetivismo idealista, a linguagem é entendida como enunciado monológico isolado, ou seja, o fenômeno lingüístico é ato significativo de criação individual. Assim, contestando essas correntes, Bakhtin mostra que a linguagem é constituída pelo fenômeno social da interação verbal; o fenômeno fundamental da língua está na interação verbal.

De acordo com a concepção de linguagem como forma de interação, a enunciação é o produto da interação verbal; dá-se sempre numa interação, no curso da comunicação verbal.

A enunciação possui uma natureza social e se dá numa relação entre indivíduos socialmente organizados. “A palavra revela-se no momento de sua expressão, como produto de interação viva de forças sociais”. (Bakhtin, 1997. p.66). Ela é o signo ideológico por excelência e é também um signo neutro, já que pode preencher qualquer espécie de função: ideológica, estética e moral. E é por causa dessa ubiquidade social que a palavra se torna “o indicador mais sensível de todas as transformações sociais”. (Bakhtin, 1997. p.41).

A substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas e, sim, pelo fenômeno da interação verbal que, como poderá ser visto no decorrer desse estudo, realiza-se também através das enunciações presentes no diálogo que se trava nos *chats*. Vale lembrar que o vínculo entre a enunciação e seu auditório se estabelece, sobretudo, pela entoação e que, na situação de bate-papo no IRC são criadas estratégias e códigos que revelam ao outro a entoação desejada.

Bakhtin (1997), em sua teoria enunciativa da linguagem, revela que o homem se constitui no diálogo, na interação com o outro, destacando a centralidade da linguagem nas ciências humanas. Linguagem que constitui os sujeitos. Linguagem que é construída na história, que é produção coletiva...

Para Bakhtin, o homem só pode ser estudado como produtor de textos, como sujeito que tem voz, nunca como coisa. Neste trabalho, a voz do adolescente, do internauta, faz viva e desafia-me à compreensão de suas práticas de leitura e escrita nesse novo suporte – o computador. Como Kramer (1996), entendo que “no campo das ciências humanas importa a compreensão mais que a explicação e a exatidão; compreensão que é ativa, dialógica que é

busca de sentido, que contém a possibilidade da contrapalavra ou da réplica, e que é, portanto interpretação responsiva.” (p.7).

Mas como compreender o verdadeiro sentido das experiências de leitura e escrita na Internet pelo olhar dos adolescentes - sujeitos sociais, históricos e culturais, sem apagar as suas marcas, seus rastros, sua identidade? Como compreender os ditos e não-ditos, sem petrificar os sentidos da experiência de leitura e escrita nesse novo suporte?

Compreender tais sentidos demandou diálogo, troca de experiências, escuta. Escuta que se deu pela linguagem, pela escrita. Linguagem que penetra na alma do interlocutor via computador.... Linguagem que penetra na tela e no interlocutor. Linguagem que retrata a cultura e a história, que reflete e refrata a realidade.

Compreender a linguagem dos internautas-adolescentes, nesse novo espaço de interação, significa não apenas compreender *o chat* como produção de linguagem. Significa, também, compreender a adolescência e suas peculiaridades, seus interesses, enfim, a própria geração.

5.2 - Novos leitores e escritores: os sujeitos da pesquisa

Nos itens anteriores, preocupei-me em destacar as mudanças decorrentes dos avanços tecnológicos em nossa sociedade. Com Vygotsky, mostrei que o sistema de signos e os sistemas de instrumentos são utilizados pela sociedade ao longo de sua história e promovem mudanças no seu desenvolvimento cultural. Nesse sentido, que alterações podem estar ocorrendo com o advento da Internet? Quem são os internautas freqüentadores dos chats?

São adolescentes que, em função das mudanças nos modos de agir e pensar que essas novas tecnologias vêm provocando na sociedade, vivem num contexto adverso ao que vivi. *"São clientes totais de uma sociedade que os veste, os distrai os alimenta, os cultiva: onde florescem os Macdonald's e as marcas de jeans, entre outros".* (Pennac, 1995.p.28).

São adolescentes que possuem interesses próprios, estão na *"idade de transição"* Vygotsky (1987). A adolescência consiste numa fase de extinção dos antigos interesses e de

maturação de uma nova base biológica que possibilitará o desenvolvimento de novos interesses. O despertar sexual coincide com a etapa da maturação social da personalidade.

Na adolescência, rompe-se o equilíbrio do organismo infantil, sem que se tenha podido ainda encontrar o equilíbrio do organismo adulto. Nesse período, a imaginação caracteriza-se pelo rompimento e pela busca de um equilíbrio, de uma nova concepção de mundo pelo adolescente.

Para Vygotsky, a imaginação é a base de toda atividade criadora. Esta manifesta-se da mesma maneira em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística e científica. Assim, com exceção da natureza, todo o mundo da cultura é produto da criação humana, tendo sua origem na imaginação. Enfim, a imaginação do homem levou-o a criar tudo que o rodeia. Existe criação não só no que dá origem a acontecimentos históricos, mas também quando o ser humano imagina, combina, modifica e cria algo novo. Segundo Vygotsky (1987) é a atividade criadora do homem que faz dele um ser projetado para o futuro, um ser que contribui criando e modificando seu presente.

Na adolescência, isto é, na *idade de transição* (Vygotsky, op.cit.), a imaginação assume características peculiares, sucedendo o jogo da idade infantil. Nos jogos, as crianças recordam as experiências vividas, lembrando-as criativamente, combinando-as entre si e edificando com elas novas realidades, de acordo com suas necessidades e experiências. O desejo que sentem de fantasiar as coisas é reflexo de sua atividade imaginativa. Na adolescência, esses jogos são substituídos pela imaginação assim como a expressão por desenhos, também comum na infância, é substituída pela escrita. Há um predomínio do uso da palavra sobre o uso do desenho, pois a palavra expressa mais claramente os conflitos do adolescente, tornando-se um elemento importante na busca do seu equilíbrio.

O jogo infantil transforma-se em fantasia no adolescente. A peculiaridade mais importante da fantasia na adolescência está precisamente na correlação de elementos abstratos e concretos, pois, nessa fase de desenvolvimento, a imaginação apóia-se em conceitos. O caminho que descreve a imaginação na adolescência, segundo Vygotsky, é o avanço do concreto, através do abstrato, para a estruturação da nova imagem concreta. Isso quer dizer que a fantasia do adolescente passa de uma imagem concreta, visual-direta para a imagem imaginada através do conceito. Por isso, as metáforas podem agora ser compreendidas, o que demonstra a relação de dependência entre a imaginação e pensamento em conceitos. Para Vygotsky, *"la formación de conceptos significa que existe por primera*

ez, la posibilidad de de salir de la situación concreta, de elaborar y modificar com espíritu creador los elementos que lo entregan." (1996: 220).

De acordo com a abordagem vygotskyana, na adolescência têm-se dois tipos de imaginação: a subjetiva e a objetiva. A primeira coloca-se a serviço da vida emocional, das necessidades e sentimentos dos adolescentes, que encontram na fantasia o meio eficaz para o domínio de sua vida emocional. Já a segunda refere-se à influência da fantasia na concretização da atividade criadora, que se amplia consideravelmente nesse período. Esses dois tipos de imaginação encontram-se estreitamente vinculados entre si.

De acordo com Vygotsky (1987), a atividade criadora da imaginação está diretamente relacionada à riqueza e à variedade da experiência acumulada pelo homem. Assim, contrariamente ao que se pensa, a imaginação da criança não é mais rica que a do adulto. É um equívoco pensar que, ao crescer, a criança tem diminuída sua capacidade imaginativa e sua fantasia. As experiências vivenciadas no decorrer da vida do ser humano tornam-se o material de que dispõe sua imaginação para criar, já que a fantasia busca seus elementos na realidade.

A imaginação do adolescente mantém estreita relação com o pensamento em conceitos, intelectualiza-se, integra-se no sistema de atividade intelectual e começa a desempenhar uma função totalmente nova na estrutura da personalidade do adolescente.

Seus interesses, isto é, as necessidades culturais, antes ligados aos jogos, ao desenho, aos contos de fadas voltam-se para a criação de seu próprio mundo interior. Todo esse aspecto subjetivo anseia materializar-se em forma objetiva: em poemas, em contos, em diários e também nas interações mediadas pela Internet, conforme destaque no capítulo 7. Enfim, materializa-se em todas as formas artísticas que o adolescente apreende da literatura dos adultos que o rodeiam.

Segundo Vygotsky (1996), na adolescência, o jogo da brincadeira da infância é substituído pela fantasia erótica, pelos flertes. O interesse pela leitura, sobretudo com elementos eróticos, faz-se comum nessa fase do desenvolvimento.

Nas interações com adolescentes internautas pude compreender que também suas produções escritas são re-criativas e retratam "a fase de transição". Pela linguagem, os adolescentes transformam-se e são transformados. Pela linguagem, percebo as diversas ideologias, condições sociais, hierarquias. É na corrente da linguagem que compreendo a palavra como o modo mais puro de interação social. (Bakhtin, 1992). E, é a partir da

palavra, dos enunciados, dos diversos gêneros de discurso que busco, no próximo item, compreender a língua na história, uma vez que “o diálogo das linguagens não é somente o diálogo das forças sociais na estática de suas coexistências, mas é também o diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, daquilo que morre, vive, nasce”. (Bakhtin, 1993, p. 161)

5.3 - Os gêneros de discurso

Embora não seja propósito desta pesquisa, julgo necessário uma breve discussão sobre os gêneros discursivos, pois compreendo como Bakhtin que *“ignorar a natureza do enunciado e as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.* (Bakhtin, 1992, p.282).

Idéias, emoções e pensamentos, bem como o desempenho de diversos papéis sociais, são expressos através da língua pelos seus usuários, por meio de enunciados que carregam a visão do mundo de cada um; pois cada enunciado é único.

Mas esses usuários, ao se comunicarem, não recriam a forma e o conteúdo de seus enunciados a cada uso da língua. Existem alguns enunciados que apresentam, seja na forma, seja na estrutura, uma certa padronização. Bakhtin denominou **gêneros do discurso** a essa relativa padronização de determinados enunciados. O gênero molda a fala e revela, através dela, o tipo de gênero discursivo a que ela pertence. *“As diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas dos destinatários são particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso.”* (Bakhtin, 1992: 325).

Bakhtin (1992) considerou o enunciado como produto da interação social e propôs uma concepção de gênero mais dinâmica, que leve em conta o processo de produção e recepção dos textos. Mesmo considerando a heterogeneidade, o autor propõe uma distinção entre os gêneros: primários e secundários. Gêneros primários seriam todas as circunstâncias em que uma comunicação é realizada espontaneamente, tais como a réplica do diálogo ou os bilhetes. Os gêneros secundários seriam aqueles que aparecem em circunstâncias de comunicações mais complexas, como é o caso do discurso científico, literário, etc.

Tendo como referência as proposições bakhtinianas, Bronckart (1999) define gêneros de textos numa perspectiva interacionista. Para esse autor, os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento. Elaboram-se diferentes textos em função de objetivos, interesses e questões com características relativamente estáveis que justificam os gêneros de discurso. Marcuschi (2000) define os gêneros textuais como uma forma concretamente realizada e encontrada nos diversos textos empíricos. Isto se expressa em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas, tais como: telefonema, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, etc. *“São textos histórica e socialmente situados. Sua definição não é de natureza lingüística, mas de natureza sócio-comunicativa.”* (Marcuschi, 2000, p.13).

De acordo com Bakhtin (1992), a comunicação seria impossível se não existissem os gêneros:

Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras prescindir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (Bakhtin, 1992. p.302).

Esses autores - Bakhtin, Marcuschi, Bronckart - apresentam um ponto em comum ao tratarem dos gêneros discursivos ou textuais: os textos fazem parte de um conjunto discursivo pela correlação entre os elementos de sua organização e suas condições de produção. O conhecimento do gênero textual orienta o interlocutor em suas escolhas lingüísticas, tanto no plano da produção quanto no da recepção de textos. Enfim, o contexto histórico-cultural, os conhecimentos dos interlocutores, a situação de comunicação estarão determinando o que produzir e como os discursos serão produzidos.

Conforme o pensamento bakhtiniano, é no fluxo da comunicação verbal que a palavra se transforma e ganha diferentes significados, de acordo com o contexto em que

surge. Que significados estão surgindo para a palavra escrita nos chats? Esse novo suporte de leitura e escrita pode estar contribuindo para o surgimento de um novo gênero discursivo?

A análise apresentada e a teoria da linguagem de Bakhtin permitem-me perceber que a comunidade virtual - enquanto grupo social - possui um conjunto de formas de discurso que refletem e refratam o cotidiano da *linguagem cibernética* em construção e em transformação.

O diálogo com Bakhtin (1992, 1997) e com os adolescentes internautas possibilita-me compreender que o *bate-papo* na Internet é um híbrido de linguagem oral e escrita e parece constituir-se num novo gênero do discurso. As palavras de Santos e Xavier (2000), reforçam essa conclusão. Segundo estes autores, a linguagem eletrônica possibilita

"o surgimento de gêneros textuais/discursivos híbridos, isto é, que fundem gêneros primários e secundários entre si num mesmo suporte físico, cujo resultado é um gênero do discurso de terceira ordem, que na esteira da classificação bakhtiniana, se poderia chamar de gênero de discurso terciário". (p.53).

Estudos recentes, realizados por Costa (2000) e Bernardes & Vieira (2000) - pesquisadores do LIC/UFJF - também apontam que nas salas de bate-papo da Internet pode estar surgindo um novo gênero discursivo. No ciberespaço, o internauta produz um tipo de texto diferenciado daqueles produzidos em outros contextos, dados os recursos proporcionados pelo contexto de uso da comunicação digital e virtual. Vale ressaltar que, nos capítulos seguintes, serão apresentados eventos elucidativos das discussões acima expressas.

6 - Características da produção escrita nos chats: o gênero discursivo na interação mediada pelo computador

6.1 - A construção da escrita nos chats

Nos primeiros contatos com o IRC na Internet, algumas peculiaridades desse tipo de discurso chamaram-me a atenção. A primeira delas foi o fato de que essa interação escrita se dá com a presença do interlocutor. Tal singularidade propicia muitas outras características desse tipo de interação que serão discutidas no decorrer do estudo.

As conversas gravadas nos canais de bate-papo, doravante logs, parecem mais uma transcrição de algum diálogo audiogravado, ou mesmo um trecho de diálogo de uma narrativa qualquer. São comuns as expressões "conversa" e "bate-papo" para designarem essas formas de interação, realizadas através da escrita.

A interação com os internautas e a escrita *on-line* por nós produzida permitiram-me destacar algumas singularidades da escrita teclada por adolescentes, nas salas de bate-papo. Que escrita vem sendo construída/produzida pela comunidade cibernética?

Um dado interessante sobre o discurso produzido nas salas de bate-papo eletrônicas é que ele representa um tipo de comunicação que se vale da escrita sem, no entanto, limitar-se às características normalmente atribuídas a ela.

Para a compreensão da produção dessa escrita, vale destacar que, como o fez Hilgert (2000), na conversação mediada pela Internet, os interlocutores sentem-se falando, mas, pelas especificidades do suporte mediador dessa interação, precisam escrever suas mensagens, isto é, interagem, construindo um texto "falado", por escrito.

Tal particularidade remete às questões da oralidade e escrita que vêm sendo debatidas por estudiosos do tema (Ong, 1998; Olson, 1995; Marcuschi 1995; Rojo 1995;

Costa 1997 e 2000). Não é objetivo deste trabalho pormenorizar essas questões, por isso, a seguir, a análise contemplará um voo panorâmico, sem a pretensão de aprofundá-las.

A perspectiva de estudo da relação oralidade e escrita, adotada neste estudo, preconiza a superação das oposições dicotômicas entre ambas, em favor de uma abordagem que valorize o objetivo do discurso, o contexto social, a situação de produção e a interseção entre o oral e o escrito. Nesse caso, ***“as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos”***. (Marcuschi, 1995. p.13).

A propósito das relações entre as novas tecnologias de escrita e a escrita na forma tradicional, pode-se afirmar que, sob o impacto das novas tecnologias, presencia-se uma nova situação de produção textual que está desconstruindo toda oposição entre a linguagem oral e a linguagem escrita, revelando a não polaridade dessas modalidades. (Marcuschi, 1999).

Contudo, alguns autores reconhecem o lugar da oralidade na história e na sociedade. Ong (1998), mesmo reconhecendo a importância que a escrita tem nas civilizações letradas, postula que a sociedade permanece “oral”, ainda que essa oralidade seja influenciada pela escrita - é o que o autor chama de oralidade secundária. Nessa mesma linha de raciocínio, Marcuschi (1995) acredita que a oralidade nunca será substituída por nenhuma outra tecnologia: “A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comutativa”. (1995:12).

Analisando os *logs*, percebo como a oralidade vem permeando a escrita socio-construída por essa comunidade cibernética. As marcas de oralidade, presentes nas produções discursivas mediadas pelos *chats*, surgem como fator de identidade grupal dos internautas adolescentes, em situação de conversação nas salas de bate-papo.

Como apontado anteriormente, nos chats, a elaboração da mensagem, faz-se por escrito, mas, por força das características do suporte eletrônico usado – computador, os interlocutores sentem-se numa interação falada. A percepção de fala vem especialmente explicitada nas características da própria formulação dos enunciados e manifesta-se também em referências metalingüísticas do tipo “conversa”, “fala” e outras:

1. <Cachorro-loco-solto> conversa comigo !
2. <Cachorro-loco-solto> ;)
3. <Ana_Julia> Agora, realmente preciso sair. Até breve!

1. <xScubaaaa> fala comigo pow
2. <xScubaaaa> fala comigo pow!!!

1. <Sasquache> eu tô a meia hora falando oi com você e nada de você fala

Por outro lado, a consciência de que a conversação ocorre por escrito vem amiúde, atestada por meio da referência metonímica “teclar”:

Início da sessão: Sun Jul 30 20:39:03 2000

1. <Supersonick> oi ana julia, blz?
2. <Anna-Julia> td e vc?
3. <Supersonick> tranquilo...
4. <Supersonick> tc⁹ de onde?
5. <Anna-Julia> benfica
6. <Anna-Julia> jf
7. <Anna-Julia> e vc?
8. <Supersonick> tc da santo antonio..

[...]

1. <Gu_Scuba> ow c ta falandu sério nunca tc????
2. <Anna-Julia> nunca o q???
3. <Gu_Scuba> hauahauhauhauh
4. <Anna-Julia> se tc com vc?
5. <Gu_Scuba> a gente nunca se falou???

Como se vê, nos *chats*, mesmo interagindo em tempo real, os interlocutores não se encontram face a face, não “sabem” com quem estão “falando” e estão limitados aos recursos de programação do computador, que os obrigam a elaborar por escrito seus enunciados, ainda que se concebam falando nas interações de que fazem parte. Para Hilgert (2000), a conversação nos *chats* é concebida como fala devido ao seu caráter dialogal e por desenvolver-se por meio da alternância de enunciados. Nesse suporte, cada enunciado *teclado* é um turno, cujo sentido depende da relação com os enunciados anteriores e os que os sucederão.

1. <FL-Sasquache> ana
2. <Anna-Julia> oi
3. <FL-Sasquache> sabe porque que te falei que meu coração tá igual de um adolescente?

4. <Anna-Julia> me conta
5. <Anna-Julia> ow
6. <Anna-Julia> tenho q puxar sua orelha ta
7. <FL-Sasquache> pq?
8. <Anna-Julia> vc falou com a menina outro dia q eu tava espionando, hehehe
9. <FL-Sasquache> que?que menina? espionando quem?
10. <Anna-Julia> Ana Leticia
11. <Anna-Julia> lembra?
12. <FL-Sasquache> ah
13. <FL-Sasquache> que que tem?
14. <Anna-Julia> pois e
15. <Anna-Julia> vc me entregou
16. <Anna-Julia> valeu ta
17. <Anna-Julia> mas me conta sobre o coracao....

A seguir, destaco fragmentos de um *log* no qual o internauta "*StarFox*" fala do conflito entre ele e os operadores do canal, gerado pelo não cumprimento da *netiqueta*. Os enunciados desse diálogo também remetem a enunciados anteriores, e é esse conjunto que vai possibilitar a construção de um novo texto.

1. <StarFox> Aninha !
2. <StarFox> Dá pra vc sair do knal um minutinho ?
3. <Anna-Julia> pq?
4. <StarFox> Meu plano falhou
5. <Anna-Julia> inda bem
6. <StarFox> ã ????????? OQ ????? Até vc está contra mim????!!!!????!!!! não é
7. <Anna-Julia> naum gosto dessa brincadeira
8. <StarFox> >:) MAS ELES MERECEM !!!!!!!! OS OPS ME BANIRAM E AGORA EU VOU VOLTAR COM FORÇA TOTAL !!!!!!!!

Observa-se, nesse exemplo que os enunciados das linhas 5 e 6 remetem a enunciados anteriores, nos quais "*StarFox*" declara ter sido banido pelos operadores do canal.

Nas linhas 5 e 7, a presença de marcas de oralidade nas falas de Anna-Julia revelam tanto a tentativa de aproximação dos sujeitos como também ilustra o efeito da pressão temporal, já abordada anteriormente, que impulsionam Anna-Julia a romper com a escrita padrão na construção dos enunciados.

Considerando-se a linha 6, vale destacar o empenho do internauta em evocar impressões da interação face a face, dificilmente traduzíveis por escrito. O recurso utilizado por *StarFox*, isto é, a alternância de diferentes pontuações indica a tonalidade interrogativa do seu enunciado e marca, ao mesmo tempo, um caráter de surpresa subjacente à pergunta,

pois, sendo amigo virtual de Anna-Julia, ela deveria concordar com sua postura, ou até mesmo defendê-lo.

Na linha 8, a intensidade emocional do enunciado de "StarFox" é salientada pelo tipo de letra escolhido (caixa alta). Ainda nessa linha, são encontrados exemplos em que a repetição de pontuação ocorre numa tentativa de enfatizar o espanto de StarFox em relação ao enunciado anterior, como ocorreria numa interação face a face.

São frequentes nos *chats* o uso de "emoticons", tais como expressos no exemplo a seguir:

1. <Ana-Julia> fica bonzinho e estudioso
2. <Ana-Julia> que eu vou pedir pro Papai Noel levar pra vc!!!
3. <Ana-Julia> hehehehe
4. <zer0seven> :)
5. <zer0seven> bonzim tudo bem mas estudioso
6. <Ana-Julia> hehe
7. <Ana-Julia> entao num vai ganhar!
8. <zer0seven> :)
9. <zer0seven> bua bua bua bua bua
10. <zer0seven> :P
11. <zer0seven> :PPPP

Esses emoticons são produzidos pela combinação de sinais de pontuação e letras utilizados na escrita alfabética, representando sentimentos humanos. Nas linhas 10 e 11, o adolescente demonstra seu descontentamento com o enunciado anterior, "mostrando a língua." Se, na modalidade falada, é a gesticulação e a expressão facial que contribuem para a construção do enunciado, na modalidade escrita dos *chats*, são os *emoticons* que fornecem as informações referentes a essa linguagem extraverbal. Os mais comuns são os indicadores de sorriso :) ou :-) e :(ou :-(, que indicam descontentamento, tristeza. Tais símbolos estão integrados no texto, de maneira a beneficiar a interação dialógica entre os interlocutores. Possibilitam ao internauta, escritor da mensagem, minimizar possíveis ambigüidades quanto ao sentido do que é comunicado, através do estabelecimento direto de um contexto afetivo, evitando-se assim a necessidade de fazê-lo através de explicitação textual e contribuindo para a brevidade e simplificação da mensagem escrita. No exemplo abaixo, ao utilizar um *emoticon*, na linha 4, o adolescente revela descontentamento por causa da demora no envio das mensagens:

1. <sea_zone> anaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa

2. <sea_zone> ow ana
3. <sea_zone> acordaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
- (...)
4. <sea_zone> :(
5. <sea_zone> sniff
6. <Ana-Julia> heheeh
7. <sea_zone> seazone chorando
8. <sea_zone> buaaaaaaaaabuaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaááááááááááá

O exemplo mostra também marcas mais próximas à modalidade falada, como a utilização de marcadores conversacionais, conforme se vê na linha 2. Nas linhas 1, 3 e 8 acima, a repetição de letras como representação de traços entonacionais é também uma característica do discurso eletrônico e, para os adolescentes internautas, significa um enriquecimento de contextualização afetiva do enunciado produzido.

Outros marcadores conversacionais encontrados no *corpus* desta pesquisa foram:

1. <Ana-Julia> gostou de dançar?
2. <FL-Sasquache-matador> óóóóóó, e como!!! hehehehehe

Uma outra característica da linguagem oral, resgatada pelos bate-papos virtuais, é a efemeridade. As pessoas não têm tempo a perder e demorar a responder uma mensagem ou dar respostas elaboradas demais podem significar a perda de vários amigos virtuais, como revela o evento seguinte:

1. <YaMaZaKe> perai
2. <YaMaZaKe> po ta foda muitos pvts
3. <Anna-Julia> ok
4. <Anna-Julia> poderooooooooooooooooo

Nesse exemplo, o adolescente revela estar interagindo com vários interlocutores simultaneamente (por *pvts*) e, por isso, solicita um tempo (linha 1) para garantir a interlocução com Anna-Julia.

Uma outra especificidade que se destaca nas conversas nos *chats* são as abreviaturas, que não consistem numa parte da palavra, mas, sim, num conjunto de letras, onde pelo menos, a comunidade virtual reconhece a palavra em questão, por fazerem tais letras parte de sua constituição gráfica. Nos exemplos citados ao longo do trabalho, estão presentes várias abreviaturas bem próximas das citadas por Hilgert (2000): n (não), s (sim), q (que), tb (também), vc ou c (você), blz (beleza, na expressão “tudo beleza!”), tc (teclar), td (tudo), pq

(porque), kd (cadê), msg (mensagem), qdo (quando). O anexo apresenta 2 um quadro com as abreviaturas mais comuns na escrita teclada dos adolescentes.

Até o momento, preocupei-me em delinear algumas características da construção da escrita denominada por Lévy (1997) como cibernética. Contudo, o que efetivamente marca a construção do texto nos chats é a interatividade. Os interlocutores querem interagir. E como a interação, na sua forma mais completa e eficaz, acontece em situação face a face, vendo-se compelidos a escrever, eles investem em toda a criatividade, para atribuir a essa manifestação escrita as marcas de uma conversa face a face. São criativos ao expressar as idéias, encurtando palavras, abreviando-as, usando expressões onomatopéicas. Veja-se, neste exemplo, como o internauta abrevia a expressão "com as mulheres":

Início da sessão: Tue Jul 18 00:38:59 2000

1. <toto_ou_naum> o muié
2. <Anna-Julía> oieee
3. <Anna-Julía> c ta baum, homi??? hehehe
4. <toto_ou_naum> + ou -
5. <toto_ou_naum> gripe é um saco
6. [...]
9. <toto_ou_naum> ele ficou me "desmoralizando" cas muié dos canais que eu converso
10. <toto_ou_naum> mas é de zueira saca

Nos fragmentos seguintes, linhas 2 e 3, destacam-se a informalidade e a maneira descontraída com que os *internautas* costumam comunicar-se, a marca principal de seu estilo.

1. <xScubaaaa> alias a maior conkista é a amizade!!!!
2. <xScubaaaa> é lah ondi eu kelu chegar!!!!
3. <xScubaaaa> um dia eu chego lah hj eu conkistei sua atenção, manha eu conkisto sua confiança e depois sua amizade se deus quizer!!!!
4. <Anna-Julía> :)

O uso de recursos gráficos, possibilitados pelos *scripts*, é incorporado às "conversas escritas" de modo bastante criativo. Esses recursos são discursivos e estão agregados ao texto escrito como parte do enunciado dos *interagentes*. A seguir, são apresentados alguns dos recursos que mais, freqüentemente, apareceram no *corpus* desta pesquisa:

zer0seven_ dá para Anna-Julia onze rosas! @-}--}--- @-}--}--- @-}--}---
 @-}--}--- @-}--}--- @-}--}--- @-}--}--- @-}--}--- @-}--}--- @-}--}---
 @-}--}--- pois a décima segunda é ela mesma!

```

<IronFox> .. $"=,,,$$, _ .
<IronFox> $""=""$' "$$$s$$'
<IronFox> .. .;$$s s$ ,,$"" "$
<IronFox> "$"' "$$" $" $;
<IronFox> "$, "$ $ "$$,
<IronFox> "$ $, $, "$
<IronFox> $, "$, "$, ___$,
<IronFox> "$, "$, "ë£û""""£ë.
<IronFox> "$,ëë£££û"' ,ëë"
<IronFox> ,£" _£" .ë££££"
<IronFox> ,£££""""£££££££
<IronFox> "££££
<IronFox> ££
<IronFox> "££_
<IronFox> ,ëëëëë.ë""ë, ££"" ,ëëëëë, '.
<IronFox> £"" . "£.£ ££ ,£" . "££
<IronFox> ë£ . ' ,ëë""£££ ,£ . ' ,£"
<IronFox> ££.' ,ë£û"" "£££û"ë, ,ëë'"
<IronFox> "£_ë"" "££ "
<IronFox> ££
<IronFox> ££"
<IronFox> ~~~~~ ~~~~~ ~~~

```

Concluindo esta discussão, destaco o diálogo com uma adolescente que, de certo modo, parece já ter compreendido as especificidades desse novo gênero, revelando não se preocupar com a grafia das palavras na norma padrão, mas, sim, em enfatizar o conflito que está vivendo:

1. <Anna-Julia> tem namorado mt?
2. <karoll18> to passando por uma crisisinha
3. <karoll18> ta chato d +
4. <Anna-Julia> isso acontece mesmo
5. <Anna-Julia> ciumes da net? hehe

6. <karoll18> e
 7. <karoll18> discursao besta...
 8. <karoll18> mais que so nos afAstam
 9. <Anna-Julia> ow..
 10. <Anna-Julia> posso te falar uma coisa...
 11. <Anna-Julia> hehehe
 12. <Anna-Julia> é discussão e não discursao ta!!!!
 13. <karoll18> valeu pelo toque
 14. <karoll18> :)
 15. <karoll18> eu não ligo em escrever certo aqui não....
 16. <karoll18> se você liga disculpinha oks?
- <karoll18> :)

Enfim, o que caracteriza a linguagem dos *internautas* usuários das "salas de bate-papo" é a expressividade, a forma despreocupada com que usam e abusam da língua escrita, sem se importarem com as normas da língua escrita padrão, conforme revelado no evento acima.

6.2. - O nickname Anna-Julia: um enunciado expressivo nas interações nos chats

Ao reler os artefatos produzidos on-line com os adolescentes, percebi a importância do *nickname* para o estabelecimento ou não do diálogo. Nos logs gravados, pude perceber como as idéias e os sentimentos estão associados ao cognome e como um simples apelido pode influenciar uma pessoa no momento em que eleger um parceiro para teclar.

Start of Cachorro-loco-solto buffer: Sat Dec 04 18:26:49 1999

1. <Cachorro-loco-solto> oooooooooooooo ana juliaaaaaaaaaaa
2. <Cachorro-loco-solto> quem te ver passar assim por mim não sabe o que é
3. sofrer !
4. <Ana_Julia> ta sofrendo? hehe
5. <Cachorro-loco-solto> a ham !
6. <Cachorro-loco-solto> ;)
7. <Ana_Julia> De onde vc tc?
8. <Anno-Julio> bosque dos pinheiros e vc ?
9. <Ana_Julia> Benfica.
10. <Anno-Julio> hum bem longimmmmmmmmmmmmm

Nesse exemplo, há dois fatos interessantes. Na primeira linha, apresenta-se o enunciado de abordagem, que consiste no trecho da música que inspirou a escolha do meu

nickname, conforme narrado no capítulo 4. Na linha 8, ao trocar seu *nickname*, o internauta revela seu interesse em cativar o interlocutor. Dentre outros, esse evento me permite conceber o *nickname* como um fator significativo nesse processo de comunicação virtual¹⁰. Muitas vezes, o *nickname* tornou-se o próprio tema da conversa:

Entregador_das_Pizzas_AAARGH buffer: Sat Dec 04 18:30:02 1999

1. <Entregador_das_Pizzas_AAARGH> OOOOOOOOOOOOOO ANA JÚLIA!!!
2. <Ana_Julia> Oi!!!!!!!
3. <Entregador_das_Pizzas_AAARGH> Quer pizza?
4. <Ana_Julia> De q?
5. <Entregador_das_Pizzas_AAARGH> VC escolhe
6. <Ana_Julia> Adoro pizzãs. De onde vc tc? Vc ta longe? Hehe
[..]
7. <Ana_Julia> O q significa essas iniciais no seu nick?
8. <Entregador_das_Pizzas_AAARGH> AAARGH?
9. <Ana_Julia> Sim.
10. <Ana_Julia> Tem a ver com um comercial de TV?
11. <Entregador_das_Pizzas_AAARGH> Sim!! Eu não sou entregador
de pizza não!!! É só de zuação!
12. <Ana_Julia> Eu havia sacado. Mas estava tentando lembrar
daquele
13. comercial. Quase ã assisto TV.
14. <Entregador_das_Pizzas_AAARGH> Eu não assisto tb não!!! Mas
esse comercial é muito comedia!

Vale também destacar, no diálogo seguinte, outros enunciados construídos a partir do *nickname*:

Início da sessão: Tue Jul 18 00:11:08 2000

1. <Fox-Oewel> Quem te ve passar assim por mim... nao sabe o que
eh sofrer....
2. <Anna-Julia> Oi!!!!!!!
3. <Fox-Oewel> Ontem, depois que vc partiu ... eu continuei um
pouco na sala e o povo...
4. <Fox-Oewel> tava falando que os Los Hermanos iriam, pra poder
fazer um show maior,
5. <Fox-Oewel> tocar Ana Julia, Ana Julia em ritmo de samba, Ana
Julia Forro, Ana Julia Remix,
6. <Anna-Julia> kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk
7. <Fox-Oewel> Ana Julia Bolero, Ana Julia, Folka
8. <Fox-Oewel> he
9. <Fox-Oewel> Essa foi boa!!!!!!

Nesse recorte, conforme as linhas 4 e 5, nota-se que o nickname, enquanto referência à música, tornou-se tema de um texto polifônico no canal, o que revela que o próprio nickname é um enunciado que leva a outro enunciado, constituindo-se num elo da corrente ininterrupta da comunicação verbal.

Por outro lado, alguns internautas sentem-se protegidos, escondidos nos seus nicknames. Libertam-se de todas as normas sócio-culturais, que costumam comandar as relações humanas por meio do uso da linguagem, e interagem de maneira pretensamente íntima, como revelam os fragmentos abaixo:

1. BRUNO_[SEP] Envolve Anna-Julia nos braços e lasca um beijo de filme!!!
2. <Anna-Julia> ow...
3. <Anna-Julia> pega leve!!!!!!!!!!!!!!
4. <BRUNO_[SEP]> heheheheh
5. <BRUNO_[SEP]> é pra vc fikar irritada

Através dos eventos ilustrados procurei apresentar as especificidades da escrita produzida nos chats. À guisa de conclusão, vale destacar que tais peculiaridades dessa escrita teclada, possibilitada pelas novas tecnologias, derivam-se de formas de textualização presentes no cotidiano e revelam que o texto eletrônico vem exprimir os gêneros textuais e discursivos pelos quais a fala e a escrita se materializam. (Santos & Xavier, 2000).

7 - Prosseguindo na rota: o que significa ler e escrever nos chats?

Em cada palavra há vozes, vozes que podem ser infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas (...) inapreensíveis, e vozes próximas que soam simultaneamente.

Mikhail Bakhtin

No capítulo anterior, foram destacadas as características da escrita e leitura re-criadas e praticadas por adolescentes internautas. Questiono-me: que sentido tem essa experiência para esses adolescentes? O texto abaixo, produzido em situação de sala de aula¹¹, revela os sentidos construídos pelo adolescente para essa interação virtual:

----- Original Message ----- **From:** ***
To: anajulia@powerline.com.br
Sent: Wednesday, November 22, 2000 6:54 PM
Subject: Demorou mais chegou!!!

Ana,

Não ligue pras besteiras que eu devo ter escrito, por que sou péssimo escritor!!!

Existem grandes relacionamentos virtuais

Depois de tanto usar a internet, fiquei sabendo que ela é fonte de vários assuntos como, negócio, bate-papo até chegar a formar casais de namorados ou grandes amigos, há também assuntos pornô e etc....

Com a internet podemos realizar coisas desagradáveis como ser HACKER, que significa pirata de computador, sendo um HACKER você pode invadir sistemas operacionais de grandes empresas entre outras coisas.

(...)quando comecei a acessar a rede, não sabia como fazer nada, mais com o tempo, fui acostumando a utilizar e aprendi muitas coisa, entre elas que não podemos invadir outros sistemas operacionais, aprendi também que podemos conquistar grandes amigos ou amigas, no meu caso ganhei uma grande amizade.

Conheci ela, por meio do meu irmão, com quem ela conversou primeiramente antes de me conhecer, logo mais tarde, se não me engano ela puxou papo comigo, e eu logicamente conversei com ela.

Quando alguma mulher puxa papo com você na internet, passa milhões de coisas na sua cabeça.

No início, pensei que ela fosse me dar mole, que seria uma coisa passageira, mais fui surpriendido, com certeza ela faz parte das grandes amizades que eu tenho.

Nos apresentamos, perguntei a idade dela, e fiquei surpriendido quando fiquei sabendo que ela era bem mais velha do que eu, mais isso nada impediu de sermos grandes amigos, confesso que no início, fiquei meio cabreira de conversar com ela por ela ser mais velha que eu, mais ela demonstrou ser uma pessoa maravilhosa que conquistou minha amizade e minha confiança...

No exemplo acima, a partir de sua experiência no mundo virtual, o adolescente expressa o significado de estar conectado à Internet: *conquistar amizades, bater-papo, fazer negócios, tratar de vários assuntos*. Para ele, Internet é tudo isso, mas não se reporta ao fato de que essas interações se fazem mediadas pela escrita/leitura, pois nesse suporte tais atividades são executadas de forma espontânea e natural.

Vygotsky (1998), defende que a escrita deve ser uma atividade natural, ter significado e ser relevante para a vida. Na sua concepção, a linguagem escrita não pode ser compreendida como uma habilidade motora, mas como desenvolvimento de uma prática cultural específica. Argumentou que o ensino da escrita deveria ser organizado de tal forma que ler e escrever se mostrassem necessários para alguma coisa.

Em seu texto, SAS aponta alguns motivos reveladores do seu fascínio pela Internet e pelos chats. A escrita e a leitura que ocorrem na Internet são atividades tão relevantes e significativas que os internautas nem se percebem lendo e escrevendo.

A seguir, dou a palavra a outros adolescentes para que eles próprios apontem os motivos que os levam a ficar horas a fio conversando-teclando-escrevendo nas salas de bate-papo:

1. <Fox_Oewel_AdeusTimao> hoje quero te agradecer... escuta td e so depois q eu acaba q vc pode falar, ta! Agradecer ...
2. <Fox_Oewel_AdeusTimao> pelo que você é comigo...
3. <Fox_Oewel_AdeusTimao> pelo jeito q me trata..
4. <Fox_Oewel_AdeusTimao> pela amiga que mostrou ser
5. (...)
6. <Fox_Oewel_AdeusTimao> vc me faz querer crescer
7. <Fox_Oewel_AdeusTimao> nos estudos
8. (...)
8. <Anna-Julia> :)
9. <Anna-Julia> legal isso

Esse recorte revela o quanto a interação no IRC se apresenta significativa para "Fox_Oewel_AdeusTimao. Tal exemplo mostra que essas práticas de leitura e escrita podem contribuir (e contribuem) no processo de constituição de sujeitos, desempenhando um papel importante na formação dos adolescentes. Ao abordar a interação sujeito-outro, Bakhtin (1992) nos permite compreender que somos resultados das várias vozes dos outros, que tiveram presença na formação da nossa consciência, do nosso mundo. E estamos em constante transformação, num processo que não pára. São os outros que contribuem na formação da nossa individualidade, que se expressam em nossa forma de ver, de relacionar com o mundo e de interpretá-lo. Na perspectiva bakhtiniana, o outro limita e constrói o meu espaço de atuação no mundo, me constitui ideologicamente¹² e me dá acabamento, sendo impossível uma formação individual, sem alteridade, tal como revela o diálogo acima, travado entre "Fox_Oewel_AdeusTimao" e "Anna-Julia":

Segundo a perspectiva bakhtiniana, o ato de ler deve estabelecer o dialogismo, o encontro do leitor com o texto escrito:

devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo, de meu sentimento. (Bakhtin,1992. p.45).

Relacionar aspectos da leitura e da escrita com o pensamento de Bakhtin significa descartar o uso da palavra exteriorizada, dicionarizada, em prol de uma concepção de leitura e de escrita como práticas sócio-culturais e dialógicas, cujos sentidos são construídos pelos interlocutores na corrente da comunicação verbal, na interação que se estabelece entre "mim e o outro".

Como se dá esse encontro com o outro via Internet? Como compreender as vozes ali *tecladas*? Pensar a leitura enquanto espaço dialógico, polifônico e polissêmico nos canais de bate-papo é compreendê-la enquanto atividade que permite a multiplicidade de vozes e de interpretações.

Um texto permite muitas leituras e deve permitir que diferentes visões venham à tona. Numa concepção dialógica, a leitura não se resume na busca do sentido dado pelo autor. Ela é uma produção do leitor. Sua função é constituir e não reconstituir os sentidos.

Daí que se diz que o texto não pré-existe ao leitor, pois é no ato da interação que ele se constitui. E é no processo da interação texto-leitor que irrompe o processo de significação. Assim, o sentido do texto é determinado tanto pela posição social do sujeito que o produz (o adolescente em formação) quanto pelo lugar social ocupado por seu interlocutor (no caso, o adulto pesquisador ou o adolescente companheiro interlocutor nos chats), ou seja, o lugar social dos interlocutores é parte constitutiva do processo de compreensão. Para Bakhtin (1997): *“a significação não está na palavra e nem na alma do falante nem na do interlocutor. Ela é o efeito da interação locutor-receptor. Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da significação.”* (p.138) .

O recorte abaixo expressa uma situação de construção de significados durante um diálogo nos *chats*:

1. <Creedence> não conversei com ninguém não,
2. <Creedence> mó chatisse, so baranguinhas
3. <Anna-Julia> baranguinhas?
4. <Anna-Julia> hehehe
5. <Creedence> não sabe?
6. <Anna-Julia> nao sei se pra vc significa o mesmo q eu penso
7. <Creedence> hahaha
8. <Creedence> eu penso que é uma garota feia e vulgar e você?
9. <Anna-Julia> meio diferente
10. <Anna-Julia> por isso me incomodou
11. <Anna-Julia> heheh
12. <Anna-Julia> alem de vulgar, meio galinha
13. <Anna-Julia> entendeu?
14. <Creedence> para mim vulgar = galinha
15. <Anna-Julia> nem sempre
16. <Creedence> eu acho
17. <Anna-Julia> nossa!
- (...)
18. <Creedence> você falou que galinha pode não ser vulgar!!!
- (...)
19. <Anna-Julia> pra mim nem toda vulgaridade significa galiinhice!
20. <Anna-Julia> entendeu?
21. <Anna-Julia> ha varias formas de ser vulgar
22. <Creedence> ?
23. <Anna-Julia> e nem sempre ser vulgar significa ser galinha, entende?

Nesse diálogo, os sentidos são construídos on-line. Nossos lugares sociais, nessa interação, interferem na interpretação que fazemos, como aponta a linha 6. *Creedence* comentava que, numa festa, não havia “ficado” com nenhuma garota pelo fato de não

atenderem às suas expectativas, o que levou os interlocutores a uma discussão sobre o significado da palavra “baranguinha”.

Esse evento revela que a leitura nos *chats* possui um papel especial na medida em que dá possibilidade ao outro, ou seja, ao leitor, de construção de múltiplos sentidos. Ela é polissêmica, uma vez que o sentido dado pelo leitor não está preso à intencionalidade do autor, mas depende do horizonte social do leitor, quero dizer, do lugar de onde ele se situa, o que é fundamental para a compreensão de texto como ato dialógico.

Ao tratar da interação entre escritor e leitor, Brandão (1997) explica que essa acontece desde o momento inicial da produção do texto, pois há, por parte do autor, uma preocupação com seu destinatário. Assim, numa perspectiva bakhtiniana, o autor orienta sua fala, tendo em vista seu público-alvo, ou seja, “*o outro na figura do destinatário se instala no próprio movimento de produção do texto na medida em que o autor orienta sua fala.*” (p.286). Vejamos o seguinte diálogo:

Início da sessão: Sun Jul 23 23:57:48 2000
 1. <Papri> Oi Ana Paula, aqui é namorada do Pablo.
 2. <Anna-Julia> oie Pri!
 3. <Anna-Julia> td bem?
 (...)
 4. <Papri> Já faz um tempo que não nos falamos, não é mesmo?
 5. <Anna-Julia> acho q faz quase um mes.. foi no ultimo feriado.
 6. <Papri> Foi. Tem memória boa!
 7. <Anna-Julia> eu naum tava entrando aki
 (...)
 8. <Anna-Julia> Vc ta de ferias ne...
 9. <Papri> No pre estou. Na gráfica não.
 10. <Anna-Julia> :(
 11. <Papri> Fico triste, mas por outro lado terei férias completas em janeiro.
 (...)
 12. <Papri> Podemos até pensar em um curso completo de português, inglês, literatura e redação. Não seria o máximo?
 13. <Anna-Julia> pois eh..
 14. <Anna-Julia> espanhol...
 15. <Anna-Julia> ahhhh
 16. <Papri> Quem sabe! Boa sugestão.
 17. <Anna-Julia> vão precisar de uma coordenadora pedagogica
 18. <Anna-Julia> hehehehe

Nesse *log*, pode-se constatar que as escolhas lingüísticas são feitas pelo usuário da língua em função das condições de produção do seu discurso: o lugar social que o falante ocupa no processo interativo; a quem o falante está dirigindo a palavra; o que está sendo

dito e por que dizer; tudo isso irá determinar o como dizer e o que dizer (ou não dizer!). Vale observar algumas características da escrita nesse diálogo: Anna-Julia interagindo com Papri, uma adolescente de 17 anos, usou uma linguagem informal e também o *internetês*, construído nas interações com os internautas, enquanto a adolescente, ciente de que teclava com uma professora, preocupou-se em escrever formalmente, conforme a norma padrão, acentuando as palavras, iniciando suas frases com letras maiúsculas e usando os sinais de pontuação.

A audiência imaginada por *Papri*, ou seja, o fato de saber quem é seu auditório social parece ter influenciado não apenas nos aspectos formais de uso da língua, mas também no tema desse diálogo, conforme representam os enunciados das linhas 12 a 18.

Vários adolescentes, ao tomarem conhecimento da minha profissão, do lugar social que ocupo no mundo real, passaram a se preocupar com a apresentação da escrita, ficando atentos à ortografia e à norma padrão da língua:

- [...]
1. <Anna-Julia> mas eu gosto mt do q faço
 2. <YaMaZaKe> num sabia q c dava aula
 3. <YaMaZaKe> aki
 4. <Anna-Julia> oi
 5. <YaMaZaKe> ta afim de sair no fim de semana
 6. <YaMaZaKe> ??
 7. <Anna-Julia> olha..
 8. <YaMaZaKe> po sem conpro masso
 9. <Anna-Julia> eu sei... mas tenho pouco tempo pro meu love
 10. <Anna-Julia> entende?
 11. <YaMaZaKe> nossa alho o protugues hauhahauhuhuhuah
 12. <YaMaZaKe> hauaha alho hauahauh
 13. <YaMaZaKe> a tah
 14. <Anna-Julia> nussa!!! Hehehehe
 15. <YaMaZaKe> Olha o português.
 16. <YaMaZaKe> Pronto mandei tudo certinho agora tia hauhauhauhau

Nesse diálogo, *YaMaZaKe*, ao ser informado sobre minha profissão, continua teclando indiferente e insiste em marcar um encontro. Entretanto, no momento em que ele se preocupa com sua escrita, revisando as frases tecladas (linhas 11 a 15), é que toma consciência do lugar social do interlocutor, conforme revela na linha 16.

Relendo os artefatos e refletindo sobre as práticas de leitura e de escrita nos *chats*, percebo que um dos motivos que as tornam atraentes é que o ato de escrever/ler na tela nasce do diálogo vivo, da leitura/escrita como criação permanente.

Ao criar-se a escrita, cria-se também a leitura, o leitor. Escrever nos *chats* pressupõe o outro que lê, o interlocutor. A escrita on-line é viva, construída na interação, num espaço dialógico. Ler na tela é ler a escrita do outro, do interlocutor que se conecta nos *chats* porque tem algo a dizer.

Ler e escrever nos *chats* apresentam-se como atividades interlocutivas, de descoberta, de ocupação de espaços em branco na tela e de vazios no interior de adolescentes que buscam integrar-se aos grupos, formar tribos, procurando autonomia num espaço diferente daquele do lar, da família. Quando se lêem as palavras na tela, lê-se o outro. O outro que é extrovertido, que busca aventuras e que encanta Anna-Julia com suas palavras sedutoras, tecendo-lhe elogios e fazendo-a sorrir, tentando seduzi-la para um diálogo infinito ou uma amizade virtual eterna:

1. <|Senex|> beijo linda
2. <|Senex|> te adoro
3. <Anna-Julia> :)
4. <|Senex|> eeeeeeeeeeeeeee
5. <|Senex|> lá vem você com essas carinha
6. <Anna-Julia> :))))))))))))))))))))))))))))))))))))))
7. <|Senex|> :)
8. <Anna-Julia> boa noite
9. <|Senex|> sabia que você é minha única amiga que não fica me elogiando
10. <Anna-Julia> elogiando?
11. <Anna-Julia> ow...
12. <|Senex|> é
13. <Anna-Julia> vc ta convencido hein...
14. <Anna-Julia> hehehe
15. <|Senex|> né não
16. <|Senex|> é que elas ficam o dia inteiro falando bem de mim
17. <Anna-Julia> hum
18. <|Senex|> você não, é mais na sua, gosto do seu jeito
19. <Anna-Julia> obrigada
20. <|Senex|> :)
21. <Anna-Julia> hahaha... Tb gosto de vc
22. <|Senex|> beijão
23. <|Senex|> tchau
24. <Anna-Julia> tchau

No exemplo acima, verifica-se que, na linha 8, Anna-Julia despede-se de Senex, que ignora o enunciado e continua tecendo o diálogo, numa tentativa de impedir sua saída da sala. Somente após 15 turnos é que ele se rende e ambos despedem-se. Um outro exemplo desse interesse e necessidade de interação dos adolescentes são as mensagens enviadas com uso de recursos oferecidos pelos *scripts*:

```
* zer0seven_ dá para Anna-Julia onze rosas! @-}--}--- @-}--}--- @-}--}---
@-}--}--- @-}--}--- @-}--}--- @-}--}--- @-}--}--- @-}--}--- @-}--}---
@-}--}--- pois a décima segunda é ela mesma!
<Anna-Julia> :))))))))))))))))))))))))))))))))))))))))))))))))))))))
<zer0seven_> boa noite e dorme com os anjinhos
```

Vivendo a fase de transição da infância à adolescência, que, de acordo com os postulados de Vygotsky (1987), caracteriza-se pela mudança dos interesses do adolescente em função do processo de maturação vivenciado por ele, há momentos nos quais ele precisa de referências. Nesse sentido, nos *chats*, buscam-se interlocutores para se expressarem sentimentos, para fazerem confidências e desabafos. Em seguida, apresento fragmentos de uma conversa de *chat*, gravada na noite de 11 de junho de 2000.

```
Início da sessão: Sun Jun 11 00:06:31 2000
<FL-Sasquache> ana?
<Anna-Julia> oie
<Anna-Julia> :)
<Anna-Julia> td bom?
<FL-Sasquache> tudo, é você mesmo?
<Anna-Julia> sim
<Anna-Julia> novidades?
<FL-Sasquache> muitas
<Anna-Julia> ficou com a Erica???
<FL-Sasquache> quem me dera
(...)
<FL-Sasquache> miga
<FL-Sasquache> tô meio na depre!!!
<Anna-Julia> pq?
<FL-Sasquache> tenho 19 anos e meu coração tá parecendo de um
adolescente, isso se 19 anos quer dizer alguma coisa!!!
(...)
<FL-Sasquache> ana
<Anna-Julia> oi
<FL-Sasquache> sabe porque que te falei que meu coração tá igual
de um adolescente?
<Anna-Julia> me conta
<FL-Sasquache> porque não sei se sou a fim dela, tem hora que não
sinto nada e tem hora que quando ela chega me da um frio na
barriga!!!
<Anna-Julia> hehehe
<Anna-Julia> vai ter q experimentar pra descobrir
<FL-Sasquache> eu tô precisando desabafar eu tô muito confuso(..)

<FL-Sasquache> você acha que eu devo abrir o jogo, independente
dela ser a fim do outro?
(...)
```

Nesse diálogo com FL-Sasquache, pode-se notar o quanto ele manifesta sua necessidade de ter alguém para ouvi-lo. É impressionante sua alegria ao encontrar Anna-Julia no canal de bate-papo.

"... é vc mesmo?" - Tecla ele. Parece que o internauta precisa ter certeza de que a pessoa que esta do outro lado é alguém que sempre se dispõe a ouvi-lo, alguém em quem ele parece confiar para desabafar e falar de suas angústias.

"**Tô meio na depre**" - diz ele. E escreve sem parar sobre os últimos momentos que estivera junto da menina por quem diz estar apaixonado. Narra várias situações e insiste para que eu me posicione diante delas.

"**Tô precisando desabafar um pouco**" - insiste ele e continua por mais de uma hora falando de sua paixão. Vários são os enunciados que revelam o quanto ele precisa de alguém para ouvi-lo...; parecendo que ele não quer ouvir...; que precisa mesmo é desabafar.... Falar e falar (ou escrever e escrever)!!!

```
<FL-Sasquache> desculpa, eu tô sempre aki, enchendo sua cabeça,
com minhas histórinhas de criança amorosa nem sei se você tá com
algum problema e nunca perguntei se você quer desabafar!!!!
<Anna-Julia> imagina
<Anna-Julia> vc não ta enchendo nada naum.
<FL-Sasquache> é sério, derrepente você tá com a cabeça cheia e
eu tô aqui enchendo mais ainda!!!
<Anna-Julia> minha cabeça vive cheia!
<Anna-Julia> hehe
<FL-Sasquache> :)
<FL-Sasquache> você e o caio estão bem, tem alguma coisa
que eu possa tentar ajudar?
<FL-Sasquache> não só com ele como com outras coisas?
<Anna-Julia> :)
<Anna-Julia> vc é mesmo um anjo!!!!!!
<FL-Sasquache> é porque eu gosto muito de vc
<Anna-Julia> tb gosto mt de vc
<FL-Sasquache> apesar de nem saber quem você é!!! hehehehe é meio
estranho falar assim.
```

O *chat* cria a sensação de intimidade e faz que se converse com muitos estranhos como se fossem velhos conhecidos. Isso me leva a pensar na importância do outro - interlocutor ou ouvinte - e na necessidade do adolescente de expressar-se. Mesmo cercado de familiares e amigos, percebo com FL-Sasquache o significado de uma amizade virtual; talvez poder contar com um ouvinte, sempre que se precisar falar, ou sempre que se desejarem opiniões. Na seqüência do diálogo, FL-Sasquache diz:

<FL-Sasquache> de que jeito eu posso abrir o jogo pra ela?
 <FL-Sasquache> acho que já sei o q devo falar...
 <Anna-Julia> hum
 <FL-Sasquache> sei que não posso programar nada, não vai sair nada do que programei :)
 <Anna-Julia> seja sincero e espontaneo.
 [...]
 FL-Sasquache> ana, ve se oq falei com ela hoje foi bom
 <Anna-Julia> hum
 <FL-Sasquache> ela me disse que o lucas, o tiago, e um outro lá tinha chegado nela...
 <FL-Sasquache> aí eu disse...
 <Anna-Julia> hum
 <FL-Sasquache> po que pena, só eu não tive coragem pra chegar em vobbcê né?

Nos enunciados acima, pode-se notar como os adolescentes se percebem no suporte virtual e sentem-se à vontade para expor seus sentimentos, o que nem sempre acontece na relação face a face. O anteparo da tela e a proteção do anonimato desempenham um relevante papel, pois possibilitam a troca de revelações íntimas e permitem o desnudamento do “eu” frente ao interlocutor. A partir desse *log*, e tantos outros gravados durante a pesquisa, percebe-se que as relações no ciberespaço se revelam mais profundas do que muitas das que se tem no cotidiano. (Nicolacci-da-Costa, 1998)

Nas interações com os adolescentes-internautas fui compreendendo os sentidos da Internet e do bate-papo para eles e foi-se solidificando uma amizade virtual entre nós: eu, pesquisadora e internauta, e meus interlocutores, os internautas adolescentes. Havia já uma cumplicidade entre nós – ou entre eles e Anna-Julia – e podíamos falar de assuntos do cotidiano, de problemas e frustrações. Afinal, nos nossos diálogos, as palavras estavam sempre carregadas de um sentido vivo, pois *“não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.”* (Bakhtin, 1997.p.95)

A amizade ali construída pelas palavras foi fortalecendo-se e, às vezes, eu me sentia uma internauta como eles, que também buscava o IRC para expressar minhas ansiedades e angústias ou repartir com os interamigos as conquistas do dia-a-dia. Nessa experiência nos chats, percebi que o diálogo aí estabelecido possibilita uma re-significação e uma compreensão de nós mesmos. Ler e escrever nos chats significa:

“ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa poder ter acesso a essa escrita, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.” (Foucambert (1994:5))

Então, pode-se dizer que as interações mediadas pela palavra escrita nos canais de bate-papo exercem um papel formador? Segundo Larrosa (1999), pensar a leitura-acrescento também a escrita - como formação implica pensá-las como atividades que têm a ver com a subjetividade do leitor: não só com o que o leitor sabe mas, também, com aquilo que ele é. “*Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma e nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos.*” (p.75)

As palavras tecladas no IRC são apropriadas pelos internautas de forma expressiva e, muitas vezes, interferem nas formas de pensar desencadeando mudanças nas atitudes e no comportamento dos adolescentes. Isso significa dizer que as palavras detêm um enorme potencial transformador. Em algumas interações com internautas pode-se resgatar esse papel da palavra teclada:

1. <Fox_Oewel_AdeusTimao> hoje quero te agradecer... escuta td e so depois q eu acaba q vc pode falar, ta! Agradecer... (...)
2. <Fox_Oewel_AdeusTimao> você me faz tão bem que nem pode imaginar
3. <Fox_Oewel_AdeusTimao> da pra dividir em antes da ana e depois da ana
4. <Fox_Oewel_AdeusTimao> e eu nem sei como você eh
5. <Fox_Oewel_AdeusTimao> não tenho a menor ideia
6. <Fox_Oewel_AdeusTimao> não sei se é loira
7. <Fox_Oewel_AdeusTimao> morena
8. <Fox_Oewel_AdeusTimao> não sei se é baixa
9. <Fox_Oewel_AdeusTimao> alta
10. <Fox_Oewel_AdeusTimao> vai ver você é o dobro do meu tamanho
11. <Fox_Oewel_AdeusTimao> mas é uma gde amiga!

Os fragmentos abaixo, retirados do log com um adolescente de 17 anos, endossam também essa interpretação:

Início da sessão: Tue Jul 18 02:14:09 2000

1. <DAVE[Genocide]> eeeeeiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii
2. <Anna-Julia> oiieeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee
3. <Anna-Julia> ta vivo?
4. <DAVE[Genocide]> ahuaahahhuauha
5. <DAVE[Genocide]> to sim
6. <DAVE[Genocide]> interim

7. <DAVE[Genocide]> :)
8. <Anna-Julia> :)
9. <DAVE[Genocide]> te adoro maninha
10. <DAVE[Genocide]> c sumiu tb
11. <DAVE[Genocide]> po
12. <DAVE[Genocide]> saudadis
13. <DAVE[Genocide]> e o casorio?
14. <Anna-Julia> ainda naum sei a data
15. <DAVE[Genocide]> maninha
16. <Anna-Julia> oioioioi
17. <DAVE[Genocide]> lembra da promessa?
18. <Anna-Julia>: to :) pq vc ta lembrado!
19. <DAVE[Genocide]> num iskici e porisso to interim
20. <DAVE[Genocide]> ahuauhauahaauaha
21. <Anna-Julia> eu sabia q vc ia conseguir!

Esse diálogo vem dar continuidade a tantos outros, nos quais falávamos sobre dependência química. Embora tenha se passado algum tempo, como revelam os enunciados nas linhas 3 e 10, há de se notar o sentido do enunciado da linha 3. Ao perguntar se ele estava vivo, não me referia à sua ausência no IRC. Dave e eu sabíamos que tal pergunta evocava enunciados anteriores, mas que não se perderam no tempo, devido ao seu caráter formador. Por isso, o tema é retomado pelo adolescente nas linhas 17 e 19.

Ao ter oportunidade de travar um diálogo profundo, questionando e discordando das opiniões e dos valores que defendo, esse adolescente se desvela, expressa seus medos, angústias e incertezas, construindo um novo eu para si. Construção que só se tornou possível na interação entre ele e Anna-Julia, na corrente da linguagem, na escrita teclada. Em outros artefatos, pode-se compreender que os relatos feitos pelos internautas traziam uma vivência cujos significados eram desconstruídos e reconstruídos na e pela escrita teclada:

Início da sessão: Thu Jul 27 00:48:03 2000

1. <GuedesNeto_> o q você fez hoje??
2. <Anna-Julia> tive aula e estudei
3. <GuedesNeto_> mais o q?
4. <Anna-Julia> fui pra cozinha... queimei a mão!!!!
5. <Anna-Julia> hehehe
6. <GuedesNeto_> hehehe
7. <Anna-Julia> e vc?
8. <GuedesNeto_> fiquei mto pt
9. <GuedesNeto_> so passei raiva hoje
10. <Anna-Julia> pq?
11. <GuedesNeto_> quando eu fui no curso hoje de manhã
12. <GuedesNeto_> uma anta me queimou o display do computador do meu lado
13. <Anna-Julia> e dai?
14. <GuedesNeto_> tomei mo susto
15. <GuedesNeto_> aí tava meio desanimado
16. <GuedesNeto_> queria me destrair
17. <GuedesNeto_> resolvi sair pra bater perna na rua
18. <GuedesNeto_> to bem a rua com meu primo
19. <GuedesNeto_> ele viu a ex dele

20. <GuedesNeto_> eu comeceia a zuar da cara dele
 21. <GuedesNeto_> ele ficou muito puto
 22. <GuedesNeto_> so q alegria de pobre dura pouco
 23. <Anna-Julia> pq?
 24. <GuedesNeto_> olha soh
 25. <GuedesNeto_> eu bem zuando da cara dele
 26. <GuedesNeto_> aí voltamos pro calçadão
 27. <GuedesNeto_> no meio do calçadão, quando eu olho pra frente
 28. <GuedesNeto_> avisto a julianne
 29. <GuedesNeto_> ow
 30. <Anna-Julia> kkkkkkkkkkkkkkkkk
 31. <GuedesNeto_> eu dei uma meia volta
 32. <GuedesNeto_> mas sai fora
 33. <GuedesNeto_> na mesma hora
 34. <Anna-Julia> ela te viu?
 35. <GuedesNeto_> entrei numas 3 galerias
 36. <GuedesNeto_> e entrei no shopping
 37. <GuedesNeto_> depois q eu acalmei
 38. <GuedesNeto_> quando eu estava saindo de lá
 39. <Anna-Julia> de novo??? hehehe
 40. <GuedesNeto_> na porta do shopp
 41. <GuedesNeto_> eu do de cara com ela
 42. <Anna-Julia> kkkkkkkkkkkkkkkkk
 43. <GuedesNeto_> eu fiquei mt revoltado
 44. <GuedesNeto_> po
 45. <Anna-Julia> sinto mt
 46. <Anna-Julia> hehehehe
 47. <GuedesNeto_> jf é taum grande
 48. <GuedesNeto_> eu tenho q encontrar com ela sempre q eu sair
 49. <Anna-Julia> va se acostumando
 50. <GuedesNeto_> a não
 51. <GuedesNeto_> queru isso não
 52. <GuedesNeto_> keru ela bem longo
 53. <GuedesNeto_> longe
 54. <GuedesNeto_> aí
 55. <GuedesNeto_> foi a vez do meu primo
 56. <GuedesNeto_> o cara ficou tirando sarro da minha cara até agora
 57. <Anna-Julia> bem merecido, ne?
 58. <GuedesNeto_> não não
 59. <GuedesNeto_> po
 60. <GuedesNeto_> isso não é justo
 (...)

Relendo esse log, recordo-me dos registros que fazia na adolescência, narrando minha história pessoal, os encontros e desencontros; mas o fazia noutro suporte - o diário, e com outros instrumentos, caneta ou lápis e borracha. A escrita artesanal, com letras desenhadas e ícones que eu mesma criava, era somente minha. Tratava-se de uma escrita solitária, preche de segredos, expectativas e angústias. Hoje, no entanto, como revelam os recortes acima – por intermédio do espaço virtual – esse dia-a-dia do adolescente é socializado. Nos enunciados de “GuedesNeto”, a necessidade de compartilhar sua história, reportam-me a Larossa (1999), quando declara que: “é possível que não sejamos mais do que

uma imperiosa necessidade de palavras, pronunciadas ou escritas, ouvidas ou lidas, para cauterizar a ferida”.(p.75)

O exemplo mostra como “GuedesNeto”, usando a linguagem descontraída do bate-papo convencional, lança-se numa escritura profusa e vai fazendo uma leitura de si e de seu mundo, de sua experiência, que é narrada, compartilhada com o outro pela escrita, tornando-se infinita. O adolescente é o próprio texto.

Essa experiência permite-me compreender uma das predições de Lévy (2000) no artigo intitulado "Tecnologias intelectuais e modos de conhecer: nós somos o texto". Segundo ele, por intermédio dos espaços virtuais, o homem se expressará e se lançará a uma escritura abundante, a uma leitura inventiva dele mesmo e de seu mundo, pois *"nós somos o texto. E nós seremos um povo tanto mais livre quanto mais nós formos um texto vivo."* (Lévy, 2000)

Numa crônica intitulada *Amor só de letras*, Mário Prata (2000) aborda como a escrita vem se fazendo presente nessa era de globalização. Destaca que, pela primeira vez nesta nossa humanidade, as pessoas estão se conhecendo antes pela palavra escrita e, lida, é claro.

Na interação com adolescentes vivenciei essa experiência de encontro e amor ao texto, uma espécie de amizade-ao-texto-interlocutor. Pelo texto, tornamos-nos amigos, amigos da palavra. Não importava nessa relação a idade, o sexo, a profissão, a distância, a aparência física. O que estava em jogo era a possibilidade de expressar-se, de ser ouvido, de ser compreendido, de dialogar. Com o texto, construiu-se uma relação de confiança que permitia uma diversidade de assuntos de interesses desses adolescentes virem à tona....

Revedo a literatura que versa sobre práticas de leitura e escrita de adolescentes na contemporaneidade (Bernardes(2001), Freitas(2001), Guedes(1999), dentre outros), compreendi o quanto é plausível o relato de Prata(2000) quanto aos usos dos chats por jovens. Diz ele: *“Descobri, muito feliz da vida, que nunca uma geração de jovens brasileiros leu e escreveu tanto na vida. (...) Jamais, em tempo algum, o brasileiro escreveu tanto. E se comunicou e se interagiu tanto. E leu tanto.”*

Prata ainda acrescenta: *“Essa geração vai dar muitos e muitos escritores para o Brasil. E muita gente vai se apaixonar pelo texto e no texto.”* As profecias ou pressupostos de Prata (2000) já são realidade em nosso contexto, no cotidiano dos adolescentes de Juiz de Fora. Adolescentes que não apreciam escrever “redação” nas escolas, estão descobrindo

o texto teclado, estão descobrindo a dimensão/possibilidade estética da leitura/escrita, revelando-se leitores e tornando-se escritores de uma nova época.

7.1 - Descobrendo novas rotas: novos leitores e escritores

*Palavras não são más
Palavras não são quentes
Palavras são iguais
Sendo diferentes
Palavras não são frias
Palavras não são boas [...]
Palavras eu preciso
Preciso com urgência
Palavras que se usem
em caso de emergência.
Sérgio Brito e Marcelo Fromer*

Ouço a música da banda Titãs, à procura de palavras para os momentos emergenciais e me recordo de Larossa (1996), referindo-se à necessidade de dizer: “*ao tomar a palavra, não se sabe o que se quer dizer. Mas se sabe o que se quer: dizer.*”(p. 93) Tais assertivas conduzem-me à inquietação inicial: em que situações esses adolescentes buscam expressar-se mediados pela Internet? Quais seus interesses ao se conectarem ao IRC? Vygotsky (1987), em seu ensaio sobre a imaginação e a arte na infância, salienta que o adolescente tem necessidade de recorrer às palavras para expressar suas emoções. Na infância, é através do desenho que a criança expressa suas emoções e sentimentos, mas, na adolescência o desenho é substituído por palavras. Assim, para o adolescente, a palavra se torna o modo mais puro de expressão dos seus sentimentos, principalmente os mais profundos. Os diálogos abaixo ilustram bem o lugar e a importância dessa escrita para os adolescentes:

1. <zer0seven> espero que quando essas esperancas se acabarem eu estar com outra pessoa porque se não .. sei la da minha vida
2. <Anna-Julia> nossa Leo... vc eh mt novim, num pode pensar assim
3. <zer0seven> mas é assim que eu penso...
(...)
4. <zer0seven> acho que a unica coisa que é certa pra mim nessa vida é que eu quero fazer musica escrever e ler...
5. <Anna-Julia> e isso vc faz mt bem!
6. <zer0seven> é so o que sei faze

7. <zer0seven> to com um monte de musica na cabeça...
8. <Anna-Julia> pra escrever?
9. <zer0seven> é...
10. <zer0seven> mas ainda não sei porque num passei
11. <Anna-Julia> pois e...
12. <zer0seven> olha um dos refrões de uma musica que ta na minha cabeça... é mo sinistro.... Quero morrer de overdose/ E numa noite fria/Meu espirito contra o vento/ Leve e solto com os anjos
[...]
13. <zer0seven> tem uma que escrevi pra Aline outro dia... vou tentar reconquista ela... quer ver?
14. <Anna-Julia> claro!!!!
15. <zer0seven> É tão estranho,/Quando perdemos sem ganhar/ Eu já não vejo mais/ As noites como iguais/ É tão estranho/ É tão estranho/ Eu saber o que eu sinto/ sem saber dizer o que eu sinto
16. <zer0seven> é tão estranho te amar/ querer te tocar/ e todo dia ao acordar/ vou chamar seu nome/esta noite eu ja não quero mais dormir/ vou ficar pensando em você/ e nos momentos que nunca estivemos juntos
17. <zer0seven> e os nossos planos, pra onde é que foram?/-Planos são feitos para serem reais/ planos são feitos e nos machucam mais/ja não sei mais onde chegar/ nem sei mais se querd chegar/ em algum lugar sem você/ pois eu não posso mais dizer:/- te amo aline.
18. <Anna-Julia> nossa Leo!!!!
19. <Anna-Julia> q linda!!!
(...)
20. <zer0seven> escrevi na noite que fiquei até 2:30 estudando literatura
21. <Anna-Julia> :)
22. <zer0seven> gostou?
23. <Anna-Julia> to vendo q estudou muito!!!!!!

Nesse momento da interação, o adolescente enviou uma de suas produções escritas off-line, cujo tema – comum na adolescência – sempre permeou nossos diálogos no IRC. As produções literárias, seus poemas e músicas foram temas de várias conversas que incentivaram a troca de arquivos e e-mails, revelando que “quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos temos algo a dizer aos outros.” (Galeano, 1989. p.23).

O interesse pelo namoro também motivou outras interações, reveladoras de práticas de leitura e escrita:

Início da sessão: Wed Aug 02 00:19:36 2000

1. <_louco18_> Olá!
2. <_louco18_> Desculpe mas só estou aqui para te usar!
3. <_louco18_> quero saber o que você acha de um acarta que escrevi para uma garota.
4. <_louco18_> você se incomoda?
5. <Anna-Julia> acho que vc me conhece...
6. <_louco18_> hummmmm
7. <_louco18_> algum incomodo?
8. <Anna-Julia> depende...
9. <Anna-Julia> manda ae...
10. <_louco18_> Então vou passar!

11. <_louco18_> ^o nome dela^,
12. <_louco18_> Gostaria que estas rosas encantassem seus olhos
13. <_louco18_> A base do amor... A mulher, mais bela de todas as criações, seguida apenas por sua semelhante... a rosa. Análogas em sua beleza, sua suavidade, e na forma de encantar.
14. <_louco18_> Uma palavra um tanto quanto pequena mas que traduz o maior e mais belo de todos os sentimentos.
15. <_louco18_> vejo que é difícil dizer o que sinto, mas as palavras me ajudam a dizer-lo, mesmo que as palavras não sejam suficientes para uma coisa tão grande quanto o amor.
16. <_louco18_> beleza e seu sorriso encantaram meu coração, um coração completamente apaixonado... Por você !
17. <_louco18_> ^^^meu nome ^^^
18. <_louco18_>
19. <_louco18_>
20. <_louco18_> Te amo!!!
21. <_louco18_> -----Esta carta irá junto com um bouquet de rosas-----
22. <Anna-Julia> perai
23. <Anna-Julia> vou ler de novo, pra ver o todo
24. <Anna-Julia> mt linda!
25. <_louco18_> Obrigado pela opinião!

O log abaixo também remete a uma escrita off-line, mas que se tornou tema do diálogo no canal de *chat*. Optei por destacar aqui os enunciados sobre essas produções (músicas) e apresentá-las no anexo 3.

1. <GAALOOO> quer continuar o relase sobre as musicas!?
2. <Anna-Julia> quero
3. <GAALOOO> :)
4. <GAALOOO> vamos com San Valentine... pra eu te explicar
5. <Anna-Julia> hum
6. <GAALOOO> é sobre o dia dos namorados
7. <GAALOOO> é que eu nunca, NUNCA , passei o dia dos namorados acompanhado
8. <GAALOOO> pronto..ta explicado :)
9. <Anna-Julia> sorte sua
10. <Anna-Julia> hehehe
11. <Anna-Julia> economizou dindim
12. <GAALOOO> po... eu não acho
13. <GAALOOO> e tbem amor
14. <Anna-Julia> tem razao
15. <GAALOOO> :)
16. <Anna-Julia> foi mal. Fala das outras
17. <GAALOOO> hum..
18. <GAALOOO> Politica Musica
19. <GAALOOO> essa é politica ehehehe
20. <GAALOOO> mas o final é bonitinho
21. <GAALOOO> e lembra musica minha
22. <GAALOOO> ehehe
23. <GAALOOO> e tbem pra dar uma rejada
24. <GAALOOO> e tbem pra dar uma arejada
25. <GAALOOO> pq,...o musiquinha pesada

O diálogo com “GAALOOO” aborda o contexto off-line de produção das suas músicas, mas que vêm à tona devido ao desejo de se revelar, de mostrar sua escrita, de revelar-se autor.

No encontro virtual com os adolescentes, muitos deles se revelaram leitores e escritores que, mediados por outras possibilidades de leitura e escrita no ciberespaço, tais como, o hipertexto, e-mails e homepages, lêem e escrevem outros gêneros. Através dos *chats*, tanto oferecem os seus textos, suas produções escritas, quanto buscam compartilhar o sabor dos textos encontrados com seus interlocutores. Os exemplos seguintes ilustram a relação dos adolescentes com a leitura e a escrita no ciberespaço:

1. <zer0seven> olha que soneto bonito que eu achei na net.. pode colar aqui?
2. <Anna-Julia> claro
3. <zer0seven> Tanto de meu estado me acho incerto
4. <zer0seven> Que em vivo ardor tremendo estou de frio
5. <zer0seven> Sem causa, justamente choro e rio
6. <zer0seven> O mundo todo abarco nada aperto
7. <zer0seven> É tudo quanto sinto um desconcerto
8. <zer0seven> Da alma um fogo me sai, da vista um rio
9. <zer0seven> Agora espero, agora desconfio
10. <zer0seven> Agora desvario, agora acerto
11. <zer0seven> Estando em terra, chego ao céu voando
12. <zer0seven> Numa hora acho mil anos, e é de jeito
13. <zer0seven> Que em mil anos não posso achar uma hora
14. <zer0seven> Se me pergunta alguém porque assim ando
15. <zer0seven> Respondo que não sei; porém suspeito
16. <zer0seven> Que só porque vos vi, minha Senhora
17. <zer0seven> leu?
18. <zer0seven> leu?
19. <Anna-Julia> li
20. <Anna-Julia> gostei mt
21. <zer0seven> esse é de um mestre... Luiz de camões
22. <Anna-Julia> naum gosto mt do Camoes
23. <zer0seven> shakspeare?
24. <Anna-Julia> s
25. <zer0seven> você tem alguma dele ai?
26. <Anna-Julia> aki naum
27. <zer0seven> to querendo ver se consigo...
28. <Anna-Julia> ja procurou no Cade ou outros?
29. <zer0seven> to olhando site por site heheh
30. <Anna-Julia> :)
31. <Anna-Julia> o q tem achado?
32. <zer0seven> ah vinícios de moraes.... camoes

Nesse *log*, o adolescente revela o gosto pela linguagem poética, navegando na Internet à procura de textos de escritores que aprecia. Talvez, esse adolescente não se encontrasse com tais autores fora do ciberespaço, o que permite pensar que a Internet, ao possibilitar a familiarização com a literatura, pode levar também ao encontro com o livro. Em outros momentos, "*zer0seven*" compartilhou sua criação literária, revelando sua escrita:

1. Anna-Julia> e ai, novidades?
2. <zer0seven> to fazendo outra musica...
3. <Anna-Julia> q legal!!!
4. <Anna-Julia> ta em q fase?

7. <YaMaZaKe> <Afrodite_forrozeira> filé!!!!
8. <YaMaZaKe> <YaMaZaKe> hauaha ate parece
9. <YaMaZaKe> <YaMaZaKe> manda a sua!!
10. <YaMaZaKe> hehehe
11. <YaMaZaKe> ate parece

Nesse momento da conversa, “YaMaZaKe” de 18 anos, copia e cola, trechos da sua conversa com a internauta “Afrodite”, dando seqüência ao nosso tópico, que era o lançamento de um concurso, no programa *Cidadenet*, para a escolha de sua nova namorada. No diálogo entre os adolescentes, a troca de *homepages pessoais* (linha 2) é motivada pelo interesse em conhecer o outro, nesse caso, através das fotos disponíveis nas *homepages*, a que se referem nos enunciados 5, 6 e 7.

Os exemplos, a seguir, reportam-se às práticas de leitura e escrita que não se esgotaram nas interações nos chats. Os assuntos abordados on-line foram retomados posteriormente em *e-mails*:

1. <zer0seven> recebeu meu mail
2. <zer0seven> ?
3. <Ana-Julia> :)
4. <Ana-Julia> Claro! Brigadim!
5. <Ana-Julia> ja peguei o livro de volta
6. <Ana-Julia> vou mandar depois pra vc o poema
7. <zer0seven> ok :)

[...]

1. <||Shynkuller_Marcelo_Miag||> eu fiquei com ela ontem e antes de ontem..... mais não voltamos
2. <Anna-Julia> mas vao voltar ne...
3. <||Shynkuller_Marcelo_Miag||> eu não sei, só fiquei com ela mais não conversamos sobre voltar
4. <||Shynkuller_Marcelo_Miag||> é uma grande historia
5. <||Shynkuller_Marcelo_Miag||> vou te escrever e te mandar para você ler no e-mail
6. <||Shynkuller_Marcelo_Miag||> vai ser um pouco grande

Nas interações com os adolescentes foi possível compreender que os textos produzidos por eles nascem da necessidade de dizer, de narrar acontecimentos do seu cotidiano, seja através de conversas ou por meio de suas produções. No ciberespaço há uma produção expressiva. Escrevem-se poemas, músicas e constroem-se *homepages pessoais*. Vale lembrar que a *homepage* é construída *off-line*, mas os adolescentes navegam em busca de informações para serem incluídas nos links, buscam autores literários, lêem e sugerem livros. Há várias possibilidades de leitura e escrita que poderiam ser incorporadas pela Escola que, muitas vezes, as desconhece e, por isso, impõe atividades de leitura e escrita distantes dos interesses e do cotidiano dos adolescentes.

A análise do diálogo seguinte revela que a escrita teclada nasce da vivência do adolescente, que se desvela na e pela escrita. E é pela escrita que “CARUSO” demonstra sua relação com essa prática cultural dentro e fora da Escola:

1. <CARUSO> to fudido!!
 2. <Anna-Julia> pq?
 3. <CARUSO> essa semana eu to ferado em quimica fisica e biologia!!
 4. <Anna-Julia> nossa... so? hehehe
 5. <CARUSO> pelo menos em matematica eu acho que to bem!!
 6. <Anna-Julia> ufaaaa
 7. <CARUSO> da pra colar pra caramba!!
 8. <Anna-Julia> pelo menos uma!!!
 9. <CARUSO> historia eu também mando bem
 10. <Anna-Julia> :)
 11. <Anna-Julia> e portugues???
 12. <CARUSO> iiiiiiiiiii
 13. <CARUSO> portugues eu to mal tb
 14. <Anna-Julia> xiiii
 15. <Anna-Julia> escreve mt la na aula?
 16. <CARUSO> um pouco
 17. <Anna-Julia> e ta mal pq?
 18. <Anna-Julia> escreve tanto la como aki?
 19. <CARUSO> as paradas de oração!!
 20. <CARUSO> confundo tudo!!
 21. <CARUSO> ai fui mal na prova!!
 22. <CARUSO> quer dizer acho que não fui bem!!
 23. <CARUSO> na primeira prova valendo 5 eu tirei 3,5
 24. <Anna-Julia> razoavel, hehehe.
 25. <CARUSO> mais a ultima que eu fiz valia 15
 26. <Anna-Julia> e ai?
 27. <CARUSO> essa que é meu medo!!
 28. <CARUSO> acho que mandei mau!!
 29. <Anna-Julia> e tem redacao tb?
 30. <CARUSO> redação não tem lá não!
 31. <Anna-Julia> ahhh
 32. <CARUSO> graças a deus!!
 33. <Anna-Julia> o q?????
 34. <CARUSO> graças a deus que não tem redação!!
 35. <Anna-Julia> vc num gosta pq?
 36. <CARUSO> porque é um saco!!!!
 37. <CARUSO> quando começo a fazer redação eu escrevo sem parar!!!!
 38. <Anna-Julia> hehehe
 39. <Anna-Julia> entaum vc gosta ne...
 40. <CARUSO> mais é pouco tempo!!!
 41. <CARUSO> eu enrolo muito!!
 42. <CARUSO> por isso que não gosto!!
 43. <Anna-Julia> e de ficar aki no irc vc gosta?
 44. <CARUSO> muito!!
 45. <Anna-Julia> hum
 46. <CARUSO> quando num tem nada melhor pra fazer é mt bom!!
 47. <Anna-Julia> mas vc escreve mt aki ne...
 48. <CARUSO> ate q sim! Curto troca ideia.
- [...]

No evento acima, o internauta revela compreender os *chats* como uma possibilidade de expressão, de liberdade para escrever o que quiser, de encontrar um interlocutor que, no diálogo com ele, vá produzindo significados, vá "*trocando idéia*", como destaca na linha 48.

Esse diálogo com "*CARUSO*" permite pensar a escrita teclada como uma escrita viva. Na linha 40, ele queixa-se do prazo para a escrita que, muitas vezes, é determinado pela escola. Os enunciados desse adolescente revelam as condições de produção da escrita na escola, onde a linguagem informal não é prestigiada, o que permite postular que a linguagem do IRC se opõe à linguagem conservadora, comum nas salas de aula. O que a escola preza é uma escrita datada, presa em normas e estilos próprios dessa instituição. Ao desconhecer a possibilidade da multiplicidade de sentidos, que é própria da natureza da linguagem, a escola consolida o monólogo em vez do diálogo, desconsidera a historicidade e a palavra do aluno, desprezando o fato de que "cada palavra do texto conduz para fora de seus limites. Toda compreensão representa a confrontação de um texto com os outros textos."(Bakhtin, 1992.p.383)

Porém, a escrita teclada na Internet traz elementos de uma língua viva, retratando as transformações atuais e radicais na leitura, e na escrita, a partir do contexto das novas tecnologias, revelando que "é hora de pararmos de apenas ensinarmos a escrita na escola, de pararmos de apenas escrever dígrafos, polissílabos, sintaxes ou sinônimos, para escrever idéias, emoções, reivindicações, poemas, cartas e tanto outros textos; enfim, já é hora de começarmos a escrever e de deixar escrever também na escola". (Kramer, 2000.p.106)

7.2 - Ubiquidade e linguagem em movimento

Conectados ao mundo virtual, os adolescentes mostraram-se capazes de realizar várias atividades ao mesmo tempo. Enquanto teclavam, estudavam, liam livros literários, assistiam a TV, jogavam "*games*" e ouviam rádio, participavam do programa interativo - já referido neste estudo - enviando mensagens que eram lidas pelo locutor que fazia a apresentação do programa.

Exemplo 1:

1. <GuedesNeto_> você ouviu cidadenet sexta?
2. <Anna-Julia> naum
3. <Anna-Julia> pq?
4. <GuedesNeto_> recebi uma declaração
5. <Anna-Julia> de quem???
6. <GuedesNeto_> estrela cadente

Exemplo 2:

1. <[Johny]> daqui a 2 minutos tem mais game!!
2. <LoVeLy_GiRL_JF> oba
3. <[Johny]> valendo op!
4. <[Johny]> hehhehe
5. <[Johny]> 1 minuto
6. <LoVeLy_GiRL_JF> legal
7. <[Johny]> Voce não ganha um milhão mas ganha um ARROBÃO
hauhauhahua
8. <[Johny]> Voce não ganha um milhão mas ganha um ARROBÃO
hauhauhahua
9. <Monitor-JF> 3
10. <Monitor-JF> 2
11. <[Johny]> tempo de instalar
12. <Monitor-JF> 1
13. <|Johny|> >>> Inicializando o Gama game!
14. <|Johny|> >>> Você terá que responder aos temas dados. São 5
respostas.
15. <|Johny|> ae o jogo galera!!!
16. <|Johny|> >>> Tema do Gama Game: Animais do jogo do bicho
17. <|Johny|> >>> Duração: 60 Segs.
18. <LoVeLy_GiRL_JF> oba
19. <Monitor-JF> hahaha
20. <LoVeLy_GiRL_JF> gato
21. <|Johny|> >>> Faltam 4 respostas

Interessante destacar a criatividade e o aspecto lúdico dos enunciados 7 e 8 do segundo exemplo, que são repetidos pelo interlocutor, no intuito de se enfatizar a sua "fala". Nesse caso, a palavra ARROBÃO, utilizada pelo adolescente, refere-se ao símbolo que distingue os operadores de canais dos demais usuários na lista.

Observando esse novo sentido para a palavra arroba, cujo significado dicionarizado reporta-se a medidas, pode-se entender a língua como uma instituição viva. Ela está em constante transformação. A língua, pois, não se deteriora, não se degenera. Ela transforma-se, adquire novos elementos e põe em desuso outros. Esse é um processo normal que faz com que as línguas evoluam e acompanhem as transformações sociais, econômicas e culturais dos povos. *"Existem até mesmo linguagens dos dias: como efeito, o dia sócio-ideológico e político de ontem e de hoje não têm a mesma linguagem comum; Cada dia tem a sua conjuntura sócio-ideológica e semântica, seu vocabulário, seu sistema de acentos, seu slogan, seus insultos e suas lisonjas"*. (Bakhtin, 1993. p.98)

O uso de gírias, comum no cotidiano "real" desses adolescentes, está, outrossim, presentes nos canais de bate-papo. Para Preti (2000), a gíria constitui um vocabulário tipicamente oral. Sua presença na escrita reflete apenas um recurso lingüístico, com objetivos determinados como, por exemplo, criar uma interação mais informal do escritor com seu leitor e dar uma realidade maior ao diálogo, como ilustram os exemplos seguintes:

1. <xScubaaaa> ae gatinha to dandu pala aki
2. <xScubaaaa> ker ver uma conversa??? hauahauahuhauh
3. <Anna-Julia> qual?
4. <Anna-Julia> pala???

1. <Creedence> fui num churrasco
2. <Creedence> mas foi mó paia e você foi onde?

1. <Guedesneto> esse conheço
2. <Guedesneto> mo migão meu
3. <Ana-Julia> pois e..
4. <Guedesneto> ele é boca boa paca
5. <Ana-Julia> tb acho

1. <sea_zone> mais ana falando sério
2. <sea_zone> eu não arrumei nada
3. <Ana-Julia> hum
4. <sea_zone> quem arrumou foi ela
5. <Ana-Julia> q?
6. <sea_zone> e eu estou puto com ela paca
7. <sea_zone> ela saiu sem me dizer

1. <zer0seven> mas ficou tudo arrumadim agora... antes tava mo zona
2. <Ana-Julia> imagino..

Repensando minhas relações com crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, compreendo que cada geração tem suas expressões específicas, e poucas são as que sobrevivem a uma época. Muitas ouvidas na minha adolescência são hoje desconhecidas pelos internautas adolescentes. Também notei que para antigas e conhecidas palavras foram construídos novos sentidos, tal como revela o enunciado de "zer0seven", ao referir-se à desorganização do seu quarto.

Os enunciados dos adolescentes, nos exemplos acima, permitem a compreensão de que em cada época histórica há um vocabulário específico, e esse vocabulário diferencia-se de acordo com os sujeitos, seu grupo social e sua geração. (Bakhtin, 1993)

7.3 - Do virtual ao real ou do real ao virtual...

O virtual não "substitui" o "real", ele multiplica as oportunidades para atualizá-lo.

Pierre Lévy

Para os adolescentes, a facilidade de conversar com qualquer um, de qualquer parte do mundo, faz do IRC um dos ambientes mais fascinantes de toda a Internet. Nesse espaço, os grupos - formados de acordo com os interesses e afinidades dos internautas - criam canais específicos nos quais se conectam quase sempre os mesmos adolescentes. Assim, durante o trabalho de campo, além do canal citado, o “juizdefora”, a convite de um grupo de internautas, passei a freqüentar um outro canal, o #Brasirc_icq, freqüentado por um grupo de adolescentes alegres e extrovertidos. As interações entre eles não se restringiam apenas à tela de seus computadores, mas iniciavam-se ali, no mundo virtual, no conhecimento do outro pela palavra escrita, para só mais tarde passar para o mundo real, em reuniões nos “points” da cidade para confraternizações e festas. Os IRContros – recriação da palavra encontro que denota confraternização de freqüentadores dos chats – eram combinados on-line, como revelam, os recortes abaixo:

```
<Under|Line> Ae Galera!!!!!!!!!! Próximo IRContro BRASIRC_ICQ Já Está
Marcadassoooo!!! Sábadaum Está Marcado Um IRContro Pra Comemorarmos o
Niver Do ||Capo_Boyz||!! CONCENTRAÇÃO Às 15HS em Frente Ao Mc'Donalds e
IRContro no PLANET GRILL Às 16Hs!!!! OBS.: DESTA VEZ NÃO HAVERÁ
PRORROGAÇÃO DE HORÁRIO!! Dúvidas PVT Under|Line
```

Esse enunciado, colocado no tópico do canal, isto é, na mensagem de abertura do canal, tornou-se o assunto discutido pelos internautas. Sugestões de outros locais, discordância e argumentação quanto ao horário marcado e críticas à observação feita por “Under|Line” (o que possibilitou-me entender que é ele quem sempre atrasa!) arrolavam no canal, revelando-o como um espaço dialógico, polifônico e de disputa pela palavra.

O contato com esses grupos de adolescentes revelou-me que os elos de união eram apenas virtuais. Havia ali um círculo de amizade: festas, encontros, viagens e grupos de estudos eram comuns no grupo. A foto seguinte, cedida pelos internautas, ilustra as interpretações concernentes.



Ao contrário do que acontece no mundo *off-line*, em que as pessoas se sentem atraídas fisicamente umas pelas outras e, a partir daí, passam a estabelecer contato, nos bate-papos virtuais, as pessoas consideradas atraentes são aquelas possuidoras de bom humor, simpatia e uma conversa (escrita) agradável. Muitas vezes, um *nick* atraente, criativo ou bem humorado pode ser um fator decisivo no momento em que se escolhe com quem teclar, mas os diálogos entre interlocutores do mesmo sexo não são muito comuns, excetuadas as saudações entre colegas e amigos, em canal aberto. Raríssimas vezes

presenciei um diálogo mais denso entre eles e, quando surgiam, relacionavam-se aos aspectos da informática

A partir das interações com os adolescentes no espaço virtual, pude compreender que o que acontece nos canais de bate-papo é uma transposição – para o mundo virtual – dos papéis exercidos por garotas e garotos na vida real. A grande maioria das interações de Anna-Julia aconteceu com o sexo masculino. Ainda que trabalhando numa abordagem qualitativa, considero expressivo, aqui, mencionar dados quantitativos, no intuito de complementar e ilustrar minha interpretação. No *corpus* da pesquisa, há apenas 8 *logs* cujo interlocutor é do sexo feminino. E esse contato com as internautas foi sempre mediado por um outro: irmão, namorado ou paquera dos internautas com os quais “Anna- Julia” teclava freqüentemente. Os recortes abaixo revelam as situações e os mediadores que possibilitaram os diálogos:

1. <Papri> Oi Ana Paula, aqui é namorada do Pablo
2. <Anna-Julia> oie Pri!
3. <Anna-Julia> td bem?

Nesse caso, o próprio enunciado na linha 1 já nos revela o contexto no qual se iniciou a interação.

1. <Nane__> tive prova hoje
2. <Nane__> estudei pacas
3. <Nane__> ontem e hoje estudei com o João **(namorado)**
4. <Nane__> mas acho q não fui bem
5. <Nane__> :(
6. <Anna-Julia> xiiii
7. <Anna-Julia> mas conseguiu estudar com ele? hehehehe

1. <{_Lalinha-quer-namorado_}> meu mano ta mandandu um bjo **(irmão)**
2. <Anna-Julia> outro pra ele!

1. <Luiza18> pois é , é dificil, mas ele por incrível q pareça não sai do meu pensamento acredita? **(paquera)**
2. <Anna-Julia> :))))))))))))))

Entretanto, observando aquela fotografia acima, percebo que o grupo está dividido, como se tivesse sido previamente delimitado um lado só para *elas* e o outro para *eles*. Assim, no mundo real, paradoxalmente ao virtual, o interesse pelo diálogo com o

interlocutor/pessoa do sexo oposto é, muitas vezes, omitido e represado, pelo fato de não mais se poderem contar com o anonimato e a proteção que a interação tela a tela possibilita.

Na situação de flertes, os adolescentes revelam um comportamento para cada espaço citado, porém, em alguns momentos dessa interação com esses sujeitos, percebi neles uma certa ubiqüidade que me intrigava.

7.4 - "Ciber@s@mento": adolescência , imaginação e jogo, polifonia

"Quando vieres a me ler perguntarás por que não me restrinjo à pintura e às minhas exposições, já que escrevo tosco e sem ordem. É que agora sinto necessidade de palavras – e é novo para mim o que escrevo porque minha verdadeira palavra foi até agora intocada."

Clarice Lispector

Nesse item, apresento uma análise das interações acontecidas no canal brasirc-icq. Conforme explicitado no item anterior, esse canal foi criado por um grupo de adolescentes, a partir de seus interesses e costumes. Era freqüentado por um número reduzido de internautas que gostam das mesmas bandas, freqüentam os mesmos locais de diversão, cantam, tocam guitarra e violão, compõem músicas e poemas e são fascinados (ou vIRCiados) pelos chats.

As conversas nos chats ocupam um tempo real considerável em suas vidas. Eles passam horas conectados nos canais de bate-papo, tratando de uma diversidade de assuntos, flertando virtualmente e divertindo-se.

O evento abaixo-destacado ilustra as proposições vygotskianas quanto ao desenvolvimento do adolescente já discutidas neste trabalho, bem como ressalta o uso da linguagem escrita pelo adolescente para deixar fluir a imaginação:

Início da sessão: Thu May 25 00:27:00 2000

(...)

*** _Jujuba_Maluka_vai_casar_ (~XXXX@200.251.134.45) entrou #brasirc_icq

```

<POPOZUDO_NOIVO> >>>>_Jujuba_Maluka_vai_casar_<<<< OI AMORE
<Don_Cuguleone> olha a noiva
<POPOZUDO_NOIVO> OOOOIIIIIII AMORE
*** Don_Cuguleone trocou o t3pico para '`%%,`%%,`%%,`%%'`%% Agora, a
celebra33o matrimonial entre os noivos POPOZUDO e _Jujuba_Maluka.
`%%`%%,`%%'`%%,`%'
*** POPOZUDO_NOIVO trocou seu nick para POPOZUDO_DE_FRAK
<POPOZUDO_DE_FRAK> VAMOS ENFEITAR O KNAL
<POPOZUDO_DE_FRAK> -----{@}
<POPOZUDO_DE_FRAK> -----{@} {@}
<POPOZUDO_DE_FRAK> -----{@} * {@} * {@}
<POPOZUDO_DE_FRAK> ----{@}* {@} * {@} * {@}
<POPOZUDO_DE_FRAK> ----\ {@} * {@} * {@} /
<POPOZUDO_DE_FRAK> ----- \ \ \ l / / /
<POPOZUDO_DE_FRAK> -----\\ \ Y / //
<POPOZUDO_DE_FRAK> -----\\ l //
<POPOZUDO_DE_FRAK> -----\\Y//
<POPOZUDO_DE_FRAK> ----- >=<
<POPOZUDO_DE_FRAK> -----/*\
<POPOZUDO_DE_FRAK> Lindas rosas para _Jujuba_Maluka_vai_casar_
<Monitor-JF> to convidando o povo no cidadenet
<POPOZUDO_DE_FRAK> GALERA OUVI CIDADE
<_Jujuba_Maluka_vai_casar_> aaaaaaaaaah
<_Jujuba_Maluka_vai_casar_> E MEU CASORIO???
<Monitor-JF> tudo pronto???)
<POPOZUDO_DE_FRAK> EU ESTOU aqui S3 FALTAVA voc3
<_Jujuba_Maluka_vai_casar_> genteeeeeeeeeeeeeeeeeee, a musikaaaaaa
<_Jujuba_Maluka_vai_casar_> madrinhaaaaaaa!!!!!!!!!!!!!!
<_Jujuba_Maluka_vai_casar_> gente
<_Jujuba_Maluka_vai_casar_> espera ki eu mandei uma msg pro cidadenet
<_Jujuba_Maluka_vai_casar_> ceis tao ouvinu??
<_Jujuba_Maluka_vai_casar_> ouve lah
<POPOZUDO_DE_FRAK> T3
<POPOZUDO_DE_FRAK> Bouquets de Rosas para _Jujuba_Maluka_vai_casar_
<POPOZUDO_DE_FRAK> --@ @ @ ----- @ @ @ ---
<POPOZUDO_DE_FRAK> .@ @@/@ @ -----@ @/@ @.-
<POPOZUDO_DE_FRAK> .\@|@|@|@|@/-.....--\@|@|@|@|@/-
<POPOZUDO_DE_FRAK> \\|//|// --...--- \\|//|// --
<POPOZUDO_DE_FRAK> - \\|// --..----- \\|//.---
<POPOZUDO_DE_FRAK> -- \|/---..----- \|/---.-
<POPOZUDO_DE_FRAK> -- =&= ----..----- =&= ----
<POPOZUDO_DE_FRAK> --- /|\ -----.----/|\ -.-
<POPOZUDO_DE_FRAK> Espero que goste delas ---
(...)
<Monitor-JF> tem mais tres mensagens...
<Monitor-JF> leram a segunda mensagem minha. vc's ouviram??????)
*** _Jujuba_Maluka_vai_casar_ trocou seu nick para
_Jujuba_Maluka_di_vistidu
<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> AH!!!! VAMU CAS3 LOGO!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!
<Monitor-JF> ham, ham.
<Monitor-JF> os noivos por favor cheguem
<POPOZUDO_DE_FRAK> CHEGUEI
<POPOZUDO_DE_FRAK> vamos casar
<Monitor-JF> eu tou lendo todo mundo, t3 tudo certo. posso come3ar o
ksorio???)
<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> COME3AAAAA
<Monitor-JF> em nome do monitor, do teclado, do sao internet...
<Monitor-JF> estamos aki reunidos, nessa celebra3o...
<Monitor-JF> 3 com 's' mermo???)
(...)
<Monitor-JF> para reunir esse casal de internautas jovens...
(...)
<Monitor-JF> para um enlace matrimonial...
*_Jujuba_Maluka_di_vistidu_ esta tao emocionada!!!

```

* POPOZUDO_DE_FRAK passa seu dedo gentilmente pelos delicados lábios de _Jujuba_Maluka_di_vistidu_ , olha em seus olhos e então lhe dá um beijo bem gostoso ...

<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> ainda nao xegou nessa parte

<Monitor-JF> juju, vc aceita se amarrar com o popozudo?????

<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> calma!!!

<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> ACEITOOOOO!!!!!!!!!!!!

<Monitor-JF> na alegria de sua conexao???

<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> :)

<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> SIIIIIIIMMMMMMMMM

<POPOZUDO_DE_FRAK> :)))))))))

<POPOZUDO_DE_FRAK> :*****8

<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> anda freeeeeeiiiiiii

<POPOZUDO_DE_FRAK> VAMOS RAPIDO

<Monitor-JF> popozudo, vc aceita se amarrar com a jujuba?????

<Monitor-JF> na alegria de sua conexao???

<POPOZUDO_DE_FRAK> SIM , CLARO

<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> :)

<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> oh!!

<Monitor-JF> assim, em nome de saum bill gates e de nossa senhora da internet eu lhes declaro, internautas recém casados.

<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> ki dia feliz

<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> :)

<POPOZUDO_DE_FRAK> MEU também

<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> pode bejá??

<Monitor-JF> podem se beja/.

* POPOZUDO_DE_FRAK da um beijo na boca de _Jujuba_Maluka_di_vistidu_!

<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> :*

* _Jujuba_Maluka_di_vistidu_ da um beijo na boca de POPOZUDO_DE_FRAK!

* POPOZUDO_DE_FRAK pega _Jujuba_Maluka_di_vistidu_ pela cintura, envolve-a em seus braços e manda um beijo gostoso e demorado!!

<_Jujuba_Maluka_di_vistidu_> eeeeeeeeeeeeeeeee!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

*** _Jujuba_Maluka_di_vistidu_ trocou seu nick para _Jujuba_Maluka_casada_ (...)

<POPOZUDO_CASADO> FESTA NO KNAL

<POPOZUDO_CASADO> PARA VCS

<Anna-Julia> :))))))

* _Jujuba_Maluka_casada_ ker lua de mel em paris!!!

* POPOZUDO_CASADO oferece para Anna-Julia uma garrafa do legítimo White Horse!

* POPOZUDO_CASADO oferece para Fox_Oewel uma grande garrafa do legítimo Old Eight!

* POPOZUDO_CASADO oferece para Monitor-JF uma garrafa do legítimo Johnny Walker!

<Monitor-JF> _elebrar é com 's' ou com 'c'???

<_Jujuba_Maluka_casada_> galera!!tah rolanu a festa do nosso casorioooo!

<_Jujuba_Maluka_casada_> Celebrar

<_Jujuba_Maluka_casada_> com C

* _Jujuba_Maluka_casada_ joga CONFETES BALOES no ar para POPOZUDO_CASADO

:) `;~'O~~~*`;.'O~~~*`;.'O~~~*`;~'O~~~*`;.'O~~~*`;.'~;~'O~~~*`;.'O~~~*`
 ~ ~ ~ * ` ; ! O ~ ~ ~ ~ * ` ; . ' ~ ~ ; ~ ~ ` O ~ ~ ~ ~ * ` ; . ' O ~ ~ ~ ~ * ` ;
 ;.'O~~~*`;.'~;~'O~~~*`;.'O~~~*`;.'O~~~*`;.'O~~~*`;~'O~~~*`;.'O~~~*`
 ~*`;.'~;~'O~~~*`;~ Yahoo :)

[..]

<_Jujuba_Maluka_casada_> gente, keru agradecer aos padrinhos, ao frei, ao meu marido lindo, obrigadu!! amo todos vcs!!!! mas amo mais ainda o vitinhu!!!

[01:53] <Monitor-JF> posso levar alguns docinhos, do ksorio????

<_Jujuba_Maluka_casada_> popozudo!! eu te ailoviú como nunca ti ailóviei em toda my life!!!!

<POPOZUDO_CASADO> brigado amore

<_Jujuba_Maluka_casada_> pode frei

<_Jujuba_Maluka_casada_> leva um pedacim de bolo tb

```

(...)
<POPOZUDO_CASADO> VAMOS daqui A POUCO PARA A LUA DE MEL
<_Troni_> >>>>POPOZUDO_CASADO<<<< <> Ñ comi nada a´t agora <>
<_Jujuba_Maluka_casada_> ¿?¿?_Troni_¿?¿? vc ker bolo???
<_Troni_> >>>>POPOZUDO_CASADO<<<< <> meu brigadeiro cara cadê??
*_Jujuba_Maluka_casada_ dah bolo pro Spider-Man-mala-do-cidade-net!!!!!!
<Don-Cuguleone> [_Jujuba_Maluka_casada_] quem pegou o buquet?????
<POPOZUDO_CASADO> olha profundamente nos olhos de _Jujuba_Maluka_casada_
e se pergunta como conseguiram pegar todas as estrelas do céu e colocar
nos seus olhos ;)
(...)
<POPOZUDO_CASADO> FALOW GALERA ,JUJUBA TE ESPERO NO KARRO
<_Jujuba_Maluka_casada_> VOU PRA LUA DE MEL CUM XOKOLATI!!!!!!
(...)
<_Troni_> <> Quem vai limpar essa sala depois?? <>

Fim da sessão: Thu May 25 02:21:56 2000

```

A escrita no canal aberto do IRC é construída no diálogo que se estabelece entre as diversas "vozes cibernéticas". Nesse jogo de palavras, os enunciados dos internautas recém-casados no ciberespaço reforçam as proposições de que as atividades criadoras dos adolescentes estão associadas aos seus interesses e ao despertar sexual.

Os adolescentes revelaram, em seus enunciados, particularidades do momento de transição que estão vivenciando. Assim, no texto construído no canal, suas fantasias partem de um suporte concreto, isto é, das informações que já possuem a respeito do casamento, e são recriadas no mundo virtual. *"Todo inventor, por genial que sea, es siempre producto de su época y de su ambiente. Su obra creadora partirá de los niveles alcanzados con anterioridad y se apoyará en las posibilidades que existen también fuera de él."* (Vygotsky, 1987:37).

A paródia produzida pelos internautas permite-me entender que os processos criativos se dão a partir de um processo complexo, que traz, em sua base, o processo de apropriação de conhecimentos no decorrer da história de seu desenvolvimento pessoal.

Os diálogos acima indicam que a leitura e escrita nos *chats* contribuem para que o adolescente amadureça seus sentimentos, sua sensibilidade, expressando-se, comunicando-se e divertindo-se através da linguagem.

O texto construído pelos internautas acena para a disputa pela palavra, revelando a necessidade dizer, expressar-se, brincar e jogar com as palavras. Trata-se de um texto polifônico, dialógico, que retrata a imaginação não como uma atividade isolada do adolescente, mas que se desenvolve na relação com o outro, historicamente definida e

mediada pela linguagem. Linguagem que permite a expressão dos desejos mais íntimos, que é interativa, polifônica e dialógica.

Os muitos enunciados "toscos", desordenados na tela revelam a retomada da expressividade e a importância da palavra para o adolescente. Agora, os adolescentes internautas não se restringem mais às pinturas ou desenhos: as palavras lhes são "tocáveis", expressivas e necessárias.

8 - Considerações finais

A palavra mágica

*Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.*

*Vou procurá-la a vida inteira
No mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
Não desanimo,
procuro sempre.*

*Procuro sempre, e minha procura
Ficará sendo
Minha palavra.*

Carlos Drummond de Andrade

Tal como antecipado na introdução, através da análise dos dados desta pesquisa, busquei compreender o que lêem e escrevem os adolescentes internautas, os significados de ler e escrever nos canais de bate-papo, bem como as características dessa escrita. Para tal, naveguei pela Internet e mergulhei fundo nas salas de bate-papo. Na observação participante mediada pela Internet, preoquei-me em compreender os eventos investigados orientada pela perspectiva sócio-histórica

Procurei, portanto, na análise dos dados coletados, entender as novas práticas de leitura e escrita a partir da compreensão dos adolescentes e de seu contexto sócio-cultural.

A escrita teclada e suas características são contextualmente motivadas, frutos de um novo suporte de texto que coloca os interagentes na fronteira entre a oralidade e a escrita; aí criam recursos semióticos próprios para se comunicarem. Vista assim, a escrita teclada nos canais de bate-papo pode ser entendida como um novo gênero discursivo.

Ler e escrever nos *chats* apresentam-se como atividades interlocutivas, de descoberta de ocupação de espaços em branco na tela e vazios no interior de adolescentes, que os buscam para expressarem-se, fazer confidências e desabafos.

Os diálogos com os adolescentes revelaram ainda o caráter dialógico, polifônico e polissêmico dessas interações, permitindo-nos romper com os preconceitos em relação ao bate-papo na Internet e também em relação aos adolescentes ou "aborrecidos" – como são tachados, às vezes, na escola e/ou família.

A imersão nos canais de bate-papo possibilitou-me compreender que a escrita exerce um importante papel na vida do adolescente, auxiliando-o a amadurecer seus sentimentos, sua sensibilidade e comunicar-se.

A análise dos dados apontou para a necessidade de uma re-significação da interação entre escola e adolescente. As possibilidades e implicações dessas novas formas de leitura e escrita mediadas pelos chats precisam ser conhecidas e compreendidas pela Escola, para que os professores possam devolver aos alunos as funções expressiva e comunicativa da língua, o desejo de ler e escrever, a autoria, pois somente sendo autor o adolescente “interage com a língua, somente sendo ouvido e lido pelos outros ele se identifica, diferencia, cresce no seu aprendizado... somente sendo autor ele penetra na escrita viva e real, feita na história”.(Kramer, 1994.p.83).

Esta pesquisa atingiu o objetivo proposto inicialmente e abre perspectivas de investigação que, em virtude dos limites de uma dissertação de mestrado, não puderam ser explorados. A análise dos dados instigou-me a investigar as relações estabelecidas entre o adolescente escritor-autor de poemas, músicas, homepages e livros¹³ e o interlocutor/leitor virtual de sua obra, visto que muitos deles com os quais dialoguei, faziam do IRC um espaço de socialização de suas produções literárias.

Enfim, esta pesquisa representou um marco em minha vida. Descobri, a duras penas, que fazer uma dissertação é muito mais que produzir um trabalho acadêmico. É um verdadeiro e profundo exercício de pesquisa, de construção de conhecimento e também de autoconhecimento.

A concretização deste estudo tornou-se possível devido ao envolvimento em/com pesquisas (LIC 1996-2000). Experiência marcada pelo reencontro com a leitura e a escrita, pela descoberta de seus novos suportes e instrumentos. Primeiro, o computador, mais tarde, a Internet.

Foi pela oportunidade da pesquisa que "Anna-Julia e eu" – internauta e pesquisadora, vivenciamos o encontro com os adolescentes e comigo mesma, rememorando minha própria adolescência e re-significando minha existência. Re-significação que aconteceu na linguagem, que só foi possível no diálogo com o adolescente-internauta, na produção deste trabalho.

Para que emergisse um novo texto das vozes daqueles adolescentes, tal como uma semente que se lança à terra para germinar, que morre para dar origem a uma nova vida, Anna-Julia lançou-se num mergulho profundo nos canais de bate-papo. Explorou, respirou e viveu nesse espaço. Depois retornou à superfície, à terra firme.

Nesse retorno, a internauta Anna-Julia morre. Morre para reproduzir-se. E, assim, como da semente origina-se um novo fruto, de Anna-Julia floresce uma nova educadora, uma nova maneira de compreender o adolescente e suas relações com a leitura e a escrita.

Enfim, para mim, o encontro com os adolescentes e o mergulho no mundo virtual constituíram-se em experiências frutíferas, redimensionando minha prática enquanto professora, coordenadora pedagógica e, mais que isso, permitindo-me o encontro com a magia da palavra.

ANEXOS

9.1 - Anexo 1: Glossário de "internetês".

Seguem alguns exemplos dos termos utilizados nessa dissertação, cujos significados foram construídos e compreendidos nas conversações on-line no período em que eu estive teclando com os adolescentes:

4U = for you = para você

Auahaahauh = interjeição

AWAY = estar **away** significa estar *on line*, mas longe do microcomputador

Bjim = beijinho

BLZ ou blz ou Blz = beleza

BUÁÁÁÁ = choro

C = você

Chat = Serviço da Internet (bate-papo), que permite que as pessoas conversem entre si pelo computador.

DCC-Chat = janela de diálogo do mIRC semelhante ao PVT

Emoticons = ícones formados a partir de caracteres do teclado, que

expressam emoções.

Falow = adeus, até mais!

Hahahaha = tipo de risada

Hehehehehe = tipo de risada

Home page = conjunto de páginas de um site na Internet

IRC = Sistema de comunicação da Internet utilizado para bate-papo

IRContros = encontro de usuários dos chats

Ixi, putz, = exclamações

Kkkkkkkkkkkkkkkk = gargalhada

Lag = problemas na comunicação do IRC, ocasionando demora no envio e recebimento de mensagens.

Logs = conversas nos canais de bate-papo que são armazenadas em disco

mIRC = programa que permite entrar de forma síncrona em um bate-papo

Naum = não

Netiqueta = Conjunto de regras de utilização da Internet para contato com outros usuários.

Nickname = apelido usado quando o usuário não deseja ser identificado

PVT-me (Private me) = chamar alguém para teclar

Scripts = qualquer programa usado para executar comandos ou funções previamente determinados.

SNIFF ou **sniff!!** = choro

9.2 - Anexo 2: Abreviaturas

aki = aqui

4U = for you = para você

Bjim = beijinho

Blz = beleza

BUÁÁÁÁ = choro

C = você

gde = grande

Kd = cadê

mó = maior

mt = muito

N = não

pq = porque ou por que

q = que

qdo = quando

s = sim

Vc = você

T = tchau

T+ = até breve, até mais.

Tb = também

Tc = tecla, teclar

9.3 - Anexo 3: Produções escritas dos adolescentes internautas

9.3.1 - Produções literárias e cartas

San Valentine

Uma data sadia, enfim
Mais um anjo que pousa no mar
E o mar salgado repousa
Triste fim
Vinte e uma vezes: FIM
Uma vez por ano, sim
Mais uma vez, abandonado
Calado, mudo, magoado
Morto. Enterrado
O cemitério de sua alma repleto
Onde repousam sonhos que nem nasceram
Mortos pela realidade
A assassina da esperança
Que levou-lhe o mais sagrado
E lhe trouxe o frio, gelado

Da vida sem dor mas também sem amor
Que lhe deu como opção
Escrever sem dizer o que sente
Então, mente
E pela vigésima primeira vez adormece só
Nem lembra de si
Somente só
Uma vez por ano ele pode libertar-se
Mas nem tem forças mais pra isso
Olha as grades e correntes
Fecha os olhos novamente
Vai passar mais um ano
E nosso morto continua enterrado
Em seu próprio medo
Em seu próprio estado

Política Música

Vocês não sabem o que dizem
E se julgam nossa imagem
Aparecem na TV
Sem ao menos um disfarce
Vejam só o que eu fiz
Já não posso reclamar
E nem quando vou dormir
Consigo parar de pensar

Vocês se julgam tão normais
Não sabem o que querem mais
Se vocês ou o país
Nessa civilização
Que corre pela contramão
Sem nutrir uma raiz

Vocês não olham pro passado

De uma nação tão solitária
Sabem que está tudo errado e continuam a errar
Mas o que é que tem a ver!?!
Quem paga nunca são vocês
Vamos deixar pra lá
Não adianta reclamar....
Deixa pra lá

Quando nosso tempo acabar
É que todos vão pensar
Em tudo que perdemos
E pra não me esquecer
De tudo que eu queria ser
Resolvi me lembrar
De você...

Gramática

Não sei somar
Essa tal dessa gramática
É $A+1$ ou $B+2$?
O que importa?
Problema é da Matemática

Minha vida não é um teorema
E nem quero que seja
Essa regra decorada
De um tal de Pitágoras

Mas sei somar
Minha vida com a tua
Meu destino é uma
Produção de texto inacabada

Com erros ortográficos
Que a gramática corrige

Meu amor é tão certo
Quanto dois mais dois são quatro
Mas quem tem certeza que é quatro?
A deixa que a gramática explica

Temos a ciência com a força artificial
Força nuclear, para destruir vidas
Os mais fracos são fortes
E agradeçam a pólvora
Não existe homem fraco
Não existe desejo, mas sim ambição

E desse jeito que vamos ter futuro?
Só se for para ensinar essa gramática
Para nossos filhos
Gramática sem sentido

A Mais

Bem mais que ouvir eu desejo sentir as palavras
Bem mais que ver é preciso entender o sentido
Bem mais que dizer eu preciso entender o que sinto
Bem mais que um tempo o caminho parece infinito
Entre muitas palavras eu já nem bem sei o que digo
Entre tanta miséria é preciso certeza, é preciso estar vivo

Bem mais que lhe ver eu preciso sentir o seu corpo
Bem mais que morrer é preciso saber estar morto
Bem mais que chorar é preciso sorrir no final
Bem mais que a dor o lamento não pára o tempo

E entre tantas pessoas só você não está vendo
Que é preciso certeza, é preciso estar certo, é preciso estar vivo

Eu vim ver a absolvição
Perdi o regresso do cantor do palácio dos horrores
Eu quero crer que amanhã vai valer à pena
Nossas mãos imundas e alma tão limpa e serena
Eu quero paz no coração
Perdi minhas chaves a caminho da casa do governo
Eu nem ao menos sei se vai valer à pena
Mas o que mais importa é a alma limpa...
...e serena

Bem mais que um dia eu quero lhe ter por 10 anos
E que esses 10 anos passem como se fossem 50
Bem mais que o Sol a lua é essencial
Bem mais que romance é só necessária a nós uma chance
Pra dizer ao que veio sem entregar seus motivos
É preciso coragem, é preciso certeza, é preciso estar vivo.

Diariamente

Um dia pra todo o dia
Um dia pra se viver
Um dia que já surgia
Na calma do amanhecer
Um dia pra ser festivo
Regado ao que há de bom
Um dia chuvoso ou frio
Um dia a meio tom
Um dia a gente acerta as contas
E conta o que se escondia
No fundo do oceano
Nas bombas da Guerra Fria
Um dia eu te encontro
Sentada, triste, vazia

Um dia, quem sabe, um dia
 Você me procuraria

Um dia de paz
 Um dia pra nós
 Um dia no mês
 Um dia sem paz
 Um dia há mais por segundos num mês
 Um dia, Alegria
 Um dia, quem sabe um dia

Um dia de oito horas
 Só pra gente dormir
 Quem sabe você me acorda
 Num dia bem mais feliz
 Um dia, diariamente
 Nasce e põe-se a crescer
 Morre no fim do dia
 O mesmo, ; Eu já sabia !
 Então, quem sabe um dia
 Eu possa entender
 Por quê de tanta revolta
 Que chove e faz chover
 Água que rega o dia
 Mais do que eu já queria
 O dia que vira noite
 Da noite virá o dia

Um dia de paz
 Um dia pra nós
 Um dia no mês
 Um dia sem paz
 Um dia há mais por segundos num mês
 Um dia, Alegria
 Um dia, quem sabe um dia.

Doze Rosas

Ando por ai em caminhos infinitos
 Distraído, perdido, sozinho
 No meio das ruas
 De calçadas escuras e sinais apagados
 A noite é linda e triste

Me faz lembrar o passado
 Quando não sentia o que sinto
 E nem queria
 Admitir o que sinto pra mim mesmo
 Por isso não encontrava os caminhos
 E quando encontrei
 Me encontrei perdido

Perdido nessas ruas escuras
De que não quero mais lembrar

Tenho medo de dormir
Pra não sonhar
Tenho medo de sonhar

Pra não pensar
Não quero amar
Porque o amor trás recordações
Que doem no fundo do peito

Tenho caminhos a traçar
Livros para ler
Poesias para escrever
Mas em tudo está você
Em tudo está o meu amor

Não quero ouvir o silêncio
Pra não lembrar da sua voz
Quero perfume das rosas
Pra não sentir o seu
Não quero lembrar
Que já fomos nós
E agora somos eu e você

Você está distante
E eu estou partido
Por doze rosas
Que dessas uma era branca
E seus espinhos machucaram meu coração
Era você e eu nem percebi.

Os novos dias

Vamos esperar
Até alguém passar e se interessar
Fale ou cale, minta
E depois esqueça
Que sabe cometer tais erros
E lembre do que te falei
Só não vou falar de novo

Pois nem sempre é verdade
E continue a esperar
Se é que vira
Algo a esperar
Marque as horas num relógio de segundos
E não se esqueça o que vem pode ir
E o que foi vira e você verá
Mas tenha paciência, saiba esperar
Os novos dias viram
Novas vidas nasceram
Algumas vidas irão
Vamos esperar
Sem se calar
Todos voltaram
Boa noite
Boa noite.

Um dia Atrás

Tem um lugar pra mim no trem dessa vida
É só mais uma canção
A corda de um suicida
As páginas que ficaram pra trás
Não têm mais tanta importância
Você foi infantil demais
“Bons tempos a minha infância”

Eu só quero dizer que nunca lhe abandonaria
Tenho um bom coração e quem não teria
Nas tardes que sonhei com você fui feliz tanto que nem sabia
Hoje a tarde fui conhecer quem lhe ganhou nessa loteria

A história é longa demais
As pernas doem só de pensar
Fui te buscar tão longe e voltei sozinho
É tarde demais pra aprender o caminho
Um dia atrás eu estaria disposto
Mas estou ocupado esquecendo seu rosto.

Daniela,

Quando deito na cama a noite, fico pensando em você e, de repente começam a surgir palavras. Muitas palavras, palavras que não tive o tempo de te dizer.

Elas deveriam ser ditas olho no olho mas acho que essa chance está muito remota. Mas, também essas palavras não poderiam ficar guardadas, elas estão me machucando. São palavras tão bonitas mas quando não se pode dizê-las acho que elas acabam nos machucando.

Quando te conheci você era só uma colega mas que com o tempo uma grande amiga, uma pessoa linda e a cada vez que conversava com você tinha mais vontade de conhece-la e também te admirava mais por você ser essa

peessoa tão docê, meiga e simples. A pessoa mais linda que já conheci... e também a que mais amei e amo!!

Aquela noites que a gente passava conversando na net, foram as melhores, se a gente tivesse o poder de voltar no tempo era para lé que eu gostaria de voltar.

Mesmo sem te conhecer pessoalmente eu acabei me apaixonando, sem ter conversado ao menos cinco minutos eu já sentia você dentro de mim.

Sempre nos demos muito bem, acho que da para contar nos dedos de uma mão as vezes que discutimos ne? Lembro que uma das vezes que nos discutimos você me ignorou no mIRC, passei o dia todo triste mas também né a culpa foi minha... Quem mandou eu sentir ciume de você...!

Só quero que você saiba que eu te amo e que eu quero te ver feliz! Acho que a dor maior do que te perder é não te ver feliz e isso eu não quero nunca... Seja feliz!!!

TE AMO!!!

“ Quando tudo está perdido, sempre existe um caminho. Quando tudo está perdido sempre existe uma luz, mas não me diga isso.

Hoje a tristeza não é passageira, hoje fiquei com febre a tarde inteira. E quando chegar a noite, cada estrela aparecerá uma lágrima...”

Guilherme.

Dia 15/11/2000 6:17

Depois de uma noite com meus pensamentos.

La ra lembro da vez em que te conheci... éramos duas pessoas com medo do que sentíamos, meus conselhos, minha atenção, preocupação e principalmente meu amor eu não fui capaz de te demonstrar. E o tempo passou e tivemos mais uma oportunidade, será que seria legal não demonstrar o que realmente eu estou sentindo de novo? Não queria que acontecesse isso entre nos

Longe e muito acima das palavras, ultimamente trocávamos pensamentos, inconscientes ou não, carregados de intenções lindas, acompanhadas por sua inocência e doação que se camuflaram com cicatrizes do tempo. Sempre contei muito com sua presença...

Pensei que tudo entre nós poderia dar certo, apesar de ter conhecimento e consciência dos obstáculos que o próprio impostos durante a vida. Fico chateado quando dizem que a culpa é minha... Que as dificuldades são impostas por mim... Acredito na capacidade de crescer decidindo seus próprios caminhos, com idéias diferentes, mas com harmonia entre elas. Isso talvez chegue a parecer aquilo que os homens tentam, de maneira destorcida, chamar de orgulho... Prefiro chamar de livre arbítrio, liberdade de pensamento. O ser humano é quem faz o destino da vida, Eu só participo com a minha consciência.

Mas você se afastou... Como era bom conversar com você nas horas em que se encontrava feliz. Sentia-me muito bem quando dizia que estava alegre pelo simples fato de acreditar e confiar em você, compartilhando e atribuindo a mim sua felicidade. É ótimo ser responsável pelo bem estar de alguém. Mas por algum momento você me esqueceu...

Há simples momentos em seu cotidiano humano distantes de minha realidade , que me impressionam... Como no dia em que me senti surpreso ao ver que você ficou muito irritada com o atraso de sua namorada no local marcado. Percebi que não se sente bem em ter que esperar por uma pessoa que se atrasa, até mesmo a pessoa que ama. Não teve paciência e foi embora muito nervosa.

Como todos os outros dias, neste eu estava a sua disposição para conversar e te acalmar, você não quis, mas tudo bem... A paciência é virtude de poucos. Antes que falasse grosseiramente com sua você, queria que soubesse que também te esperei e espero durante todos os dias de minha vida.

Não se preocupe e nem se sinta ofendida, não quero que se afaste mais de mim. Somente quero você de volta... Não te liguei cobrando sua falta, e se tenho o poder sobre as coisas, poderia até colocar dificuldades em sua vida, fazendo assim, que você lembrasse de meu ombro. Achei melhor não... Não sou vingativo, sou compreensão, sou paciência e amizade.

É cômoda a posição de fazer alguém esperar por você, mas é angustiante, como você mesmo sabe, Ter que aguardar por muito tempo aqueles que amamos. Saiba que te amo... Te espero.

Sim, não sou realmente , como dizem por aí... Coração aberto, companheiro, mãos estendidas, e quero você, com, sua paixão, seu lindo olhar às vezes desconfiado. Quero seus problemas, talvez possamos resolvê-los juntos. Suas paixões desiludidas e impossíveis, o seu enorme amor, para compensar sua desobediência com eles. Suas soluções e seus erros fatais, e seus desejos carnis, seus braços abertos prontos para um abraço apertado, quem sabe façamos deles asas e te faço anjo. Quero suas dúvidas quanto a minha existência, para que Eu possa rebatê-las de imediato com provas concretas. Mas se persistirem, passe a duvidar da sua própria existência.

Desculpe...Talvez esteja fazendo algo que não faz parte de meu Ser. Longe das cobranças humanas... Prefiro acreditar que sentimentos são iguais para todos. Não privilegiei o homem com exclusividade nos sentimentos de tristeza e alegria, satisfação e decepção, e outros. Acredite ou não, acho que posso até estar, neste momento, com um desses sentimentos.

Mas não se preocupe comigo... Ainda reina também em mim o sentimento da esperança de que um dia você possa a vir me procurar novamente. Saiba que seja aonde estiver, na terra ou no céu, como anjo ou não, te acompanharei, e a esperarei .

Laura, é essa a minha mensagem.

Com amor e carinho Gustavo.

9.3. 2 - Exemplos de e-mails recebidos

----- Original Message -----

From: yxy

To: <anajulia@powerline.com.br>

Sent: Wednesday, February 21, 2001 1:37 AM

Subject: Re: oi!

Oi!

Adorei receber uma resposta sua!!!

Ana, qdo disse que ainda quero te ver, disse sério, quero mesmo

Vc é uma amiga, mesmo que virtual, hehehe, estranho isso né? amiga virtual, coisa doida...

Ana, me escreve de novo, gostei mesmo de ter lido um e-mail seu!

Ahhh, agora vc naum pode me zoar mais sobre o Flu, estamos ganhando todas, hawhawhaw

Naum esqueci das duas coisas que te prometi, tá? (o meu texto e o do Drummond) vou digitar meu texto aqui e te mando, promessa é dívida.

Ahh, tem mais uma coisa: To pensando em voltar a escrever!

To morrendo de sono, naum dormi nada hoje...

Amanha te escrevo mais, prometo.

Bjim na testa!!!

----- Original Message -----

From: xyx

To: anajulia@powerline.com.br

Sent: Tuesday, November 28, 2000 6:29 PM

Subject: Valeu

Miga, estou te enviando te lembrar que você está me devendo 7 centavos não é!!!!

H AUHAUHAUHAUHAUHU... 4x1 foi só pra esquentar, por que o próximo jogo vai ser lá no Rio, no Estádio do VASCO, ou seja, pode esperar uns 5 ou 6 no 1º tempo!!!

Vou fazer inveja em você, pq vou entrar de "férias" amanhã, coloquei entre aspas pq devo ter pegado recuperação :(é isso mesmo, adivinha em que devo ter pegado, na matéria em que fico mais quieto nas aulas, que não converso nem um pouquinho, presto atenção, não fico zuando o professor, faço todos os exercícios, essa matéria mesmo que você tá pensando, REDAÇÃO!!! **hehehe (não acho que tenha motivo pra ele me colocar de recuperação, você acha?!?!?) hauhauhauh**

Ana, nunca usei e-mail, estou passando a usar agora graças à você!!!

obs.: eu peguei emprestado um CD com uma colega minha, esse CD é muito gostoso de se escutar, não sei se gosta dessas músicas, o nome do CD é **THE GOLD COLLECTION ROCK AND ROLL** isso significa mais ou menos **A COLEÇÃO DOURADO DO ROCK AND ROLL!!!!** São os ROCK'S dos anos 50, 60 e 70, eu adoro aqueles rock's, pena que não vivi naquela época!!!!

9.4 - Emoticons utilizados pelos internautas:

&:-) Pessoa com o cabelo enrolado	:-') resfriado (1)
X-) Com vergonha ou tímido	:*) resfriado (2)
:-) Estou feliz	:- hmmmph!
B-) Estou feliz e de óculos	:-C queixo caído
:-(Triste ou com raiva	:-# beijo (1)
:-)))) Estou gargalhando	:-* beijo (2)
<:-) Você fez perguntas bobas	: * beijo (3)
(:-... Mensagem de partir o coração	:+) nariz grande
(:-O Assustado de chapéu	:-D gargalhando
:-/ Estou perplexa	:-} olhando maliciosamente p/ alguém
:-0 Estou impressionada	(:- canhoto
:-P Dando língua	:-9 lambendo os lábios
d:-) De boné	:- macaco
d:-P De boné, dando língua	:-{ bigode (1)
(:-(Estou muito triste	:-#) bigode (2)
:-x Mandando beijo	(-) precisando de um corte de cabelo
(:-x Mandando beijo	
:-D Rindo	
 -(de madrugada	:-^) nariz deslocado
:-'(Chorando	:8) porco
:-o Oh,não!!	:-? fumante de cachimbo
[]'s (abraços)	=:-) punk
:- zangado	:-" lábios franzidos
(:-) careca	 -] Robocop
:-) feliz	O:-) santo
:-(triste	:-@ gritando
B-) Batman	:-O chocado
:-)> barbudo	:-V berro
%+(espancado	 -) dormindo
?-) olho roxo	:-i fumante (1)
:-)X gravata borboleta	:-Q fumante (2)

R-) óculos quebrados	:-j fumante sorrindo
:^) nariz quebrado	:-6 gosto azedo da boca
 :-) sombrancelhas espessas	:-V falando
< :-) chinês	*:-) drogado
3:-) vaca	:-T lábios selados
:-t mal-humorado	:-p língua na bochecha, brincadeira
X-) estrábico	:-/ indeciso
:'- (chorando	:-[vampiro (1)
i-) detetive	:- < vampiro (2)
:-e desapontado	:-< vampiro (3)
:-)' babando	:-)= vampiro (4)
{;V pato	:-)) muito feliz
<:-) pergunta estúpida	:-((muito triste
5:-) Elvis	:-c muito infeliz
>:-) sorriso malicioso, maldoso	Cl:-) usando chapéu coco
:'''- (inundação de lágrimas	d:-) usando boné
/:-) francês	[::-) usando headfones
:::-) usuário de óculos	:-(#) usando aparelho dentário
8-) usuário de óculos	;-) piscando
8:) gorila	:-7 sorriso irônico
_m (o_o) m_ Espiando por cima do muro	I-O bocejando
:-} + :-) = ()> Vamos tomar um chopinho	@} —enviando uma rosa para alguém
	,,^..^,,,_ Espiando por cima do muro

10 - Referências Bibliográficas

AMORIM, Marília. O texto de pesquisa como objeto cultural e polifônico. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Instituto de Psicologia UFRJ/ Imago /CNPq, v.50, n.4, 1998.

ANDRADE, C. D. de. O outro. In: **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1987

_____ **A palavra mágica**. Rio de Janeiro: Record, 1998

BAKTHIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____ **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

_____ **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BERNARDES, A. S. Leitura e escrita na adolescência: uma questão de interesse. In: **FREITAS, M. T. A. & COSTA, S. R. Práticas sócio-culturais de leitura e escrita de adolescentes**. São Paulo: Musa, 2001 (no prelo)

BERNARDES, A. S. VIEIRA, P. M. T. No discurso produzido em salas de bate-papo da INTERNET, a descoberta de um espaço de formação e produção de linguagem de adolescentes. In: Relatório parcial da pesquisa **A construção/produção da escrita na Internet e na escola: uma abordagem sócio-cultural**. UFJF, Fev. 2001

BOGDAN, R. & BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

- BRAGA, Denise Bértoli. A constituição híbrida da escrita na internet: a linguagem nas salas de bate-papo e na construção dos hipertextos. **Leitura: teoria & prática**, pp. 23-29, 1/2000.
- BRANDÃO, H. H. N. Escrita, leitura e dialogicidade. In: BRAIT, B. (Org) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- BROCKMAN, J. Digerati: **Encontros com a elite digital**. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1997.
- BRONCKART, J. Atividade de linguagem, textos e discursos; por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999
- CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. Vol. I e II.
- CHARTIER, R. **A ordem dos livros**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.
- _____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.
- CD-ROM ANPEd. São Paulo, ANPEd/INEP/ Ação educativa, 1997.
- COSTA, S. R. Leitura e escrita de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. Veredas. **Revista de Estudos lingüísticos**. UFJF, v.4, nº 1, jan/jun, 2000.
- DARNTON, Robert. História da Leitura In: BURKE, Peter (org). **A escrita da História**. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1992. p.199-236.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

- FRANCO, M. A. **Ensaio sobre as tecnologias digitais da inteligência**. São Paulo, Papirus, 1997.
- FREITAS, Maria Teresa Assunção de. **Pesquisando leitura e escrita de adolescentes**. Relatório Final da Pesquisa “Práticas sócio-culturais de leitura e escrita de crianças e adolescentes”, 1999, p. (mimeo.)
- FREITAS, M. T. A. **Estudos qualitativos numa abordagem sócio-histórica**. Fórum de Investigação Qualitativa, II, 2000. Faculdade de Educação da Universidade Federal, 2000. Mimeo.
- FREITAS, M. T. A. (org) **Narrativas de Professoras: pesquisando leitura e escrita numa perspectiva sócio-histórica**. Rio de Janeiro: Ravil, 1998.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção & COSTA, S. R.; **A construção/produção da escrita na Internet e na escola: uma abordagem sócio-cultural**. Juiz de Fora: mimeo, 1999
- GALEANO, E. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 1994
- _____ **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara-Koogan, 1989. p. 13-41
- GUEDES, A. P. O. Leitura e escrita na contemporaneidade: práticas e crianças e adolescentes. In: **Anais do 12º COLE**. Campinas: UNICAMP, 1999.
- HILGERT, José Gaston. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na *internet*. In: PRETI, Dino (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2000.

KRAMER, Sonia. Escrita, experiência e formação- múltiplas possibilidades de criação de escrita. In: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith, VEIGA-NETO, Alfredo, LOPES, Alice Ribeiro Casimiro et al. **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KRAMER, Sonia. Linguagem e educação: um diálogo com Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin. In: FARACO, C. A. et all (org) **Diálogos com Bakhtin**. Paraná : Ed. da UFPR, 1996.

_____. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1994.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**. Belo Horizonte; Autêntica, 1999.

_____. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. N. **Caminhos investigativos: novos olhares na Educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996. P. 134-161

LASMAR, T.J. **Usos educacionais da internet: a contribuição das redes eletrônicas para o desenvolvimento de programas educacionais**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 1995.

LEITE, Vania A. M. **A Internet na Escola: um estudo sobre o modo como professores e alunos percebem a sua utilização com finalidades educacionais**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1998.

LE ROY, Luana. **A Internet na aprendizagem: aplicação do correio eletrônico em atividade pedagógica para alunos do ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado. UnB, Brasília, 1997.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. Tecnologias intelectuais e modos de conhecer: nós somos o texto. 2000
<http://www.geocities.com/augusta/6056/levy2.htm>

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

_____. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro:
Francisco Alves, 1993

MANGUEL, Alberto . **Uma história da leitura**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MARCUSHI, L. A. **Oralidade e escrita**. Conferência de abertura do II Encontro
Franco-brasileiro de Ensino de Língua. Natal, outubro de 1995. (mimeo.)

_____. **Linearização, Cognição e Referência: o desafio do hipertexto**. In:
Colóquio da Associação latinoamericana de analistas do discurso, IV, 1999, Chile.
Mimeo.

McCLEARY, L. **Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador**.
São Paulo: USP, 1998. Tese de doutorado em lingüística.

MEDEIROS, N. C. **O bate-papo na Internet: entre a oralidade e a escrita**. Dissertação
de Mestrado. PUC – MG, 2000.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Na malha da rede: os impactos íntimos da
Internet**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

- OLSON D. R. & TORRANCE, N. **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1995
- ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Trad. Enid Abreu. Campinas: Papirus, 1998.
- ORLANDI, E. P. Discurso e leitura. São Paulo: Cortez/UNICAMP: 1996
- PACHECO, Samuel Bueno. **Do sim-não ao porque: um estudo sobre a interação comunicativa via Internet**. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado: Universidade Federal Fluminense, 1997.
- PENAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PRATA. Mário. **Amor só de letras** (crônica recebida por e-mail)
- PORTO, S. D. (org). **Sexo e era tecnológica: um estudo de chats na Internet**. Brasília: UnB, 1999.
- PRETI, D. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social In: PRETI, Dino (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2000.
- Revista **VEJA**. Vida digital. n.1629, ano 32 , 22/12/99.
- SANTOS & XAVIER, O texto eletrônico e os gêneros do discurso. Veredas. **Revista de Estudos lingüísticos**. UFJF, v.4, nº 1, jan/jun, 2000.
- SARAMAGO, J. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SILVESTRI, Adriana; BLANCK, Guillermo. Qué es el lenguaje? In:_____. **Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia**. Barcelona: Anthropos,1993. P.217-243.

SOBRAL, Adail. **Internet na escola** – O que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

TAPSCOTT, Don. **Geração Digital: a crescente e irresistível ascensão da Geração Net.** São Paulo: Makron Books, 1999.

VIANNA, Hermano. As tribos da internet.
http://www.alternex.com.br/~esocius/t-herman.html-anota0*

VICENTE, G. H. **Relações de gênero social e democracia na Internet.** Dissertação de Mestrado em Linguística. UnB, 2000

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Obras escogidas IV.** Madrid: Visor, 1996.

_____. **La Imagination y a el arte en la infancia.** Mexico, Hispanicas, 1987.

ZENHA, L. Leitura na Internet. **<http://www.leiturainternet.cbj.net>**.

ZILVETI, M. País terá 11,6 mi de internautas em 2001. Caderno Informática. **Folha de São Paulo, 29/03/2000.**